(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO IX - 1º VOL. - JUN. 2018 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

Odysseas Elýtis

Mahmûd Darwîch

Cyprian Kamil Norwid

Dante Alighieri

William Shakespeare

Arthur Conan Doyle

Ernest Hemingway

Elizabeth Gaskell

Angela Carter

Francesco Petrarca

Hô Chí Minh

ISSN 2177-5141

16

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
නභනවා
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

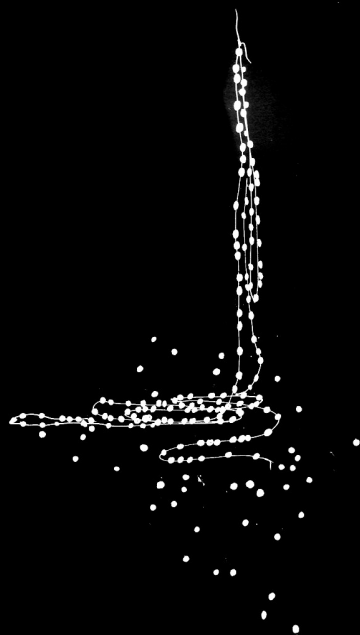
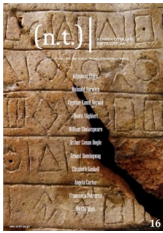
Semestral, ano 9, n. 16, 1º vol., jun. 2018
Bilíngue: 8 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Dropbox
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org

INTRO

"Estas não são lágrimas, mas pedras caídas."

Cyprian Norwid

EDITORIAL

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA
Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA
Amanda Zampieri

CONSULTORIA LINGUÍSTICA
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

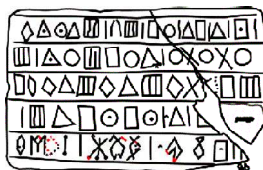
AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: ▪ Archive.org (EUA), para "Rime Petrose", de Dante Alighieri; ▪ Gutenberg.org (EUA), para "Sonnets", de Shakespeare; ▪ The Arthur Conan Doyle Encyclopedia (Inglaterra), para "The Beetle-Hunter", de Arthur Conan Doyle; ▪ Gutenberg.org (EUA), para "The Half-Brothers", de Elizabeth Gaskell; ▪ Bibliotheca Augustana (Alemanha), para "De Ascensu Montis Ventosi", de Petrarca; ▪ Nhà Xuất Bản Văn Học (Vietnã), para "獄中日記", de Hồ Chí Minh.. **Direitos de publicação:** ▪ Ίκαρος (Grécia), para "Έξι και μια τύψεις για τον ουρανό", de Odysseas Elýtis; ▪ وزارة الثقافة (Argélia), para "ثُلاثيّة الانتظار", de Mahmûd Darwîch; ▪ Algo (Polônia), para "W uszach mi szumi", de Cy-prian Norwid; ▪ antiga Editora Laemmert (Brasil), para "Diário da Prisão", de Hồ Chí Minh.

A história narra que as primeiras tentativas de se criar sistemas de escrita aconteceram por volta do 3º milênio a.C., no vale dos rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, e às margens do rio Nilo, no Egito, quase ao mesmo tempo, de modo que não é possível atribuir o aparecimento da escrita a uma ou outra dessas antigas civilizações, pois ambas desenvolveram, de forma independente, seus próprios sistemas de representação gráfica: a escrita cuneiforme e os hieróglifos.

Os sumérios começaram a desenvolver sua escrita pictográfica durante o 3º milênio a.C., a qual foi usada por quase três mil anos, por mais de quinze línguas diferentes, incluindo a persa, a babilônica, a acádia, etc. A Tabuinha de Kish, datada de 3500 a.C., é o artefato mais antigo em cuneiforme conhecido até então, encontrada na aldeia de Tell al-Uhaymir, no Iraque. No entanto, essa origem é dividida com a escrita hieroglífica dos egípcios, que perdurou até o século IV d.C., e da qual se originaram outros sistemas, como o hierático, o demótico, o copta, etc. Um conjunto de vasilhas e tabletes de argila, datados de 3400 a.C., são considerados os primeiros registros em hieróglifos, achados em Abidos, no Egito.

Contudo, os primórdios da escrita estavam para ser recontados quando, em 2005, uma equipe internacional de arqueólogos descobriu, no Irã, um tablete de barro contendo outro sistema de escrita datado do 3º milênio a.C., conhecido como a Inscrição de Jiroft. Achado nas proximidades do rio Halil, no sítio de Konar Sandal, em Jiroft, o artefato, que ainda não foi decifrado, data de 3000 a.C. Ele contém formas geométricas que indicam inscrições de origem proto-elamita, o que pode fornecer uma possível explicação à origem da língua elamita falada outrora no Oriente próximo, cuja raiz não apresenta relação com as línguas sumérias, semíticas ou indo-europeias.

Até o descobrimento do tablete de Jiroft, capa desta edição da (n.t.), as únicas inscrições de 5 mil anos conhecidas eram a cuneiforme e a hieroglífica, mas, ao que parece, o mistério que sonda a origem da escrita ainda permanece, quiçá até outro artefato ser recuperado em meio às ruínas do passado. O nascimento da escrita representa o fim da pré-história e o início da história, e a partir de seu desenvolvimento surgiu a literatura, que é sua herdeira direta, pois, embora não tenha despontado com ela, e sim, um milênio depois, só se tornou possível com a escrita, cuja *Epopeia de Gilgamesh* representa, até então, a obra literária mais antiga conhecida (séc. XX a.C.).

E é por evocar essa milenar tradição, da palavra escrita, grafada e impressa que abrimos este número com as seleções poéticas, primeiro, com a tradução de *Seis e uma mágoas para o céu* | *Έξι και μια τύψεις για τον ουρανό*, do poeta grego Odysseas Elýtis, por Miguel Sulis, seguida da *Trilogia da Espera* | ثُلاثيّة الانتظار , do poeta palestino Mahmûd Darwîch, por Safa A-C Jubran; *Rumor nos ouvidos* | *W uszach mi szumi*, do polonês Cyprian Norwid, por Olga Kempińska; e de dois clássicos da poesia universal, as *Rimas Pétreas* | *Rime Petrose*, de Dante, por Débora Berté, e os *Sonetos* | *Sonnets*, de Shakespeare, por Emmanuel Santiago.

Na seção seguinte, apresentamos quatro narrativas em língua inglesa, iniciando com *O caçador de besouros* | *The Beetle-Hunter*, de Arthur Conan Doyle, por Sandra Keli F. V. dos Santos; *Um velho senhor na ponte* | *Old man at the bridge*, de Ernest Hemingway, por Christiano Titoneli Santana; *O meio-irmão* | *The Half-Brothers*, de Elizabeth Gaskell, por Ana Rita Caldart; e *A companhia dos lobos* | *The Company of Wolves*, de Angela Carter, por Luiza Leite Ferreira. E nos "ensaios", a carta em latim de Francesco Petrarca, *A ascensão do Monte Ventoso* | *De Ascensu Montis Ventosi*, por Felipe Guarnieri.

Por fim, na seção de encerramento da revista, que relembra antigas traduções quase esquecidas, republicamos o *Diário da Prisão* | 獄中日記 | *Nhật ký trong tu*, do revolucionário e estadista Hồ Chí Minh, em formato trilíngue: chinês, vietnamita e português. Escrito originalmente em chinês pelo autor, foi traduzido ao vietnamita por Nam Trân, enquanto que a tradução ao português, feita a partir da edição francesa e publicada há mais de meio século, em 1968, é assinada por Coema Simões e Moniz Bandeira.

Esses textos e autores, alguns ainda inéditos em língua portuguesa, são como esses antigos registros de escritas encontrados mundo afora que esperam por arqueólogos e linguistas capazes de decodificá-los, pois, a seu modo, seguem nas prateleiras e nas estantes virtuais das bibliotecas espalhadas pelo globo, esperando o leitor ideal, que também irá decifrá-los, página a página, verso a verso, no original, ou então, por meio de sua *re*escrita, a tradução.

Boa leitura sem fronteiras! ■

Os editores
Desterro, fevereiro de 2020.

(n.t.) | 16°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

CONTOS

CONTOS

ENSAIOS

MEMÓRIA

poesia

(n.t.) | Yazd

Seis e uma mágoas para o céu

Odysseas Elýtis

O texto: Composto entre 1956 e 1958 e publicado pela primeira vez em 1960, "Seis e uma mágoas para o céu" apresenta um original grego estrito, em versos livres e pulsantes, pontuação desolada e uma sintaxe cabal. A obscuridade ou claridade que resulta se expressa também nos números, como uma chave que se reitera ao longo do poema, qual fórmula mágica, entre culpabilidade e inocência, sonho e realidade, palavra e silêncio.

Texto traduzido: Ελύτης, Ο. *Ποίηση*. Αθήνα: Ίκαρος, 2002, σελίδες 185-199.

O autor: Odysseas Elýtis, nome literário de Odysseas Alepoudéllis (Οδυσσέας Αλεπουδέλλης), é considerado um dos três gigantes da poesia grega do século XX (ao lado de Kaváfis e Seféris), e um dos grandes poetas do séc. XX em geral. Ganhador do prêmio Nobel de literatura (1979), teve sua obra aclamada e traduzida em diversos idiomas. Em português, permanece pouco divulgado. Sua poesia, conquanto moderna na concepção e na técnica, drena sua seiva da quase trimilenária e sempre viva tradição literária grega, e, sem abandonar o particular helênico, abarca o universal humano. Elýtis nasceu em Iráklio, Creta, em 1911, e morreu em Atenas em 1996.

O tradutor: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu Solomós, Rufinos, Kaváfis, Ritsos, Forugh Farrokhzad, Sacher-Masoch e Haris Vlavianos.

Έξι και μια τύψεις για τον ουρανό

“ Διάβαζαν άπληστα τον κόσμο με τα μάτια τ' ανοιχτά για πάντα,
κει που μεμιάς τους έριξε το Ασάλευτο.”

ΟΔΥΣΣΕΑΣ ΕΛΥΤΗΣ

Ο ΑΓΡΑΜΜΑΤΟΣ ΚΑΙ Η ΩΡΑΙΑ

Συχνά, στην Κοίμηση του Δειλινού, η ψυχή της έπαιρνε αντίκρυ απ' τα βουνά μιαν αλαφράδα, μόλο που η μέρα ήταν σκληρή και η αύριο άγνωστη.

Όμως, όταν σκοτείνιαζε καλά κι έβγαινε του παπά το χέρι πάνω από το κηπάκι των νεκρών, Εκείνη

Μόνη της, Όρθια, με τα λιγοστά της νύχτας κατοικίδια -το φύσημα της δεντρολιβανιάς και την αθάλη του καπνού από τα καμίνια- στης θαλάσσης την έμπαση αγρυπνούσε

Αλλιώς ωραία!

Λόγια μόλις των κυμάτων ή μισομαντεμένα σ' ένα θρόισμα, κι άλλα που μοιάζουν των αποθαμένων κι αλαφιάζονται μέσα στα κυπαρίσσια, σαν παράξενα ζώδια, τη μαγνητική δορυφορώντας κεφαλή της άναβαν. Και μία

Καθαρότη απίστευτη άφηνε, σε μέγα βάθος μέσα της, το αληθινό τοπίο να φανεί

Όπου, σιμά στον ποταμό, παλεύανε τον Άγγελο οι μαύροι άνθρωποι, δείχνοντας με ποιόν τρόπο γεννιέται η ομορφιά

Ή αυτό που εμείς, αλλιώς, το λέμε δάκρυ.

Κι όσο βαστούσε ο λογισμός της, ένιωθες, εξεχείλιζε την όψη που έλαμπε με την πίκρα στα μάτια και με τα πελώρια, σαν παλιάς Ιεροδούλου, ζυγωματικά

Τεντωμένα στ' ακρότατα σημεία του Μεγάλου Κυνός και της Παρθένου.

«Μακριά απ' τη λοιμική της πολιτείας, ονειρεύτηκα στο πλάι της μιαν ερημιά, όπου το δάκρυ να μην έχει νόημα, κι όπου το μόνο φως να 'ναι από την πυρά που κατατρώγει όλα μου τα υπάρχοντα.

»Ώμο τον ώμο οι δυο μαζί ν' αντέχουμε το βάρος από τα μελλούμενα, ορκισμένοι στην άκρα σιγαλιά και στη συμβασιλεία των άστρων

»Σαν να μην κάτεχα, ο αγράμματος, πως είναι κει ακριβώς, μέσα στην άκρα σιγαλιά, που ακούγονται οι πιο αποτρόπαιοι κρότοι

»Και πως, αφότου αβάσταχτη έγινε στου αντρός τα στέρνα η μοναξιά, σκόρπισε κι έσπειρε άστρα!»

Η ΑΥΤΟΨΙΑ

Λοιπόν, ευρέθηκε ο χρυσός της λιόριζας να 'χει σταλάξει στα φύλλα της καρδίας του.

Κι από τις τόσες φορές οπού ξαγρύπνησε, σιμά στο κηροπήγιο, καρτερώντας τα χαράματα, μια πυράδα παράξενη του 'χε αρπάξει τα σωθικά.

Λίγο πιο κάτω από το δέρμα, η κυανωπή γραμμή του ορίζοντα έντονα χρωματισμένη. Και άφθονα ίχνη γλαυκού μέσα στο αίμα.

Οι φωνές των πουλιών, που 'χε σ' ώρες μεγάλης μοναξιάς αποστηθίσει, φαίνεται να ξεχύθηκαν όλες μαζί, τόσο που δεν εστάθη βολετό να προχωρήσει σε μεγάλο βάθος το μαχαίρι.

Μάλλον η πρόθεση άρκεσε για το Κακό

Που τ' αντίκρισε -είναι φανερό- στη στάση την τρομαχτική του αθώου. Ανοιχτά, περήφανα τα μάτια του, κι όλο το δάσος να σαλεύει ακόμη πάνω στον ακηλίδωτον αμφιβληστροειδή.

Στον εγκέφαλο τίποτε, πάρεξ μια ηχώ ουρανού καταστραμμένη. Και μονάχα στην κόγχη από τ' αριστερό του αυτί, λίγη, λεπτή, ψιλούτσικη άμμο, καθώς μέσα στα όστρακα. Οπού σημαίνει ότι πολλές φορές είχε βαδίσει πλάι στη θάλασσα, κατάμονος, με το μαράζι του έρωτα και τη βοή του άνεμου.

Όσο γι' αυτά τα ψήγματα φωτιάς πάνω στην ήβη, δείχνουν ότι στ' αλήθεια πήγαινε ώρες πολλές μπροστά, κάθε φορά οπού έσμιγε γυναίκα.

Θα 'χουμε πρώιμους καρπούς εφέτος.

Ο ΥΠΝΟΣ ΤΩΝ ΓΕΝΝΑΙΩΝ

Μυρίζουν ακόμη λιβανιά, κι έχουν την όψη καμένη από το πέρασμά τους στα Σκοτεινά Μεγάλα Μέρη.

Κει που μεμιάς τους έριξε το Ασάλευτο Μπρούμυτα, σ' ένα χώμα που κι η πιο μικρή ανεμώνα του θα' φτανε να πικράνει τον αέρα του Άδη

(Το' να χέρι μπρος, έλεγες πολεμούσε ν' αρπαχτεί απ' το μέλλον, τ' άλλο κάτω απ' την έρμη κεφαλή, στραμμένη με το πλάι

Σαν να θωρεί στερνή φορά, μέσα στα μάτια ενός ξεκοιλιασμένου αλόγου, σωρό τα χαλάσματα καπνίζοντας)

Κει τους απάλλαξε ο Καιρός. Η φτερούγα η μια, η πιο κόκκινη, κάλυψε τον κόσμο, την ώρα που η άλλη, αβρή, σάλευε κιόλας μες στο διάστημα.

Και καμιά ρυτίδα ή τύψη, αλλά σε βάθος μέγα

Το παλιό αμνημόνευτο αίμα που αρχινούσε με κόπο να χαράζεται, μέσα στη μελανάδα τ' ουρανού

Ήλιος νέος, αγίνωτος ακόμη

Που δεν έσωνε να καταλύσει την πάχνη των αρνιών από το ζωντανό τριφύλλι, όμως πριν καν πετάξει αγκάθι αποχρησμοδοτούσε το έρεβος...

Κι απαρχής Κοιλάδες, Όρη, Δέντρα, Ποταμοί

Πλάση από γδικιωμένα αισθήματα έλαμπε, απαράλλαχτη και αναστραμμένη, να τη διαβαίνουν οι ίδιοι τώρα, με θανατωμένο μέσα τους τον Δήμιο

Χωρικοί του απέραντου γαλάζιου!

Μήτε η ώρα δώδεκα χτυπώντας μες στα έγκατα, μήτε η φωνή του Πόλου κατακόρυφα πέφτοντας, αναιρούσανε τα βήματα τους.

Διάβαζαν άπληστα τον κόσμο με τα μάτια τ' ανοιχτά για πάντα, κει που μεμιάς τους έριξε το Ασάλευτο

Μπρούμυτα, κι όπου με βία κατέβαιναν οι γύπες να ευφρανθούν τον πηλό των σπλάχνων τους και το αίμα.

Ο ΥΠΝΟΣ ΤΩΝ ΓΕΝΝΑΙΩΝ

(Παραλλαγή)

Μυρίζουν ακόμη λιβάνια, κι έχουν την όψη καμένη από το πέρασμά τους στα Σκοτεινά Μεγάλα Μέρη.

Κει που μεμιάς τους έριξε το Ασάλευτο

Μπρούμυτα, σ' ένα χώμα που κι η πιο μικρή ανεμώνα του θα 'φτανε να πικράνει τον αέρα του Άδη

(Το' να χέρι μπρος, έλεγες πολεμούσε ν' αρπαχτεί απ' το μέλλον, τ' άλλο κάτω απ' την έρμη κεφαλή, στραμμένη με το πλάι

Σαν να θωρεί στερνή φορά, μέσα στα μάτια ενός ξεκοιλιασμένου αλόγου, σωρό τα χαλάσματα καπνίζοντας)

Κει τους απάλλαξε ο Καιρός. Η φτερούγα η μια, η πιο κόκκινη, κάλυψε τον κόσμο, την ώρα που η άλλη, αβρή, σάλευε κιόλας μες στο διάστημα

Και καμιά ρυτίδα ή τύψη, αλλά σε βάθος μέγα

Το παλιό αμνημόνευτο αίμα που αρχινούσε με κόπο να χαράζεται, μέσα στη μελανάδα τ' ουρανού

Ήλιος νέος, αγίνωτος ακόμη

Που δεν έσωνε να καταλύσει την πάχνη των αρνιών από το ζωντανό τριφύλλι, όμως πριν καν πετάξει αγκάθι αποχρησμοδοτούσε το έρεβος...

Κι απαρχής Κοιλάδες, Όρη, Δέντρα, Ποταμοί

Πλάση από γδικιωμένα αισθήματα έλαμπε, απαράλλαχτη κι αναστραμμένη, να τη διαβαίνουν οι ίδιοι τώρα, με θανατωμένο μέ σα τους τον Δήμιο

Χωρικοί του απέραντου γαλάζιου!

Δίχως μήνες και χρόνοι να λευκαίνουν το γένι τους, με το μάτι εγύριζαν τις εποχές, ν' αποδώσουν στα πράγματα το αληθινό τους όνομα

Και στο κάθε βρέφος που άνοιγε τα χέρια, ούτε μία ηχώ, μοναχά το μένος της αθωότητας που ολοένα δυνάμωνε τους καταρράχτες...

Μια σταγόνα καθαρού νερού, σθεναρή πάνω απ' τα βάραθρα, την είπανε Αρετή και της έδωσαν ένα λιγνό αγορίστικο σώμα.

Όλη μέρα τώρα η μικρή Αρετή κατεβαίνει κι εργάζεται σκληρά στα μέρη όπου η γη από άγνοια σήπονταν, κι είχαν οι άνθρωποι ανεξήγητα μελανουργήσει

Αλλά τις νύχτες καταφεύγει πάντα εκεί ψηλά στην αγκαλιά του Όρους, καθώς μέσα στα μαλλιαρά στήθη του Αντρός.

Και η άχνα που ανεβαίνει απ' τις κοιλάδες, έχουν να κάνουν πως δεν είναι λέει καπνός, μα η νοσταλγία που ξεθυμαίνει από τις χαραμάδες του ύπνου των Γενναίων.

ΛΑΚΩΝΙΚΟΝ

Ο καημός του θανάτου τόσο με πυρπόλησε, που η λάμψη μου επέστρεψε στον ήλιο.

Κείνος με πέμπει τώρα μέσα στην τέλεια σύνταξη της πέτρας και του αιθέρος

Λοιπόν, αυτός που γύρευα, ε ί μ α ι.

Ω λινό καλοκαίρι, συνετό φθινόπωρο

Χειμώνα ελάχιστε

Η ζωή καταβάλλει τον οβολό του φύλλου της ελιάς

Και στη νύχτα μέσα των αφρόνων μ' ένα μικρό τριζόνι κατακυρώνει πάλι το νόμιμο του Ανέλπιστου.

ΚΑΤΑΓΩΓΗ ΤΟΥ ΤΟΠΙΟΥ

ή

ΤΟ ΤΕΛΟΣ ΤΟΥ ΕΛΕΟΥΣ

Μονομιάς, η σκιά της χελιδόνας θέρισε τα βλέμματα των νοσταλγών της: Μεσημέρι.

Άδραξε μυτερό χαλίκι, κι αργά, με δεξιοσύνη, ο ήλιος, πάνω απ' τον ωμό της Κόρης του Ευθυδίκου, χάραξε τα πτερύγια των ζεφύρων.

Το φως δουλεύοντας τη σάρκα μου, φάνηκε μια στιγμή στο στήθος το μενεξεδί αποτύπωμα, κει που η τύψη μ' άγγιξε κι έτρεχα σαν τρελός. Ύστερα, μες στα πλάγια φύλλα ο ύπνος μ' αποστέγνωσε, κι έμεινα μόνος. Μόνος.

Ζήλεψα τη σταλαγματιά που απαρατήρητη δόξαζε τα σκίνα. Όμοια να 'μουν στο έκπαγλο μάτι που αξιώθηκε να δει το τέλος του Ελέους!

Ή μήνα κι ήμουν; Στην τραχύτη του βράχου, ανάρραγου από την κορφή ως τα βάραθρα, γνώρισα τα πεισματικά σαγόνια μου. Που σπάραζαν το κτήνος μέσα στον άλλον αιώνα.

Και η άμμο πέρα, κατακαθισμένη από την ευφροσύνη που μου 'δωκεν η θάλασσα, κάποτε, σαν βλαστήμησαν οι άνθρωποι κι άνοιγα τις οργιές με βιάση να ξεδώσω μέσα της· να 'ταν αυτό που γύρευα; η αγνότητα;

Το νερό αναστρέφοντας το ρέμα του, μπήκα στο νόημα της μυρσίνης όπου φυγοδικούν οι ερωτευμένοι. Άκουσα ξανά το μετάξι που έψαυε τα τριχωτά μου στήθη ασθμαίνοντας. Και η φωνή «χρυσέ μου», νύχτα, μέσα στη ρεματιά, που έκοβα το στερνό πρυμνήσιο των άστρων και πρόσεχε να πάρει σχέδιο τ' αηδόνι.

Τι λαχτάρες αλήθεια και τι χλευασμούς εδέησε να περάσω, με το λίγο του όρκου στα δυο μάτια και τα δάχτυλα έξω απ' τη φθορά. Τέτοιες χρονιές -α ναι- θα 'ταν που εργαζόμουν να γίνει τόσο τρυφερό το απέραντο γαλάζιο!

Είπα. Και στρέφοντας το πρόσωπο, μες στο φως ξανά το αντίκριζα να με ατενίζει. Δίχως έλεος.

Κι ήταν αυτό η αγνότητα.

Όμορφη, κι απ' των χρόνων το σκίασμα συλλογισμένη, κάτω απ' τον σημαφόρο του ήλιου, η Κόρη του Ευθυδίκου δάκρυζε

Που μ' έβλεπε να περπατώ, πάλι μέσα στον κόσμο αυτόν, χωρίς θεούς, αλλά βαρύς απ' ό,τι, ζώντας, αφαιρούσα του θανάτου.

Μονομιάς, η σκιά της χελιδόνας θέρισε τα βλέμματα των νοσταλγών της: Μεσημέρι.

Ο ΑΛΛΟΣ ΝΩΕ

Έριξα τους ορίζοντες μες στον ασβέστη, και με χέρι αργό αλλά σίγουρο πήρα να χρίσω τους τέσσερις τοίχους του μέλλοντος μου.

Η ασέλγεια, είπα, είναι καιρός ν' αρχίσει τώρα το ιερατικό της στάδιο, και σε μια Μονή Φωτός ν' ασφαλίσει την υπέροχη στιγμή που ο άνεμος έξυσε λίγο συννεφάκι πάνω από τ' ακρότατο δέντρο της γης.

Κείνα που μόνος μόχθησα να βρω, για να κρατήσω το ύφος μου μέσα στην καταφρόνια, θα 'ρθουν -από το δυνατό του ευκαλύπτου οξύ ως το θρόισμα της γυναίκας- να σωθούν στης ασκητείας μου την Κιβωτό.

Και το πιο μακρινό και παραγκωνισμένο ρυάκι, κι απ' τα πουλιά το μόνο που μ' αφήκαν, το σπουργίτι, κι από το πενιχρό της πίκρας λεξιλόγιο, δύο, καν τρία, λόγια: *ψωμί, καημός, αγάπη...*

(Ω Καιροί που στρεβλώσατε το ουράνιο τόξο, κι απ' το ραμφί του σπουργιτιού αποσπάσατε το ψίχουλο, και δεν αφήσατε μήτε μια τόση δα φωνούλα καθαρού νερού να συλλαβίσει στη χλόη την αγάπη μου

Εγώ, που αδάκρυτος υπόμεινα την ορφάνια της λάμψης, ω Καιροί, δε συγχωρώ.)

Κι όταν, ο ένας του άλλου τρώγοντας τα σπλάχνα, λιγοστέψει ο άνθρωπος, κι από τη μια στην άλλη

Γενεά, κυλώντας το Κακό, αποθηριωθεί μες στο παντερειπωτικό ουράνιο

Τα λευκά της μοναξιάς μου μόρια, πάνω από τη σκουριά του χαλασμένου κόσμου στροβιλίζοντας, θα παν να δικαιώσουν τη μικρή μου σύνεση

Κι αρμοσμένα πάλι τους ορίζοντες μακριά θ' ανοίξουν, ένα ένα στα χείλη του νερού να τρίξουν τα λόγια τα πικρά

Το παλιό μου της απελπισίας νόημα δίνοντας

Ωσάν δάγκωμα σε φύλλο ουρανικού ευκαλύπτου, η αγία των ηδονών ημέρα να μυρίσει

Και γυμνή ν' ανέβει το ρεύμα του Καιρού η γυναίκα η Χλοοφόρος

Που μ' αργότη ανοίγοντας βασιλική τα δάχτυλα, μια για πάντα θα στείλει το πουλί

Στων ανθρώπων τον ανίερο κάματο, από κει που έσφαλε ο Θεός, να στάξει

Τρίλια της Παράδεισος!

ΕΦΤΑ ΜΕΡΕΣ ΓΙΑ ΤΗΝ ΑΙΩΝΙΟΤΗΤΑ

ΚΥΡΙΑΚΗ-Πρωί, στο Ναό του Μοσχοφόρου. Λέω: να γίνει αληθινή σαν δέντρο η ωραία Μυρτώ· και τ' αρνάκι της, κοιτάζοντας ίσια στα μάτια το δολοφόνο μου, για μια στιγμή, να τιμωρήσει το πικρότατο μέλλον.

ΔΕΥΤΕΡΑ-Παρουσία χλόης και νερού στα πόδια μου. Που θα πει πως υπάρχω. Πριν ή μετά το βλέμμα που θα μ' απολιθώσει, το δεξί χέρι ψηλά κρατώντας έναν πελώριο γαλάζιο Στάχυ. Για να ιδρύσω τα Νέα Ζώδια.

ΤΡΙΤΗ-Έξοδος των αριθμών. Πάλη του 1 με το 9 σε μια παραλία πανέρημη, γεμάτη μαύρα βότσαλα, φύκια σωρούς, μεγάλες ραχοκοκαλιές θηρίων στα βράχια.

Τα δυο παλιά κι αγαπημένα μου άλογα, χρεμετίζοντας όρθια πάνω από τους ατμούς που ανεβάζει το θειάφι της θαλάσσης.

ΤΕΤΑΡΤΗ-Από την άλλη μεριά του Κεραυνού. Το καμένο χέρι που θα ξαναβλαστήσει. Να ισιώσει τις πτυχές του κόσμου.

ΠΕΜΠΤΗ-Ανοιχτή θύρα: σκαλοπάτια πέτρινα, κεφαλές από γεράνια, και πιο πέρα στέγες διάφανες, χαρταετοί, τρίμματα χοχλιδιών στον ήλιο. Ένας τράγος μηρυκάζει αργά τους αιώνες, κι ο καπνός, γαλήνιος, ανεβαίνει μέσ' από τα κέρατα.

Την ώρα που κρυφά, στην πίσω αυλή, φιλιέται η κόρη του περι-

βολάρη, κι από την πολλή αγαλλίαση μια γλάστρα πέφτει και τσακίζεται.

Α, να σώσω αυτόν τον ήχο!

ΠΑΡΑΣΚΕΥΗ- «Της Μεταμορφώσεως» των γυναικών που αγάπησα χωρίς ελπίδα: Ηχώ: Μα-ρί-νααα! Ε-λέ-νηηη! Κάθε χτύπος καμπάνας, κι από μια πασχαλιά στην αγκαλιά μου. Ύστερα φως παράξενο, και δύο ανόμοια περιστέρια που με τραβούν ψηλά σ' ένα μεγάλο κισσοστολισμένο σπίτι.

ΣΑΒΒΑΤΟ-Κυπαρίσσι από το σόι μου, που το κόβουν άντρες βλοσυροί και αμίλητοι: γι' αρρεβώνα ή θάνατο. Σκάβουν το χώμα γύρω και το ραντίζουν με γαριφαλόνερο.
Έχοντας εγώ κιόλας απαγγείλει τα λόγια που απομαγνητίζουν το άπειρο!

SEIS E UMA MÁGOAS PARA O CÉU

"Liam vorazmente o mundo com os olhos abertos para sempre,
lá onde de súbito os jogou o Inabalável."

ODYSSEAS ELÝTIS

O ILETRADO E A BELA

Amiúde, no Sono do Ocaso, sua alma tomava um frescor frente às montanhas, apesar do dia duro e do amanhã ignoto.

Contudo, quando escurecia bem e erguia-se a mão do padre sobre o jardineto dos mortos, Ela

Sozinha, em pé, com os poucos moradores da noite – o sopro do alecrim e a fuligem da fumaça das chaminés – nos umbrais do mar velava

Distintamente bela!

Apenas palavras das ondas ou meio adivinhadas em um frêmito, e outras que se parecem às dos mortos e assombram-se entre os ciprestes, como estranhas constelações zodiacais, orbitando sua cabeça magnética acendiam. E uma

Clareza incrível, à grande profundidade dentro de si, deixava a paisagem verdadeira transparecer.

Ao lado do rio, onde os homens negros lutavam com o Anjo, mostrando de que maneira nasce a beleza

Ou aquilo que nós, aliás, chamamos de lágrima.

E enquanto durava seu pensamento, sentias que transbordava sua face que brilhava com a amargura nos olhos e com imensas bochechas, como de antiga Hierodula,

Tendidas nos longínquos pontos do Cão Maior e de Virgem.

“Longe da pestilência da cidade, sonhei com um deserto a seu lado, onde a lágrima não tivesse sentido, e onde a única luz fosse do incêndio que devora todos os meus pertences.

“Ombro a ombro nós dois juntos suportamos o peso do futuro, jurados ao mais absoluto silêncio e ao reinado das estrelas,

“Como se eu não soubesse, que é exatamente lá, em meio ao mais absoluto silêncio, que se ouvem os mais abomináveis barulhos

“E que, ao tornar-se insustentável no peito do homem a solidão se dispersou e semeou estrelas!”

A AUTÓPSIA

Então, descobriu-se que o ouro da raiz da oliveira pingara nas folhas de seu coração.

E das tantas vezes em que velou, ao lado do castiçal, esperando o alvorecer, um ardor estranho arrebatara suas entranhas.

Pouco abaixo da pele, a linha ciã do horizonte intensamente colorida. E abundantes vestígios glaucos no sangue.

As vozes dos pássaros, que decorara em horas de grande solidão, parece que se derramaram todas juntas, tanto que não foi fácil avançar a faca a grande profundidade.

Provavelmente a intenção bastou ao Mal,

Que o enfrentou – é evidente – na posição aterrada do inocente. Abertos, altivos seus olhos, e toda a floresta ainda oscilando sobre sua retina imaculada.

No encéfalo nada, exceto um eco destruído do céu.

E só na concha de sua orelha esquerda, pouca, fina, miudinha areia, como a das ostras. O que significa que muitas vezes caminhara junto ao mar, sozinho, com o desalento do amor e o murmúrio do vento.

Quanto a essas palhas de fogo sobre o púbis, mostram que na verdade avançava muitas horas, cada vez que possuía uma mulher.

Teremos frutos temporãos este ano.

O SONO DOS BRAVOS

Cheiram ainda a olíbano, e tem o rosto queimado por sua passagem pelas Grandes Regiões Tenebrosas.

Lá onde de súbito os jogou o Inabalável

De bruços, em um chão cuja mais pequena anêmona bastaria para amargar o ar do Hades

(uma mão na frente, como se lutasse para ser tomada pelo futuro, a outra sob a cabeça desolada, virada ao lado,

Como se olhasse pela última vez, dentro dos olhos de um cavalo estripado, os destroços fumegando em uma pilha)

Lá o Tempo os absolveu. Uma de suas asas, a mais vermelha, cobriu o mundo, na hora em que a outra, delicada, se movia já no espaço,

E nenhuma ruga ou mágoa, mas a grande profundidade

O antigo sangue imemorial que começava com esforço a amanhecer, em meio à lividez do céu

Sol jovem, imaturo ainda,

Que não bastava para dissolver a geada dos cordeiros sobre o trifólio vivo, mas antes mesmo de brotar espinho decifrava o érebo...

E de um princípio Vales, Montanhas, Árvores, Rios,

Criação de sentimentos vingados brilhava, invariável e invertida, atravessam-na agora os próprios, com o algoz morto dentro de si,

Camponeses do infinito azul!

Nem as doze horas batendo nas entranhas, nem a voz do Polo caindo a prumo, suprimiam seus passos.

Liam vorazmente o mundo com os olhos abertos para sempre, lá onde de súbito os jogou o Inabalável

De bruços, e onde com ímpeto desciam os abutres para deliciar-se com o barro de suas entranhas e o sangue.

O SONO DOS BRAVOS

(variante)

Cheiram ainda a olíbano, e tem o rosto queimado por sua passagem pelas Grandes Regiões Tenebrosas.

Lá onde de súbito os jogou o Inabalável

De bruços, em um chão cuja mais pequena anêmona bastaria para amargar o ar do Hades

(uma mão na frente, como se lutasse para ser tomada pelo futuro, a outra sob a cabeça desolada, virada ao lado,

Como se olhasse pela última vez, dentro dos olhos de um cavalo estripado, os destroços fumegando em uma pilha)

Lá o Tempo os absolveu. Uma de suas asas, a mais vermelha, cobriu o mundo, na hora em que a outra, delicada, se movia já no espaço,

E nenhuma ruga ou mágoa, mas a grande profundidade

O antigo sangue imemorial que começava com esforço a amanhecer, em meio à lividez do céu

Sol jovem, imaturo ainda,

Que não bastava para dissolver a geada dos cordeiros sobre o trifólio vivo, mas antes mesmo de brotar espinho decifrava o érebo...

E de um princípio Vales, Montanhas, Árvores, Rios,

Criação de sentimentos vingados brilhava, invariável e invertida, atravessamna agora os próprios, com o algoz morto dentro de si,

Camponeses do infinito azul!

Sem meses e anos para branquear sua barba, com o olho giravam pelas épocas, para dar às coisas seu nome verdadeiro,

E a cada criança que abria os braços, nem mesmo um eco, apenas a fúria da inocência que fortalecia continuamente as cataratas...

Uma gota de água pura, firme sobre o báratro, chamaram-na Areté e deramlhe um delgado corpo de menino.

Todo o dia agora a pequena Areté desce e trabalha duro nos lugares onde a terra por ignorância apodrecia, e haviam os homens inexplicavelmente sombreado,

Mas às noites sempre se refugia lá no alto no abraço da Montanha, como se entre os peitos peludos do Homem.

E o vapor que sobe dos vales, diz-se que não é fumaça, mas a nostalgia que exala das fendas do sono dos Bravos.

LACÔNICO

O desconsolo da morte tanto me inflamou, que meu brilho retornou ao sol.

Ele me envia agora à sintaxe perfeita da pedra e do ar,

Então, aquele que buscava, s o u.

Oh verão de linho, outono moderado,

Inverno mínimo,

A vida paga o óbolo da folha de oliva

E à noite em meio aos tolos com um pequeno grilo concede outra vez a legitimidade do Inesperado.

LINHAGEM DA PAISAGEM

OU

O FIM DA PIEDADE

De uma vez, a sombra da andorinha ceifou os olhares de seus saudosos: Meio-dia.

Agarrou um cascalho pontiagudo, e lentamente, com destreza, o sol, sobre o ombro da kore de Eutídico, talhou as asas dos zéfiros.

A luz trabalhando minha carne iluminou por um instante uma marca violeta no peito, lá onde a mágoa me tocou e eu corria como louco. Depois, em meio às folhas travessas o sono me secou e fiquei sozinho. Sozinho.

Invejei a gota que despercebida glorificava os lentiscos. Como se eu estivesse no olho deslumbrado que mereceu ver o fim da Piedade!

Ou talvez estive? Na rudez da rocha, sem rachaduras do cume ao báratro, reconheci suas mandíbulas teimosas. Que despedaçavam a besta em outro século.

E a areia acolá, sedimentada pela alegria que me dava o mar, outrora, quando os homens blasfemaram e eu abria as braçadas com pressa para me divertir dentro dele; seria isso o que eu buscava? A pureza?

A água invertendo sua corrente, entrei no sentido do mirto onde se refugiam os apaixonados. Ouvi de novo a seda que roçava meus peitos peludos arquejando. E a voz "meu tesouro", à noite, em meio à torrente, quando cortava a última amarra das estrelas e o rouxinol atentava a tomar exemplo.

Que ansiedade deveras e que burlas se me obrigou a passar, com pouco da jura nos dois olhos e os dedos fora da ruína. Em tais anos – ah sim – era quando eu trabalhava para que se tornasse tão terno o infinito azul!

Disse. E voltando o rosto, em meio à luz de novo o enfrentei encarando-me. Sem piedade.

E era isso a pureza.

Bela, e preocupada pelo sombrear dos anos, sob o semáforo do sol, a Kore de Eutídico vertia lágrimas

Pois me via caminhar, de novo neste mundo, sem Deuses, mas pesado com tudo o que, vivendo, arrebatei à morte.

De uma vez, a sombra da andorinha ceifou os olhares de seus saudosos: Meio-dia.

O OUTRO NOÉ

Joguei os horizontes na cal, e com a mão lenta porém segura, comecei a untar as quatro paredes de meu futuro.

A lascívia, disse, é tempo de que comece agora seu estágio hierático, e em um Monastério de Luz assegure o momento magnífico em que o vento arranhou um pouco a nuvenzinha sobre a árvore mais extrema da terra.

Tudo aquilo que sozinho lutei para encontrar, para manter meu tom em meio ao desdém, virá – do ácido forte do eucalipto ao sussurro da mulher – para acabar na Arca de meu ascetismo.

Também o mais distante e remoto riacho, e dos pássaros o único que me deixaram, o pardal, e do escasso vocabulário da amargura, duas, nem três, palavras: pão, tristeza, amor...

(Oh Tempos que deformaram o arco-íris, e que do bico do pardal extraíram a migalha, e não deixaram nem uma pequenina voz de água limpa silabar meu amor na relva,

Eu, que sem lágrimas suportei o orfanato do brilho, oh Tempos, não perdoo.)

E quando, comendo as entranhas um do outro, o homem se fartar, e de uma a outra

Geração, rolando o Mal, desumanizar-se no onidestruidor urânio,

As moléculas brancas de minha solidão, rodopiando sobre a escória do mundo destruído, irão vindicar minha pequena prudência

E adaptadas novamente abrirão os horizontes longínquos, estalando uma a uma as palavras amargas nos lábios da água,

Suscitando meu antigo sentido do desespero

Como mordida em folha de eucalipto celeste, o santo dia dos prazeres cheirará

E nua subirá o curso do Tempo a Mulher a Portadora do Verdor,

Que com majestosa lentidão abrindo os dedos, enviará de uma vez para sempre o passarinho

Ao cansaço profano dos homens, para de lá de onde Deus errou, gotejar Gorjeios do Paraíso!

SETE DIAS PARA A ETERNIDADE

DOMINGO. – Manhã, no Templo do Portador de Bezerro. Digo: que se torne verdadeira como árvore a bela Mirto; e que seu carneirinho, olhando direto nos olhos de meu assassino, por um instante, castigue o amaríssimo futuro.

SEGUNDA-FEIRA. – Presença de relva e água em meus pés. Quer dizer que existo. Antes ou depois do olhar que me petrificará, a mão direita ao alto segurando uma enorme Espiga azul. Para eu fundar o Novo Zodíaco.

TERÇA-FEIRA. – Êxodo dos números. Luta do 1 com o 9 em uma praia totalmente deserta, cheia de cascalho negro, algas aos montes, grandes espinhaços de bestas nas rochas.

Meus dois velhos e amados cavalos, relinchando eretos sobre os vapores que exala o enxofre do mar.

QUARTA-FEIRA. – Do outro lado do Raio. A mão queimada que outra vez brotará. Para alisar as dobras do cosmos.

QUINTA-FEIRA. – Porta aberta: degraus pétreos, cabeças de gerânios, e mais além tetos diáfanos, papagaios de papel, conchas raladas ao sol. Um bode rumina vagarosamente os séculos, e o fumo, sereno, sobe no meio dos chifres.

Na hora em que às escondidas, no pátio de trás, a filha do jardineiro é beijada, e por muito deleite um vaso cai e se espatifa.

Ah, que eu salve este som!

SEXTA-FEIRA. – “Da Metamorfose” das mulheres que amei sem esperança: Eco: Ma-ri-naaa! He-le-niii! A cada dobre de sino, e um lilás a meu abraço. Mais tarde luz estranha, e duas pombas desiguais que me arrastam para o alto a uma grande casa adornada de heras.

SÁBADO. – Cipreste de minha família, que cortam homens carrancudos e calados: para noivado ou morte. Cavam o chão ao redor e o borrifam com água de cravos.
Tendo eu já recitado as palavras que desmagnetizam o infinito!

Trilogia da Espera

Mahmûd Darwîch

O texto: Três poemas em árabe de Mahmûd Darwîch que giram em torno da ideia da "espera": a espera ansiosa, e espera desenhada e a espera/esperança, como sonho frágil, pelo qual não mais se espera: "Enquanto espero" (في الانتظار), do livro *Não te desculpes pelo o que fizeste* (لا تعتذر عما فعلت), de 2003; e "Kama Sutra: uma lição" (درس من كاما سوطرا) e "Não esperei por ninguém" (لم أنتظر أحداً) do livro *A Cama da forasteira* (سرير الغريبة), de 1998.

Textos traduzidos:

" في الانتظار". ديوان لا تعتذر عما فعلت. محمود درويش، الأعمال الشعرية الكاملة، الجزء الرابع، وزارة الثقافة، الجزائر، ٢٠٠٩، ص ١١٣- ١١٤.

"درس من كوما سوطرا"، ديوان سرير الغريبة، محمود درويش، الأعمال الشعرية الكاملة، الجزء الخامس، وزارة الثقافة، الجزائر ، ٢٠٠٩، ص١٢٩ - ١٣٢.

"لم انتظر أحداً"، ديوان سرير الغريبة، محمود درويش، الأعمال الشعرية الكاملة، الجزء الخامس، وزارة الثقافة، الجزائر ، ٢٠٠٩، ص ٨٣- ٨٦.

O autor: Mahmûd Darwîch, poeta e escritor árabe, nasceu na Palestina, em 1941. Sua cidade natal foi destruída durante a ocupação israelense, em 1948. Enquanto jovem, e por seu ativismo político, foi detido e preso várias vezes. Aos 22 anos, publicou seu primeiro livro de poemas, *Folhas de oliveira*, em 1964. Viveu no exílio, entre Beirute e Paris, durante 26 anos. Morreu na Palestina em 2008, ano que marcou o lançamento de seu último livro, *O rastro da borboleta*. Recebeu aclamação internacional por sua poesia que versava, principalmente, sobre a afeição pela pátria perdida. De sua obra, foram publicados mais de 30 livros, entre poesia e prosa, a maioria traduzida para mais de 20 idiomas.

A tradutora: Safa A-C Jubran é professora, livre docente de Árabe na USP. Traduziu vários romances árabes modernos, entre os quais, *Porta do sol* e *Yalo*, de Elias Khoury, e *Nós cobrimos seus olhos*, de Alaa Aswany (Prêmio de melhor tradução, ABL, 2014). Em 2019, recebeu o Prêmio Sheikh Hamad de Tradução. É líder do Grupo de Pesquisa *Tarjama:* escola de tradução de literatura árabe moderna. Para a (n.t.) traduziu Tamîm Al-Barghouti e Laura Macdissi.

ثُلاثيّة الانتظار

"والموت مثلي لا يحب الانتظار"

محمود درويش

في الانتظار

في الانتظار، يُصيبُني هوس برصد
الاحتمالات الكثيرة: ربما نسيت حقيبتها
الصغيرة في القطار، فضاع عنواني
وضاع الهاتف المحمول، فانقطعت شهيتها
وقالت: لا نصيب له من المطر الخفيف/
وربما انشغلت بأمر طارئٍ أو رحلةٍ
نحو الجنوب كي تزور الشمس، واتصلت
ولكن لم تجدني في الصباح، فقد
خرجت لأشتري غاردينيا لمسائنا وزجاجتين
من النبيذ/
وربما اختلفت مع الزوج القديم
على شئون الذكريات، فأقسمت ألا ترى رجلاً
يُهددُها بصُنع الذكريات/
وربما اصطدمت بتاكسي في الطريق

إلي، فانطفأت كواكب في مجرتها.
وما زالت تُعالج بالمهدئ والنعاس/
وربما نظرت الى المرآة قبل خروجها
من نفسها، وتحسست إجاصتين كبيرتين
تُموجان حريرها، فتنهدت وترددت:
هل يستحق أنوثتي أحد سواي/
وربما عبرت، مصادفة، بِحُب
سابق لم تشف منه، فرافقته إلى
العشاء/
وربما ماتت،
فان الموت يعشق فجأة، مثلي،
وإن الموت، مثلي، لا يحب الانتظار.

درس من كاما سوطرا

بكأس الشراب المرصَّع باللازوردِ
انتظرْها،
على بركة الماء حول المساء وزَهْر الكُولُونيا
انتظرْها،
بذَوْقِ الأمير الرفيع البديع
انتظرْها،
بسبعِ وسائدَ مَحْشُوَّةٍ بالسحابِ الخفيفِ
انتظْرها،
بنار البَخُور النسائِّي ملءَ المكانِ
انتظْرها،
برائحة الصَّنْدَلِ الَّذكَريَّةِ حول ظُهُور الخيولِ
انتظْرها،
ولا تتعجَّلْ، فإن أقبلَتْ بعد موعدها
فانتظْرها،
وإن أقبلتْ قبل موعدها
فانتظْرها،
ولا تُجفِل الطيرَ فوق جدائلها
وانتظْرها،
لتجلس مرتاحةً كالحديقة في أَوْجِ زِينَتِها
وأَنتظْرها،
لكي تتنفَّسَ هذا الهواء الغريبَ على قلبها
وانتظْرها،
لترفع عن ساقها ثَوْبَها غيمةٌ غيمةٌ
وانتظْرها،
وخُذْها إلى شرفة لترى قمراً غارقاً في الحليبِ
انتظْرها،

وقَّدمْ لها الماءَ، قبل النبيذِ، ولا
تتطَّلعْ إلى تَوْأَمْي حَجَلٍ نائميْن على صدرها
وانتظْرها،
ومُسَّ على مَهَل يَدَها عندما
تَضَعُ الكأسَ فوق الرخام
كأنَّكَ تحملُ عنها الندى
وانتظْرها،
تحَّدثْ إليها كما يتحدَّثُ نايٌ
إلى وَتَرٍ خائفٍ في الكمانِ
كأنكما شاهدانِ على ما يُعِدُّ غَدٌ لكما
وانتظْرها،
ولِمِّع لها لَيْلَها خاتماً خاتماً
وانتظْرها،
إلى أَن يقولَ لَكَ الليلُ :
لم يَبْقَ غيرُكُما في الوجودِ
فخُذْها، بِرِفْقٍ، إلى موتكَ المُشْتَهى
وانتظْرها ! ...

لم أنتظر أحداً

سأعرف ، مهما ذهَبْتَ مع الريح ، كيف
أُعيدك . أعرف من أين يأتي بعيدك
فاذهب كما تذهب الذكريات إلى بئرها
الأبدية ، لن تجد السومرية حاملة جرَّة
للصدى في انتظارك

أمَّا أنا ، فسأعرف كيف أعيدك،
فاذهب تقودك نايات أهل البحار القدامى
وقافلة الملح في سَيرها اللانهائيّ . واذهبْ
نشيدك يفلت مني ومنك ومن زمني
باحثاً عن حصان جديد يُرّقِّص ايقاعه
الحُرّ. لن تجدَ المستحيل ، كما كان يوم
وجدتك، يوم ولدتك من شهوتي
جالسا في انتظارك

أمَّا أنا فسأعرف كيف أعيدك،
واذهبْ مع النهر من قدرٍ نحو
آخر، فالريح جاهزة لاقتلاعك من
قمري والكلام الأخير على شجري جاهزٌ
للسقوط على ساحة التروكاديرو. تلفّت
وراءك كي تجد الحلم واذهبْ
إلى أي شرقٍ وغرب يزيدك منفى،
ويبعدني خطوة عن سريري وإحدى
سماوات نفسي الحزينة .إن النهاية أخت البداية
فاذهب تجد ما تركت
هنا في انتظارك

لم أنتظرك ولم انتظر أحداً.
كان لا بد لي ان أمشِّط شعري

على مهلٍ أسوة بالنساء الوحيدات
في ليلهن،
وأن أتدبر أمري، وأكسر
فوق الرخام زجاجة ماء الكولونيا وأمنع
نفسي من الانتباه إلى نفسها في
الشتاء، كأني أقول لها: دفئيني
أدفئك يا امرأتي، واعتني بيديك،
فما هو شأنهما بنزول السماء إلى
الأرض أو رحلة الأرض نحو السماء ،
اعتني بيديك لكي تحملاكِ " يداكِ
هما سيداكِ " كما قال إيلور .. فاذهب
اريدك أو لا أريدك.
لم انتظرك ولم أنتظر احدا.
كان لا بد لي أن أصبَّ النبيذَ
بكأسين مكسورتين ،وأمنع نفسي من
الانتباه إلى نفسها في انتظارك !

TRILOGIA DA ESPERA

"E a morte, como eu, não gosta de esperar."

MAHMÛD DARWÎCH

ENQUANTO ESPERO

Enquanto espero, fico obcecado,
analisando as possibilidades:
Será que esqueceu sua pequena
bolsa no trem, perdeu meu endereço
e o celular também, e por isso, quem sabe, perdeu o apetite
e disse: "do sereno, ele não terá um quinhão"/
Será que de repente algo aconteceu,
será que foi ao sul visitar o sol,
quem sabe de manhã ligou
e não me encontrou
saí para comprar Gardênias e duas garrafas de vinho
para nossa noite/
Talvez tivesse discutido com seu ex-marido
por assuntos de memórias, e assim jurado nunca mais
se envolver com alguém
que venha a ela com ameaças de criar memórias/
Quem sabe, vindo a mim, bateu num táxi, o que
extinguiu alguns planetas em sua galáxia
e ainda está sob efeito de calmantes, sonolenta/
Quem sabe olhou no espelho antes de sair
de si, quem sabe tocou o par de peras que
fazia ondular a sua seda, suspirou e hesitou:
"haveria quem merecesse minha feminilidade, além de mim"/

Talvez cruzasse, por acaso com um antigo amor
de quem não se recuperou, talvez ao jantar,
o acompanhasse/
Quem sabe morreu, pois
a morte ama, de repente, como eu
e a morte, como eu, não gosta de esperar.

KAMA SUTRA: UMA LIÇÃO

Com cálice cravejado de lápis-lazúli
espera por ela,
perto d'água, ao redor da tarde com perfume de rosas
espera por ela,
com a paciência de um cavalo preparado para descer as encostas
espera por ela,
com boas maneiras de príncipe elegante
espera por ela,
com sete almofadas estufadas com leves nuvens
espera por ela,
com incenso aceso de mulher enchendo o lugar
espera por ela,
com sândalo perfumado de macho no dorso das montarias
espera por ela,
não te apresses, e se ela chegar atrasada, pois,
espera por ela,
e se estiver adiantada,
espera por ela
e não espantes os pássaros das suas tranças e
espera por ela
se assentar serena feito um jardim perfeito e
espera por ela
para respirares o estranho ar que paira sobre o peito e
espera por ela
para levantares o vestido, revelando as pernas, nuvem por nuvem e
espera por ela
leva-a ao terraço para ver uma lua imersa no leite
espera por ela
dá-lhe água para beber antes do vinho, e não olhes
para as gêmeas codornas que sobre seu peito pousam e
espera por ela
quando ela pousar o calce no mármore, toca sua mão de leve
como se colhesses o orvalho dela e
espera por ela
conversa com ela como faz a flauta com a corda assustada do violino
como se ambos fossem testemunhas do que o amanhã preparou para vós e

espera por ela
faz brilhar a noite dela, anel por anel e
espera por ela
até que a noite diga:
"mais ninguém do mundo restou", daí
leva-a, gentil, para tua desejada morte e
espera por ela!

NÃO ESPEREI POR NINGUÉM

Saberei, por mais que te foste com o vento, como
te trazer de volta. Eu sei de onde vem tua distância
Vai, então, como as lembranças vão para seu poço
eterno; não encontrarás a suméria carregando urna de
eco
Mas eu saberei como te trazer de volta
vai, então, guiado por flautas dos antigos povos do mar,
pela caravana do sal, em seu eterno marchar. Vai,
enquanto teu canto, de mim e de ti, se desprende, e do nosso tempo
à procura de um novo cavalo que fizesse dançar seu ritmo
livre. Não encontrarás o impossível, como no dia
em que te encontrei e em que, do meu desejo, te dei à luz
esperando por ti.
Mas eu saberei como te trazer de volta
vai com o rio, de destino em destino
pois o vento está pronto para te arrancar
de minha lua, e as derradeiras palavras estão prontas
para cair de minhas árvores na Praça Trocadero. Olha
para trás para atinar o sonho; vai para
qualquer leste ou oeste que possa te exilar mais,
que me afaste um passo da minha cama
e dum dos tristes céus da minh'alma. O fim
é do princípio irmão,
vai, então, terás o que deixaste aqui,
esperando por ti
Não te esperei e nem a ninguém.
Tinha que pentear o cabelo, devagar,
como fazem, à noite, as mulheres solitárias
Tinha que olhar para mim e quebrar
sobre o mármore, o frasco de perfume, e proibir-me
de prestar atenção em mim, quando o inverno chegar
como se eu dissesse a mim: me aquece
minha mulher, para te aquecer, cuida das tuas mãos,
não ligam se o céu cair na terra, a terra erguer-se aos céus,
cuida de tuas mãos para que te levem:
"tuas mãos são senhoras tuas"

como disse Éluard ..., pois vai,
eu te quero ou não te quero.
    Não te esperei e nem a ninguém
Eu tive que pôr o vinho
em dois cálices quebrados e me proibir
de me olhar a mim ao te esperar por ti

Rumor nos ouvidos

Cyprian Norwid

O texto: Considerados obscuros, os poemas de Norwid distinguem-se por seu ritmo irreverente, manifesto tanto na disposição dos versos e na ousadia das rimas, quanto na originalidade da tipografia. Lacônica e densa, sua poética volta-se repetidamente para a meditação sobre a cultura europeia. A presente coletânea reúne poemas que se destacam pelo teor paradoxal e irônico, e nos quais o poeta lança um olhar desiludido sobre a relação entre tradição e modernidade.

Texto traduzido: Norwid, Cyprian K. *Wiersze.* Toruń: Algo, 2009.

O autor: Cyprian Kamil Norwid (1821-1883), poeta romântico polonês, formado em artes plásticas, emigrante desde 1842. Preso por motivos políticos em Berlim, passou na prisão algumas semanas, o que afetou sua audição. Pouco apreciado pelos contemporâneos – sua obra, fruto de muitas leituras e viagens, seria redescoberta pelos modernistas –, Norwid viveu muitos anos na pobreza em Paris, onde morreu, solitário e surdo.

A tradutora: Olga Kempińska é professora de Teoria da Literatura da UFF. Sua experiência como tradutora começou em 2000 com a tradução de trechos de livros premiados na Edição Polonesa do Prêmio Goncourt. Para a (n.t.) já traduziu textos de Pawlikowska-Jasnorzewska, Iłłakowiczówna, Świrszczyńska, Szymborska e Lem.

W USZACH MI SZUMI

"Jak gdy kto ciśnie w oczy człowiekowi
Garścią fijołków i nic mu nie powié..."

CYPRIAN NORWID

W WERONIE

1

Nad Kapuletich i Montekich domem,
Spłukane deszczem, poruszone gromem,
Łagodne oko błękitu –

2

Patrzy na gruzy nieprzyjaznych grodów,
Na rozwalone bramy do ogrodów,
I gwiazdę zrzuca ze szczytu –

3

Cyprysy mówią, że to dla Julietty,
Że dla Romea, ta łza znad planety
Spada – i groby przecieka;

4

A ludzie mówią, i mówią uczenie,
że to nie łzy są, ale że kamienie,
I – że nikt na nie nie czeka!

CZUŁOŚĆ

Czułość – bywa jak pełny wojen krzyk,
I jak szemrzących źródeł prąd,
I jako wtór pogrzebny...

*

I jak plecionka długa z włosów blond,
Na któorej wdowiec nosić zwykł
Zegarek srebrny – – –

JAK...

Jak gdy kto ciśnie w oczy człowiekowi
Garścią fijołków i nic mu nie powié...

*

Jak gdy akacją z wolna zakołysze,
By woń, podobna jutrzennemu ranu,
Z kwiaty białymi na białe klawisze
Otworzonego padła fortepianu...

*

Jak gdy osobie stojącej na ganku
Daleki księżyc wpląta się we włosy
Na pałającym układając wianku
Czoło – lub w srebrne ubiera je kłosy...

*

Jak z nią rozmowa, gdy nic nie znacząca,
Bywa podobną do jaskółek lotu,
Który ma cel swój, acz o wszystko trąca,
Przejście letniego prorokując grzmotu,
Nim błyskawica uprzedziła tętno –
Tak...

...lecz nie rzeknę nic – bo jest mi smętno.

OGÓLNIKI

1

Gdy, z wiosną życia, duch Artysta
Poi się jej tchem jak motyle,
Wolno mu mówić tylko tyle:
„Ziemia – jest krągła – jest kulista!”

2

Lecz gdy późniejszych chłodów dreszcze
Drzewem wzruszą, i kwiatki zlecą,
Wtedy dodawać trzeba jeszcze:
„U biegunów – spłaszczona – nieco...”

3

Ponad wszystkie wasze uroki,
Ty! Poezjo, i ty, Wymowo,
Jeden – wiecznie będzie wysoki:
****
Odpowiednie dać rzeczy – słowo!

PIĘKNO-CZASU

Zgasły lilie i róże omdlewające,
Odejmą im wiatr liście jedwabne:
Dziś nie szuka nikt P i ę k n a ... żaden poeta –
Żaden sztukmistrz – amator – żadna kobieta –
– Dziś szuka się tego, co jest p o w a b n e ,
I tego – co jest u d e r z a j ą c e !...

*

P o w a b i g r z m o t ... dwie siły,
Skąd-kolwiek-bądź by były!...
To – dwa wdzięki Uranii, dwa jej ramiona.

*

Co obejmują? ... uścisną? ... i czy Tobie
Łzę obetrą? ... – przypomnisz w grobie –
– – – – (pieśń nie skończona).

FATUM

I

Jak dziki zwierz przyszło N i e s z c z ę ś c i e do człowieka
I zatopiło weń fatalne oczy...
– Czeka – –
Czy, człowiek, zboczy?

II

Lecz on odejrzał mu, jak gdy artysta
Mierzy swojego kształt modelu;
I spostrzegło, że on patrzy – co? skorzysta
Na swym nieprzyjacielu:
I zachwiało się całą postaci wagą
– – I nie ma go!

MARIONETKI

1
Jak się nie nudzić? gdy oto nad globem
Milion gwiazd cichych się świeci,
A każda innym jaśnieje sposobem,
A wszystko stoi – i leci...

2
I ziemia stoi – i wieków otchłanie,
I wszyscy żywi w tej chwili,
Z których i jednej kostki nie zostanie,
Choć będą ludzie, jak byli...

3
Jak się nie nudzić na scenie tak małéj,
Tak niemistrzowsko zrobionéj,
Gdzie wszystkie wszystkich Ideały grały,
A teatr życiem płacony –

4
Doprawdy nie wiem, jak tu chwilę dobić,
Nudy mię biorą najszczersze;
Co by tu na to, proszę Pani, zrobić,
Czy pisać prozę, czy wiersze? –

5
Czy nic nie pisać... tylko w słońca blasku
Siąść czytać romans ciekawy:
Co pisał Potop na ziarneczkach piasku,
Pewno dla ludzkiej zabawy (!) –

6
Lub jeszcze lepiej – znam dzielnieszy sposób
Przeciw tej nudzie przeklętéj:
Zapomnieć l u d z i , a bywać u o s ó b ,
Krawat mieć ślicznie zapięty!...

SFIKS [II]

Zastąpił mi raz Sfinks u ciemnej skały,
Gdzie jak zbójca, celnik lub człowiek biedny,
„P r a w d !" – wołając, wciąż prawd zgłodniały,
Nie dawa gościom tchu.

*

– „C z ł o w i e k ? ... – j e s t t o k a p ł a n b e z - w i e d n y
I n i e d o j r z a ł y ..." –
Odpowiedziałem mu.

*

Alić – o! dziwy...
Sfinks się cofnął grzbietem do skały:
– Przemknąłem żywy!

IRONIA

1

Żeby tak można arcydzieło
Dłutem wyprowadzić z grubych brył –
I żeby dłuto nie zgrzytnęło,
Ni młot je ustawnie bił a bił!...

2

Żeby to tchem samym harmonii
Można było kręcić wozów oś,
I bez skrzypnięcia wstecz ironii
Żeby się udało zrobić coś...

3

Och ! jakże spałby sobie człowiek,
Wyższy nad skargi ustawiczne,
Lecz cóż? – gdy jeszcze i u powiek
Roz-siędą się sny ironiczne!!...

4

Uczucie zwiedza bez ironii
Szlaki bite cudzym cierpieniem,
Lecz kto był pierwej tam, wie o niéj,
Że jest – koniecznym bytu cieniem.

5

Ty myślisz może, że wiek złoty
Bez walk, sam, przyjdzie do ludzkości –
A gdzież?... powiodą pierw te cnoty,
Od których cofa strach śmieszności!...

ŚMIERĆ

1

Skoro usłyszysz, jak czerw gałąź wierci,
Piosenkę zanuć lub zadzwoń w tymbały;
Nie myśl, że formy gdzieś podojrzewały;
Nie myśl – o śmierci...

2

Przed-chrześcijański to i błogi sposób
Tworzenia sobie l e k k i c h rekreacji,
Lecz c i ę ż k i e j wiary, że śmierć: t y k a o s ó b ,
N i e s y t u a c j i – –

3

A jednak ona, gdziekolwiek dotknęła,
Tło – nie istotę, co na t l e – rozdarłszy,
Prócz chwili, w której wzięła – nic nie wzięła:
– Człek – od niej starszy!

WCZORA-I-JA

Och! smutna to jest i mało znajoma
Głuchota –
Gdy Słowo usłyszysz – ale ginie koma
I jota...

*

Bo anioł woła... A oni Ci rzeką:
„Z a g r z m i a ł o !”
Więc trumny na twarz załamujesz wieko
Pod skałą.

*

I nie chcesz krzyknąć: „Eli... Eli...” – czemu?
– Ach, Boże!...
Żagle się wiatru liżą północnemu.
Wre morze.

*

W uszach mi szumi (a nie znam z teorii,
Co burza?),
Więc śnię i czuję, jak się tom historii
Z-marmurza...

RUMOR NOS OUVIDOS

"É como jogar nos olhos de alguém
Um punhado de violetas, e nada dizer..."

CYPRIAN NORWID

EM VERONA

1

Acima das casas em conflagração,
Lavado pela chuva, movido pelo trovão,
O olho celeste, ao abrir –

2

Contempla os escombros das moradas,
Restos de jardins, portas devastadas,
E uma estrela deixa cair –

3

Os ciprestes dizem que é para Romeu
E para Julieta que esta lágrima do céu
Desce – e as tumbas permeia;

4

Mas as pessoas dizem, todas convencidas:
Estas não são lágrimas, mas pedras caídas,
E ninguém – por elas anseia!

A TERNURA

A ternura – às vezes é como um grito de guerra,
Ou como um rumor de nascedouro,
Ou um canto lacrimoso...

*

Ou como uma longa trança de cabelo louro,
Com a qual um viúvo ata na algibeira
Seu prateado relógio – – –

É COMO...

É como jogar nos olhos de alguém
Um punhado de violetas, e nada dizer...

*

Como um lento balançar da acácia
Para que o perfume, igual à aurora nascente,
Com as flores brancas, nas teclas brancas
De um piano aberto se deite...

*

Como o entrelaçar-se da longínqua lua
No cabelo da pessoa na porta parada,
Que configura sob a guirlanda rútila
A fronte – ou orna-a com as tranças prateadas...

*

É como falar com ela, quando sem foco
O colóquio, tal o voo de andorinhas
Que tem sua meta, mas em tudo toca,
Um presságio da tormenta repentina,
Antes que o raio passe além do pulso –
É...

...mas estou triste – então, não discurso.

VERDADES GERAIS

1

Ao espírito do Artista, que da primavera
Bebe o sopro, tal uma borboleta,
Cabe apenas uma fala discreta:
"A Terra – é redonda – é uma esfera".

2

Quando, mais tarde, o vento gelado
Arrepiar a árvore, e as flores caírem no chão,
Será preciso acrescentar então:
"Nos polos – achatada – um bocado..."

3

Ó Poesia! Ó Eloquência,
Acima de tudo que em vós magnetiza,
Existe um único charme de eterna vigência:
****
Dar à coisa a palavra – precisa!

BELEZA-TEMPO

Apagaram-se os lírios, as rosas, mal vivas,
Colherão seu sopro as folhas sedosas:
Hoje ninguém busca o B e l o ... nenhum amador –
Nenhuma mulher – nenhum poeta – prestidigitador –
– Hoje se busca por coisas que são c h a r m o s a s ,
E por coisas – i n t e m p e s t i v a s ! ...

*

C h a r m e e t r o v ã o ... duas potências,
Não importa sua pro-veniência! ...
Dois braços de Urânia – seus dois encantos.

*

Abraçarão? ... afagarão? ... tuas lágrimas
Secarão? ... – na cova lembrarás –
– – – – (inacabado – o canto).

FATUM

I

Veio a D e s g r a ç a ao homem e, tal uma fera,
Fitou-o com seu fatal olhar…
– Espera – –
O homem – vai – desviar?

II

Mas este devolveu o olhar, igual
O artista que capta a forma de seu modelo;
E ela viu que ele olhava – firme e pontual:
Tirará proveito de seu êmulo?
Em toda sua compleição estremeceu e
– – Desvaneceu-se!

MARIONETES

1
Como fugir do tédio? se acima da terra
Brilham milhares de mudas estrelas,
E cada uma do seu jeito rutila,
E tudo fica parado – e rodopia...

2
E a terra – parada, e o abismo dos tempos,
E todos os vivos neste momento,
De quem não restará nem a ossada,
Ainda que haja gente, igual no passado...

3
Como fugir do tédio em um palco tão parco,
Tão sem mestria constituído,
Onde todos os Sonhos já atuaram,
E o teatro se paga com a vida –

4
Deveras não sei como matar a hora,
O tédio mais puro me asfixia,
O que inventar, minha Senhora,
Escrever prosa, ou poesia? –

5
Ou não escrever – apenas ao meio-dia
Sentar ao sol e mergulhar em um romance:
O Dilúvio nos grãos de areia escrito,
Para a diversão humana, quem sabe (!) –

6
Ou – sei um remédio mais audacioso
Contra este maldito tédio:
Deixar a h u m a n i d a d e e frequentar u m m e i o,
– Dar na gravata um nó gracioso!...

A ESFINGE

A esfinge ao pé de um rochedo escuro,
Tal um cobrador, um ladrão ou um indigente,
Barrou-me a passagem com seu uivo
“Verdade! – Dize-me! ”

*

– “O homem? ... – um sacerdote não sapiente
E imaturo ...” –
Respondi.

*

Ora – que estranho:
De volta à rocha a esfinge recua –
Passei são e salvo!

IRONIA

1

Ah, se fosse possível uma obra-prima
Arrancar com o cinzel de um bloco cheio –
Sem que se ouça qualquer rangido,
Tampouco a batida do martelo!...

2

Se fosse possível com um sopro de harmonia
Fazer girar os eixos das rodas,
E sem o estrídulo da ré da ironia,
Se fosse possível fazer qualquer coisa...

3

Superior aos gemidos e aos choros,
Oh! como o ser humano dormiria,
Mas como? – se os irônicos sonhos
Em suas pálpebras fazem a moradia!!...

4

A emoção sem ironia frequenta
Os caminhos batidos pela dor alheia,
Mas quem ali esteve antes sabe – ela
É a sombra necessária da existência.

5

Pensas acaso que o século de ouro
Virá à humanidade sem conflito –
Que nada... e guiarão aqueles valores
Dos quais afasta o medo do ridículo!...

MORTE

1

Ao ouvires o verme a roer o galho,
Toca o címbalo ou cantarola algo;
Não penses nas formas – não mais verdes;
Na morte – não penses...

2

É uma receita antiga, pagã e boa,
A das ligeiras recreações,
Pesada é a crença que a morte as pessoas
Toca, e não – situações – –

3

Mas, onde quer que tenha tocado,
O fundo – rasgando, não o ser sob o fundo,
Ela nada pegou – salvo aquele segundo:
Mais velho – é o ser humano!

ONTEM-E-EU

Como a surdez é amarga
E mal conhecida!
O til, o jota – ao ouvires a Palavra –
Se dissipam...

*

O anjo chama... E eles declaram
"U m t r o v ã o ! "
Ao pé do rochedo, cobres o rosto com a tampa
Do caixão.

*

E não queres gritar: "Eli... Eli..." –
Deus, por quê?
As velas se lambem no vento gélido,
O mar – bravio.

*

Rumor nos ouvidos (o que é raio, vento?
A teoria não clarifica),
Sonho e sinto que o livro dos eventos
Se mármore-fica.

Rimas Pétreas
Dante Alighieri

O texto: Quatro canções redigidas por volta de 1295-98, entre a publicação da *Vita Nova* (c.1293) e *De vulgari eloquentia* (c.1302). De formas fixas e rimas rígidas, as estrofes estão dispostas em 260 versos, nos quais se descreve uma variedade de imagens relacionadas ao papel da *donna*, tendo por consequência a exposição de sentimentos por ela inspirados (que aqui variam da euforia inspiradora à devastação do ódio). As quatro canções: "Io son venuto al punto della rota", "Al poco giorno ed al gran' cerchio d'ombra", "Amor, tu vedi ben che questa Donna" e "Così nel mio parlar vogli'esser aspro" trazem temas centrais da poética de Dante que, não só demonstra influência do *estilo novo*, mas apresenta os tópicos que serão retomados e consagrados na *Commedia* (c.1306-1320).

Texto traduzido: Alighieri, Dante. *Rime*. Curadoria de Domenico de Robertis. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2002.

O autor: Dante Alighieri nasceu em Florença, em 1265. Desde jovem frequentou o círculo literário do *estilo novo*, mantendo correspondência com diversos autores locais. Entre 1292-94 redigiu e publicou a *Vita Nova*, que reúne poemas líricos e comentários em prosa destinados à Beatriz, personagem central da *Comédia*. A redação do conjunto das *Rime Petrose* ocorreu provavelmente entre 1295-98, coincidindo com os anos de maior atuação de Dante na esfera política de Florença. O autor foi condenado ao exílio em 1302, e uma vez exilado, compôs a *Commedia*, *De vulgari eloquentia*, *Convivio*, *Monarchia* e outras obras. Faleceu em 1321, na cidade de Ravena, sem que jamais tenha revisto Florença.

A tradutora: Débora Berté pesquisa literatura italiana do século XIV e poesia e narrativa latino-americana contemporânea. Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012), mestra em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2017), atualmente trabalha no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e desenvolve tese de doutorado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem, ambos na Unicamp.

RIME PETROSE

"La sua bellezza ha più vertù che pietra."

DANTE ALIGHIERI

IO SON VENUTO AL PUNTO DELLA ROTA

Io son venuto al punto della rota
che l'orizzonte, quando il sol si corca,
ci partorisce il geminato cielo,
e la stella d'amor ci sta remota
per lo raggio lucente che lla 'nforca
sì di traverso che le si fa velo;
e quel pianeto che conforta il gelo
si mostra tutto a noi per lo grand'arco
nel qual ciascun d'i sette fa poc'ombra;
e però non disgombra
un sol penser d'amore, ond'io son carco
la mente mia, ch'è più dura che pietra
in tener forte imagine di pietra.

Levasi de la rena d'Etïopia
il vento peregrin che l'aere turba,
per la spera del sol ch'ora la scalda;
e passa 'l mare, onde conduce copia
di nebbia tal che, s'altro non la sturba,
questo emisperio chiude e tutto e salda;
e poi si solve, e cade in bianca falda
di fredda neve ed i noiosa pioggia,

onde l’aere s’atrista tutto e piagne:
e Amor, che sue ragne
ritira al ciel per lo vento che poggia,
non m’abandona, sì è bella donna
questa crudel che m’è data per donna.

Fuggito è ogni uccel che ’l caldo segue
del paese d’Europa, che non perde
le sette stelle gelide unquemai;
e gli altri han posto alle lor voci triegue
per non sonarle infino al tempo verde,
se ciò non fosse per cagion di guai;
e tutti gli animali che son gai
da lor natura, son d’amor disciolti,
però che ’l freddo lor spirito ammorta;
e ’l mio più d’amor porta,
ché li dolci pensier’ non mi son tolti
né mi son dati per volta di tempo,
ma donna gli mi dà c’ha picciol tempo.

Passato hanno lor termine le fronde
che trasse fuor la vertù d’Arïete
per adornare il mondo, e morta è l’erba;
ramo di foglia verde non s’asconde
se non in lauro o in pino o in abete
o in alcun che sua verdura serba;
e tanto è la stagion forte ed acerba
c’ha morti li fioretti per le piagge,
li qual’ non puote colorar la brina;
e la crudele spina
però del cuor Amor non la mi tragge;
ch’ïo son fermo di portarla sempre
ch’io sarò in vita, s’io vivessi sempre.

Versan le vene le fummifere acque
per li vapor che la terra ha nel ventre,
che d’abisso li tira suso in alto;
onde cammino al bel giorno ci piacque

che ora è fatto rivo, e sarà mentre
che durerà del verno il grande assalto;
la terra fa un suol che par di smalto,
e l'acqua morta si converte in vetro
per la freddura che di fuor la serra:
e io de la mia guerra
non son però tornato un passo a dietro,
né vo' tornar, che se 'l martiro è dolce,
la morte dee passare ogn'altro dolce.

Canzone, or che sarà di me nell'altro
dolce tempo novello, quando piove
in mare e in terra amor da tutti i cieli,
quando per questi geli
amore è solo in me e non altrove?
Saranne quello ch'è d'un uom di marmo,
se 'n pargoletta fia per cuore un marmo.

AL POCO GIORNO ED AL GRAN CERCHIO D'OMBRA

Al poco giorno ed al gran cerchio d'ombra
son giunto, lasso, ed al bianchir de' colli,
quando si perde lo color nell'erba;
e 'l mio disio però non cangia il verde
si è barbato ne la dura pietra
che parla e sente come fosse donna.

Similemente questa nova donna
si sta gelata come neve all'ombra,
che non la move se non come pietra,
il dolce tempo che riscalda i colli
e che li fa tornar di bianco in verde
perché lli cuopre di fioretti e d'erba.

Quand'ell'ha in testa una ghirlanda d'erba
trae de la mente nostra ogn'altra donna;
perché si mischia il crespo giallo e 'l verde
sì bel, ch'Amor li viene a stare all'ombra,
che m'ha serrato intra piccioli colli
più forte assai che la calcina pietra.

La sua bellezza ha più vertù che pietra,
e 'l colpo suo non può sanar per erba;
ch'i' son fuggito per piani e per colli
per potere scampar da cotal donna;
e dal suo lume non mi può far ombra
poggio né muro mai né fronda verde.

Io l'ho veduta già vestita a verde
sì fatta, ch'ell'avrebbe messo in pietra
l'amor ch'i porto pur alla sua ombra;
ond'io l'ho chiesta in un bel prato d'erba
innamorata com'anche fu donna,
e chiuso intorno d'altissimi colli.

Ma ben ritorneranno i fiumi a' colli
prima che questo legno molle e verde
s'infiammi, come suol far bella donna,
di me, che mi torrei dormire in pietra
tutto 'l mio tempo e gir pascendo l'erba,
sol per veder du' suoi panni fanno ombra.

Quandunque i colli fanno più nera ombra,
sotto un bel verde la giovane donna
la fa sparer come pietra sott'erba.

AMOR, TU VEDI BEN CHE QUESTA DONNA

Amor, tu vedi ben che questa donna
la tua vertù non cura in alcun tempo,
che suol dell'altre belle farsi donna;
e poi s'accorse ch'ell'era mia donna
per lo tuo raggio ch'al volto mi luce,
d'ogni crudelità si fece donna;
sì che non par ch'ell'abbia cuor di donna
ma di qual fiera l'ha d'amor più freddo;
ché per lo tempo caldo e per lo freddo
mi fa sembiante pur com'una donna
che fosse fatta d'una bella pietra
per man di quei che me' 'ntagliasse in pietra.

Ed io, che son costante più che pietra
in ubidirti per bieltà di donna,
porto nascoso il colpo de la pietra,
con la qual tu mi desti come a pietra
che t'avesse noiato lungo tempo,
tal che m'andò al cuore, ov'io son pietra.
E mai non si scoperse alcuna pietra
o da splendor di sole o da sua luce
che tanta avesse né vertù né luce
che mi potesse atar da questa pietra,
sì ch'ella non mi meni col suo freddo
colà dov'io sarò di morte freddo.

Segnor, tu sai che per algente freddo
l'acqua diventa cristallina pietra
là sotto tramontana ov'è 'l gran freddo,
e l'aere sempre in elemento freddo
vi si converte, sì che l'acqua è donna
in quella parte per cagion del freddo;
così dinanzi dal sembiante freddo
mi ghiaccia sopra il sangue d'ogne tempo,
e quel pensiero che m'accorcia il tempo
mi si converte tutto in corpo freddo

che m'esce poi per mezzo de la luce
là onde entrò la dispietata luce.

In lei s'accoglie d'ogni bieltà luce:
così di tutta crudeltate il freddo
li corre al cuore ove non va tua luce;
per che negli occhi sì bella mi luce
quando la miro, ch'io la veggio in pietra
o in ogn'altro ov'io volga la luce.
Degli occhi suoi mi vien la dolce luce
che mi fa non caler d'ogn'altra donna:
così foss'ella più pietosa donna
ver'me, che chiamo di notte e di luce,
solo per lei servire, e luogo e tempo.
Né per altro disio viver gran tempo.

Però, Vertù che ssè prima che tempo,
prima che moto o che sensibil luce,
increscati di me, c'ho sì mal tempo,
entrale in cuore omai, che ben n'è tempo,
sì che per te se n'esca fuori il freddo
che non mi lascia aver, com'altri, tempo;
che se mi giugne lo tuo forte tempo
in tal stato, questa gentil pietra
mi vedrà coricare in poca pietra
per non levarmi se non dopo 'l tempo,
quando vedrò se mai fu bella donna
nel mondo come questa acerba donna.

Canzone, io porto nella mente donna
tal che con tutto ch'ella mi sia pietra
mi dà baldanza, ond'ogn'uom mi par freddo;
sì ch'io ardisco a far per questo freddo
la novità che per tua forma luce,
che non fu mai pensata in alcun tempo.

COSÌ NEL MIO PARLAR VOGLI'ESSER ASPRO

Così nel mio parlar vogli'esser aspro
com'è negli atti questa bella pietra
la quale ognora impietra
maggior durezza e più natura cruda,
e veste sua persona d'un diaspro
tal che per lui, o perch'ella s'arretra,
non esce di faretra
saetta che già mai la colga ignuda.
Ella ancide, e non val ch'uom si chiuda
né si dilunghi da' colpi mortali
che, com'avesser ali,
giungono altrui e spezzan ciascun'arme,
sì ch'io non so da lei né posso atarme.

Non truovo schermo ch'ella non mi spezzi
né luogo che dal suo viso m'asconda,
che come fior di fronda
così della mia mente tien la cima.
Cotanto del mio mal par che si prezzi
quanto legno di mar che non lieva onda;
e 'l peso che m'affonda
è tal che no l potrebbe adequar rima.
Ahi angosciosa e dispietata lima
che sordamente la mia vita scemi,
perché non ti ritemi
sì di rodermi il cuore a scorza a scorza
com'io di dire altrui chi ti dà forza?

Ché più mi triema il cuor qualora io penso
di lei in parte ov'altri gli occhi induca,
per tema non traluca
lo mio pensier di fuor sì che si scopra,
ch'e' non fa de la morte, ch'ogni senso
co li denti d'Amor già mi manduca;
ciò è che 'l pensier bruca
la lor vertù, sì che n'allenta l'opra.

E’ m’ha percosso in terra e stammi sopra
con quella spada ond’elli ancise Dido
Amore, a cu’ io grido
‘merzé!’, chiamando, e umilmente il priego;
ed e’ d’ogni merzé par messo al niego.

Egli alza ad ora ad or la mano, e sfida
la debole mia vita, esto perverso,
che disteso e riverso
mi tiene in terra d’ogni guizzo stanco.
Allor mi surgon nella mente strida,
e ’l sangue ch’è per le vene disperso
correndo fugge verso
il cuor, che l chiama, ond’io rimango bianco.
Egli mi fere sotto il lato manco
sì forte, che ’l dolor nel cuor rimbalza:
allor dico: “S’egli alza
un’altra volta, Morte m’avrà chiuso
anzi che ’l colpo sia disceso giuso”.

Così vedess’io lui fender per mezzo
il cuore a la crudele che ’l mio squatra,
poi non mi sarebbe atra
la morte, ov’io per sua bellezza corro:
ché tanto dà nel sol quanto nel rezzo
questa scherana micidiale e latra.
Oïmè, ché non latra
per me, com’io per lei, nel caldo borro?
ché tosto griderei: “I’ vi soccorro!”;
e fare’ l volentier, sì come quelli
che ne’ biondi capelli
ch’Amor per consumarmi increspa e dora
metterei mano, e piacere’le allora.

S’io avesse le belle trecce prese
che son fatte per me scudiscio e ferza,
pigliandole anzi terza
con esse passerei vespero e squille;

e non sarei pietoso né cortese,
anzi farei com'orso quando scherza;
e s'Amor me ne sferza,
io mi vendicherei di più di mille.
Ancor negli occhi, ond'escon le faville
che m'infiamman lo cor ch'io porto anciso
guarderei presso e fiso
per vendicar lo fuggir che mi face,
e poi le renderei, con amor, pace.

Canzon, vattene ritto a quella donna
che m'ha rubato e morto, e che m'invola
quello ond'i' ho più gola,
e dàlle per lo cor d'una saetta,
ché bello onor s'acquista in far vendetta.

RIMAS PÉTREAS[1]

"A sua beleza tem mais virtude que pedra."

DANTE ALIGHIERI

ESTOU CHEGANDO AO PONTO DA RODA

Estou chegando ao ponto da roda
onde o horizonte, quando o sol se deita,
faz o parto do geminado céu,
e a estrela do amor[2] está distante
pelo raio luzente que a encobre
transversalmente se faz um véu;
e aquele planeta que gera o gelo
se mostra todo a nós pelo grande arco[3]
em que qualquer dos sete[4] faz pouca sombra;
porém não remove
um só sentimento de amor, onde me atolo
a mente, que é mais dura que pedra
ao manter forte imagem de pedra.

---

[1] A tradução proposta não se prende à rima e forma exata – embora também se oriente por tais elementos –, mas busca resgatar as *imagens* criadas pelo autor, mantendo os elementos nos lugares por ele empregados, a fim de transpor à língua luso-brasileira a força e o raciocínio de sua imaginação. (n.t.)

[2] A "estrela d'Amor", *Vênus*. (n.t.)

[3] O "grande arco", provavelmente é o Trópico de Câncer. (n.t.)

[4] *Ciascun d'i sete*: qualquer um dos sete planetas até então conhecidos, e suas respectivas esferas. Assim, compunham o grupo dos sete: o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Seu número correspondia a uma infinidade de assimilações diversas, ajustadas de modo que as coincidências criassem parâmetros de identificação entre o *simbólico* (neste caso, os planetas) e os *objetos representados* (as sete artes liberais, os sete pecados capitais, *et alia*). (n.t.)

Emerge das areias da Etiópia
o vento peregrino que o ar agita,
pela esfera do sol que ora o aquece;
e passa o mar, de onde conduz copiosa
névoa, tal que se outro não a expulsa
esse hemisfério se fecha todo à solda;
depois se dissolve, e cai em brancos flocos
de fria neve e entediante garoa,
quando o ar se entristece e chora:
e Amor, que suas teias
estende ao céu pelo vento que chove,
não me abandona, tão bela é a mulher
cruel que me foi dada por mulher.

Fugiu cada pássaro que o calor segue
dos países da Europa, que não perde
suas sete estrelas gélidas jamais[5];
e os outros puseram suas vozes em trégua
para não soar antes do tempo verde,
se não fosse por causa de lamentações;
e todos os animais que são gaios
por sua natureza, são por amor dissoltos,
por que o frio o seu espírito amortece;
e o meu espírito leva mais amor,
pois os doces pensamentos não me são tirados
e nem me são dados pelo passar do tempo,
mas a mulher me dá possui pouco tempo.

Passado é o prazo de seus floreios
que trouxeram as virtudes de Áries
para adornar o mundo, e morta é a relva;
ramo de folha verde não sobrevive
se não no louro, no pinheiro ou no abeto[6]
ou outro que sua verdura mantenha;

[5] Referência às sete estrelas visíveis a olho nu da constelação Ursa Maior, que aparecem ao longo de todo o ano no hemisfério norte terrestre. (n.t.)
[6] Árvores que não perdem suas folhas durante a passagem das estações frias, também chamadas *sempre-verdes*. (n.t.)

e essa estação é tão dura e amarga
que mata as florzinhas pelas margens,
as quais a geada não pode colorir;
e o cruel espinho
do meu coração Amor não remove;
pois me firmo para suportá-lo sempre
enquanto for vivo, se eu viver sempre.

Vertem as veias a fumegante *acque*
pelo vapor que a terra tem no ventre,
que do abismo as iça acima;
por isso, o caminho que no belo dia nos apraz
agora se torna rio, e será enquanto
dure do inverno o grande assalto;
a terra forma uma crosta como esmalte,
e a água morta se converte em vidro
pela frieza que desde fora a encerra:
e eu, da minha guerra
não retrocedi nem mesmo um passo,
nem quero voltar, pois se o martírio é doce,
a morte abre passagem ao próximo doce.

Canção, ora que será de mim noutro
doce tempo novo, quando chove
em mar e terra amor de todos os céus,
quando por esse gelo
amor está só em mim e não noutro lugar?
Serei tal qual um homem de mármore,
se no peito a moça tiver por coração um mármore.

AO BREVE DIA E AO GRANDE CÍRCULO DE SOMBRA

Ao breve dia e ao antigo círculo de sombra
chego, caduco, e no branquear das colinas,
quando se perde a cor na relva;
mas meu desejo não muda o verde,
pois está cravado na dura pedra
que fala e sente como se fosse mulher.

Do mesmo modo, essa nova mulher
está gelada como neve à sombra,
que não a demove senão como uma pedra,
o doce tempo que reaquece as colinas
e que as faz voltar do branco ao verde
cobrindo-as com florzinhas e relva.

Quando ela traz à testa uma guirlanda relva
extrai de nossa mente qualquer outra mulher;
pois se mescla o crespo loiro ao verde
de modo tão belo que Amor se põe à sombra,
me apertando entre pequenas colinas
bem mais forte que a calcária pedra.

A sua beleza tem mais virtude que pedra,
e o golpe seu não se faz curar com relva;
estou fugindo por planos e colinas
para poder me salvar de tal mulher;
e dessa luz não encontro sombra
nem morro, muro ou fronde sempre verde.

Eu já a vejo vestida em verde
de tal forma, que ela poria até em pedra
o amor que porto apenas à sua sombra;
pelo qual eu a chamei num belo prado de relva
enamorada como nunca esteve outra mulher,
e recluso ao redor de altíssimas colinas.

Mas os rios retornarão às colinas
antes que esta lenha macia e verde
se inflame, como é comum à bela mulher,
por mim, que escolheria dormir em pedras
todo o meu tempo, e sigo pastando a relva
só para ver onde o seu vestido fazendo sombra.

Sempre que as colinas fazem a mais negra sombra,
sob um sublime verde a jovem mulher
se faz sumir como pedra sob relva.

AMOR, TU VÊS BEM QUE ESTA MULHER

Amor, tu vês bem que esta mulher
não se atém à tua virtude em qualquer tempo,
que costuma dominar as belas mulheres;
e após verem que ela era minha mulher
e por teu raio minha face acende,
de toda crueldade se apoderou;
assim parece não ter coração de mulher
como fera, tendo com amor mais frio;
porque através do tempo quente e do frio
a mim se aparece como mulher
que foi feita duma bela pedra
pela mão daqueles que melhor 'talham pedra.

E eu, que sou mais constante que pedra
em te obedecer pela beleza de mulher,
carrego em segredo o golpe da pedra,
com a qual tu me despertaste a pedradas
a alguém que te incomodasse há tanto tempo,
tal que me atinge o coração, onde sou pedra.
E não foi descoberta nenhuma outra pedra
que, pelo esplendor do sol ou por sua própria luz
tivesse tanta virtude ou luz
e me pudesse defender dessa pedra,
para que ela não me carregue com o seu frio
até onde estarei morto de frio.

Senhor, tu sabes que pelo gélido frio
a água se torna cristalina pedra
lá onde, sob a tramontana, é intenso o frio,
e o ar sempre em elemento frio
ali se converte, tal que a água é mulher
naquela parte por causa do frio;
assim diante do rosto frio
me enregela a superfície do sangue todo o tempo,
e aquele pensamento que me encurta o tempo

se converte todo em corpo frio
que me escapa então por meio da luz
por onde entrou a impiedosa luz.

Nela se acolhe cada beldade da luz:
assim de toda crueldade o frio
lhe corre ao coração onde não alcança tua luz;
por que nos olhos tal beleza reluz
quando a contemplo, e a vejo em pedra
em todo lugar a que volte o olhar.
De seus olhos provém a doce luz
que me faz não querer qualquer outra mulher:
portanto se ela fosse mais piedosa mulher
comigo, que clamo à noite e à luz,
somente para a ela servir, no espaço e tempo.
Não por outro desejo viver tanto tempo.

Porém, Virtude que antecede ao tempo,
ao movimento e à sensível luz,
tenha piedade de mim, pois estou em doloroso tempo,
adentre seu coração de uma vez por todas, que já é tempo,
de que através de ti vá embora o frio
que não me deixa ter, como outros, tempo;
se me alcança teu forte tempo
em tal estado, esta gentil pedra
me verá dormir em rasa pedra
para me erguer somente ao fim do tempo,
quando verei se houve mais bela mulher
no mundo que esta amarga mulher.

Canção, eu carrego na mente mulher
tal que apesar de que seja para mim pedra
me dá confiança, quando todos outros sentem frio;
assim me atrevo a realizar por este frio
a novidade que por tua forma reluz,
que nunca foi pensada em nenhum tempo.

PORTANTO EM MINHA FALA QUERO SER ÁSPERO

Portanto em minha fala quero ser áspero
como é nos atos esta bela pedra
a qual cada vez mais engendra
maior dureza e natureza mais crua,
e veste sua pessoa em jaspe[7]
tal que por ele, ou por aquela que se defende,
não sai da aljava[8]
seta que ainda a colha nua.
Ela abate, e não vale a um homem se encerrar
nem se prolongar ante golpes mortais
que, como se tivessem asas,
atingem outros e despedaçam qualquer armadura,
assim que eu não sei dela nem posso me ajudar.

Não encontro escudo que ela não despedace
nem lugar que de seu olhar me esconda,
pois como flor de uma fronda
ela em minha mente está acima.
Parece pelo meu mal ter tanto apreço
quanto o barco no mar que a onda não leva;
e o peso que me afunda
é tal que não posso adequar à rima.
Ai angustiante e desapiedada lima
que surdamente a minha vida destroça,
por que tu não cessas
de me roer, assim, pouco a pouco o coração,
como direi aos outros quem te dá força?

Pois mais me treme o coração quando penso
nela no momento em que outro olhar me seduza,
por temer que não reluza
e meu pensamento secreto se descubra,

[7] Pedra clara, muito resistente. "Mineral. Hidróxido natural de alumínio que ocorre em forma de massas lamelares brancas, com lustre perolado, ou na de cristais prismáticos ortorrômbicos." *Cf* Michaelis Dicionário da Língua Portuguesa. (n.t.)
[8] Aljava, recipiente para guardar flechas. (n.t.)

que ele não o faz à morte, como tendo senso
de que com seus dentes Amor já me mastiga;
isso é que o pensamento morde
a virtude alheia, e assim alenta a obra.
Ela me atira à terra e permanece sobre
com a mesma espada que abateu Dido
Amor, a quem grito
'misericórdia!'[9], clamando, e humildemente rogo;
e ele a toda misericórdia se abnega.

Ele ergue ora sim ora não a mão, e desafia
a minha frágil vida, esse perverso,
que deitado e reverso
me tem à terra,exausto de qualquer movimento.
Ora me surge[10] à mente tal gritaria,
e o sangue que é pelas veias disperso
correndo foge ao verso
o coração, que chama, onde permaneço branco.
Ele me fere sobre o lado esquerdo
tão forte, que a dor no coração dispara:
ora digo: "Se ele a erguer
outra vez, Morte me terá encerrado
tal que o golpe desça apressado".

Pudera eu vê-lo partir ao meio
o coração e a cruel que o meu destroça,
então não me seria atroz
a morte, de cuja beleza corro:
pois ocorre sob sol ou sombra
esta algoz letal e latente.
Ai, por que não late

[9] Referência a uma tradição das guerras de cavalaria, quando o cavaleiro derrotado durante a batalha é morto por seu oponente, num *golpe de misericórdia*, fulminante. Tal imagem também é associada à morte, sempre personificada como mulher, amplamente representada nas artes e arquitetura gótica. (n.t.)

[10] *Surgo*, da composição original, reaparece também no Canto XXVII do *Purgatorio*, no momento em que o entardecer antecede à ascensão de Dante ao Paraíso Terrestre. Dante teme atravessar o fogo que contempla; adormece e sonha com uma jovem moça que faz arte com as flores. Tal visão, aliada ao conselho de Virgilio, auxiliam sua travessia. Neste canto, o autor retoma além do uso específico do termo *surgo* (*Purg*, XXVII, xx-xx), a alusão ao sangue que se dispersa (*Purg*, XXVII, xx-xx) – aqui posto no verso seguinte. (n.t.)

por mim, como eu por ela, no fosso quente?
quando pronto gritarei: “Eu te socorro!”;
e o faria de bom grado, tal como aquele
que nos louros cabelos
que o Amor para me consumir encrespa e doura
os tocaria, e então ela gostaria de mim.

Se eu tivesse pelo as belas tranças
que comigo se portam tal chicote e agonia,
enredando-as antes da terça
com elas passaria o vésper e os soares;
e não seria piedoso nem cortês,
ao invés disso, eu faria como urso em brincadeira;
e se Amor com elas me chicoteia,
eu me vingaria mais de mil vezes.
Mesmo os olhos, donde escorrem faíscas
e me inflamam o coração que trago abatido
vigiaria junto e fixamente
para vingar a fuga que me faz,
depois faria, com amor, as pazes.

Canção, vá direto àquela mulher
que me roubou e me matou e me provoca
com aquilo que tenho mais gula,
e fere-lhe o coração com uma lança,
pois honra se conquista com vingança.

SONETOS
WILLIAM SHAKESPEARE

O TEXTO: Os sonetos formam um conjunto de 154 poemas, dividido em dois ciclos: o primeiro, que vai até o 126, é dedicado ao *lovely boy*; o segundo, à *dark lady*. A identidade dessas figuras (ou mesmo sua existência) ainda hoje é alvo de debates, embora se aceite Henry Wriothesley, conde de Southampton e mecenas de Shakespeare, como o destinatário mais provável da primeira parte. O conjunto foi publicado pela primeira vez em 1609, pelo editor Thomas Thorpe, possivelmente sem a anuência do autor. Aqui, apresenta-se a tradução dos sonetos 18, 20, 40, 42, 108 e 126.

Texto traduzido: Shakespeare, W. "Sonnets". In. *The complete works of William Shakespeare*. New York: Barnes & Noble, 1994, pp. 1225-1244.

O AUTOR: William Shakespeare (1564-1616), poeta e dramaturgo inglês, é considerado um dos escritores mais relevantes da literatura universal. Embora tenha se tornado célebre por seu teatro, sua obra também inclui outros gêneros, além dos sonetos, como os livros de poesia *Venus and Adonis* e *The rape of Lucrece*.

O TRADUTOR: Emmanuel Santiago, poeta e crítico literário, é autor de *Pavão bizarro* (poesia) e *A narração dificultosa* (crítica) e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.

Sonnets

"What's in the brain that ink may character
Which hath not figured to thee my true spirit?"

WILLIAM SHAKESPEARE

SONNET XVIII

Shall I compare thee to a summer's day?
Thou art more lovely and more temperate:
Rough winds do shake the darling buds of May,
And summer's lease hath all too short a date:
Sometime too hot the eye of heaven shines,
And often is his gold complexion dimmed,
And every fair from fair sometime declines,
By chance, or nature's changing course untrimmed:
But thy eternal summer shall not fade,
Nor lose possession of that fair thou ow'st,
Nor shall death brag thou wander'st in his shade,
When in eternal lines to time thou grow'st,
So long as men can breathe, or eyes can see,
So long lives this, and this gives life to thee.

SONNET XX

A woman's face with nature's own hand painted,
Hast thou, the master mistress of my passion;
A woman's gentle heart, but not acquainted
With shifting change, as is false women's fashion:
An eye more bright than theirs, less false in rolling,
Gilding the object whereupon it gazeth;
A man in hue all hues in his controlling,
Which steals men's eyes and women's souls amazeth.
And for a woman wert thou first created;
Till Nature, as she wrought thee, fell a-doting,
And by addition me of thee defeated,
By adding one thing to my purpose nothing.
    But since she prick'd thee out for women's pleasure,
    Mine be thy love and thy love's use their treasure.

SONNET XL

Take all my loves, my love, yea take them all;
What hast thou then more than thou hadst before?
No love, my love, that thou mayst true love call;
All mine was thine, before thou hadst this more.
Then, if for my love, thou my love receivest,
I cannot blame thee, for my love thou usest;
But yet be blam'd, if thou thy self deceivest
By wilful taste of what thyself refusest.
I do forgive thy robbery, gentle thief,
Although thou steal thee all my poverty:
And yet, love knows it is a greater grief
To bear love's wrong, than hate's known injury.
    Lascivious grace, in whom all ill well shows,
    Kill me with spites yet we must not be foes.

SONNET XLII

That thou hast her it is not all my grief,
And yet it may be said I loved her dearly;
That she hath thee is of my wailing chief,
A loss in love that touches me more nearly.
Loving offenders thus I will excuse ye:
Thou dost love her, because thou know'st I love her;
And for my sake even so doth she abuse me,
Suffering my friend for my sake to approve her.
If I lose thee, my loss is my love's gain,
And losing her, my friend hath found that loss;
Both find each other, and I lose both twain,
And both for my sake lay on me this cross:
    But here's the joy; my friend and I are one;
    Sweet flattery! then she loves but me alone.

SONNET CVIII

What's in the brain that ink may character
Which hath not figured to thee my true spirit?
What's new to speak, what now to register,
That may express my love, or thy dear merit?
Nothing, sweet boy; but yet, like prayers divine,
I must each day say o'er the very same;
Counting no old thing old, thou mine, I thine,
Even as when first I hallowed thy fair name.
So that eternal love in love's fresh case,
Weighs not the dust and injury of age,
Nor gives to necessary wrinkles place,
But makes antiquity for aye his page;
    Finding the first conceit of love there bred,
    Where time and outward form would show it dead.

SONNET CXXVI[1]

O thou, my lovely boy, who in thy power
Dost hold Time's fickle glass, his sickle, hour;
Who hast by waning grown, and therein showest
Thy lovers withering, as thy sweet self growest.
If Nature, sovereign mistress over wrack,
As thou goest onwards still will pluck thee back,
She keeps thee to this purpose, that her skill
May time disgrace and wretched minutes kill.
Yet fear her, O thou minion of her pleasure!
She may detain, but not still keep, her treasure:
Her audit (though delayed) answered must be,
And her quietus is to render thee.
( )
( )

[1] O soneto 126 contém apenas 12 versos, distribuídos em 6 dísticos de rimas emparelhadas (enquanto, nos demais sonetos, verificam-se três quartetos de rimas alternadas, seguidas de um dístico de rimas parelhas). É o poema de fecho ao ciclo dos poemas dedicados ao *lovely boy*. *Cf.* Shakespeare, William. *Sonetos*. Trad. Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 283.

Sonetos

"O que existe no cérebro para esboçar
Que minh'alma não tenha transcrito amiúde?"

WILLIAM SHAKESPEARE

SONETO 18

Poderei comparar-te ao fulgor do verão?
Tu és tão mais amável e tão mais ameno:
A tormenta de maio a flor tolhe em botão
E o verão se consome num prazo pequeno.
Quando faz calor, o olho do céu nos fulmina,
Outras vezes oculta a dourada nudeza;
E, de tudo que é belo, a beleza declina
Por acaso ou por sua fugaz natureza.
Mas, sem fim, teu verão não conhece fastio,
Nem sequer perde o viço no curso das eras,
Nem a Morte te envolve em seu manto sombrio,
Pois no verso indelével o tempo superas:
    Enquanto homens houver, e olhos prontos a ver,
    Enquanto isto for lido, tu hás de viver.

SONETO 20

Feminina feição por Natura pintada
Possuis tu, mestre-mestra de minha paixão;
Das mulheres tens a alma gentil, mas que nada
De volúvel supõe, nem da moda a ilusão.
Um olhar mais brilhante que o delas, sincero,
A fulgir sobre aquilo em que tu o desferes;
O rubor mais viril, dos matizes império,
Que dos homens o olhar rouba, e das mulheres.
A princípio mulher foste tu concebido,
Mas Natura, ao fazer-te, ao teu charme cedia
E mudou-te de forma e me fez excluído,
Dando-te algo, p'ra mim, sem qualquer serventia.
    Como foste forjado ao prazer das donzelas,
    Teu amor então é meu e teu gozo, delas.

SONETO 40

Rouba, sim, meus amores, amor, eles todos,
O que acaso tens tu que não tinhas outrora?
Verdadeiros amores, nenhum, só engodos;
O que tenho era teu, e isso não é de agora.
Pelo amor que me tens meu amor me tomaste,
E de usar meu amor nunca posso culpar-te,
Entretanto te culpo, se tu te entregaste
Por capricho a quem sempre deixavas à parte.
Eu desculpo teu roubo, ladino gentil,
De ti mesmo furtaste esta minha pobreza;
Eis que o amor sempre soube que é muito mais vil
Suportar-lhe os enganos que a dor da crueza.
    Graça cúpida, fonte de males extremos,
    Com desprezo me mata, mas nunca lutemos.

SONETO 42

Que a possuas, aí não está meu tormento,
Apesar de estimá-la com grande ternura;
Que tu sejas só dela, funesto lamento,
Uma perda de amor que me atinge mais dura.
Meus amáveis verdugos, perdão vos concedo:
Por saberes que a amo, também a amaste,
E, em favor de mim, ela me faz de brinquedo,
Obrigando-te a amá-la em meu próprio resgate.
Se te perco, quem ganha será meu amor,
E a perdendo, terá meu amigo a encontrado,
Encontrando-se os dois, de ambos sou perdedor,
E, em meu próprio favor, sobre a cruz sou deitado.
    Ó ventura: se meu amigo e eu somos um,
    Que ilusão! Ela me ama e mais homem nenhum.

SONETO 108

O que existe no cérebro para esboçar
Que minh'alma não tenha transcrito amiúde?
O que mais a dizer, o que então registrar
Que exprimir meu amor possa ou tua virtude?
Nada, doce rapaz; como quem reza a Deus,
Devo todos os dias dizer sem enfado,
Repetir o já dito: és meu, meus lábios teus,
Desde a vez que teu nome por mim foi louvado.
Esse amor sempiterno em seu novo disfarce
Não enverga nem sofre da idade os castigos,
Nem às rugas fatídicas há de entregar-se,
Mas converte em seus pajens os tempos antigos,
    Encontrando do amor a nascente perdida,
    Onde a vã aparência o mostrasse sem vida.

SONETO 126

Tu, querido rapaz, que gentil te assenhoras
Da ampulheta do Tempo, da foice das horas,
Que minguando floresces, ainda que vejas
Teus amantes murcharem enquanto vicejas;
Se a Natura (que sobre destroços governa)
Quando avanças te puxa de volta uma perna,
É por esta razão: pelos seus atributos
De mover guerra ao Tempo e matar os minutos.
Porém, teme-a! Que, mesmo o dileto vassalo,
Ela pode retê-lo, mas não conservá-lo.
E tal débito, enfim, deverá ser solvido,
Quando aos pés da Natura estiveres rendido.
( )
( )

contos

(n.t.)| Isfahan

O caçador de besouros

Arthur Conan Doyle

O texto: O conto "The Beetle-Hunter", publicado em 1922, faz parte de uma coletânea de 12 histórias escritas por Conan Doyle, intitulada *Tales of Terror and Mystery*. Dividido em dois volumes, cada um contendo seis histórias, o conto apresentado faz parte do *Tales of Mystery*, e assim como as demais narrativas presentes na coletânea, traz mistério e investigação, características típicas dos contos de Doyle.

Texto traduzido: Doyle, Arthur Conan. "The Beetle-Hunter". In. *Tales of Terror and Mystery*. Londres: John Murray, 1922.

O autor: O escritor escocês Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi considerado um inovador na literatura de histórias criminais. Seus contos ganharam notoriedade após a criação de seu personagem, o detetive Sherlock Holmes, sempre acompanhado do médico Dr. Watson. Dono de uma vasta obra, Doyle escrevia também histórias de ficção científica, peças e poesias.

A tradutora: Sandra Keli F. V. dos Santos é professora de inglês e doutora em Estudos da tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como pesquisadora, publicou alguns artigos cujos temas versam sobre tradução, poder e censura.

THE BEETLE-HUNTER

"He is actually a collector of beetles,
and he has written articles upon the subject."

ARTHUR CONAN DOYLE

A curious experience? said the Doctor. Yes, my friends, I have had one very curious experience. I never expect to have another, for it is against all doctrines of chances that two such events would befall any one man in a single lifetime. You may believe me or not, but the thing happened exactly as I tell it.

I had just become a medical man, but I had not started in practice, and I lived in rooms in Gower Street. The street has been renumbered since then, but it was in the only house which has a bow-window, upon the left-hand side as you go down from the Metropolitan Station. A widow named Murchison kept the house at that time, and she had three medical students and one engineer as lodgers. I occupied the top room, which was the cheapest, but cheap as it was it was more than I could afford. My small resources were dwindling away, and every week it became more necessary that I should find something to do. Yet I was very unwilling to go into general practice, for my tastes were all in the direction of science, and especially of zoology, towards which I had always a strong leaning. I had almost given the fight up and resigned myself to being a medical drudge for life, when the turning-point of my struggles came in a very extraordinary way.

One morning I had picked up the Standard and was glancing over its contents. There was a complete absence of news, and I was about to toss the paper down again, when my eyes were caught by an advertisement at the head of the personal column. It was worded in this way:

"Wanted for one or more days the services of a medical man. It is essential that he should be a man of strong physique, of steady nerves, and of a resolute nature. Must be an entomologist – coleopterist preferred. Apply, in person, at 77B, Brook Street. Application must be made before twelve o'clock today."

Now, I have already said that I was devoted to zoology. Of all branches of zoology, the study of insects was the most attractive to me, and of all insects beetles were the species with which I was most familiar. Butterfly collectors are numerous, but beetles are far more varied, and more accessible in these islands than are butterflies. It was this fact which had attracted my attention to them, and I had myself made a collection which numbered some hundred varieties. As to the other requisites of the advertisement, I knew that my nerves could be depended upon, and I had won the weight-throwing competition at the inter-hospital sports. Clearly, I was the very man for the vacancy. Within five minutes of my having read the advertisement I was in a cab and on my way to Brook Street.

As I drove, I kept turning the matter over in my head and trying to make a guess as to what sort of employment it could be which needed such curious qualifications. A strong physique, a resolute nature, a medical training, and a knowledge of beetles – what connection could there be between these various requisites? And then there was the disheartening fact that the situation was not a permanent one, but terminable from day to day, according to the terms of the advertisement. The more I pondered over it the more unintelligible did it become; but at the end of my meditations I always came back to the ground fact that, come what might, I had nothing to lose, that I was completely at the end of my resources, and that I was ready for any adventure, however desperate, which would put a few honest sovereigns into my pocket. The man fears to fail who has to pay for his failure, but there was no penalty which Fortune could exact from me. I was like the gambler with empty pockets, who is still allowed to try his luck with the others.

No. 77B, Brook Street, was one of those dingy and yet imposing houses, dun-coloured and flat-faced, with the intensely respectable and solid air which marks the Georgian builder. As I alighted from the cab, a young man came out of the door and walked swiftly down the street. In passing me, I noticed that he cast an inquisitive and somewhat malevolent glance at me, and I took the incident as a good omen, for his appearance was that of a rejected candidate, and if he resented my application it meant that the vacancy was not yet filled up. Full of hope, I ascended the broad steps and rapped with the heavy knocker.

A footman in powder and livery opened the door. Clearly I was in touch with the people of wealth and fashion.

"Yes, sir?" said the footman.

"I came in answer to."

"Quite so, sir," said the footman. "Lord Linchmere will see you at once in the library."

Lord Linchmere! I had vaguely heard the name, but could not for the instant recall anything about him. Following the footman, I was shown into a large, book–lined room in which there was seated behind a writing–desk a small man with a pleasant, clean-shaven, mobile face, and long hair shot with grey, brushed back from his forehead. He looked me up and down with a very shrewd, penetrating glance, holding the card which the footman had given him in his right hand. Then he smiled pleasantly, and I felt that externally at any rate I possessed the qualifications which he desired.

"You have come in answer to my advertisement, Dr. Hamilton?" he asked.

"Yes, sir."

"Do you fulfill the conditions which are there laid down?"

"I believe that I do."

"You are a powerful man, or so I should judge from your appearance."

"I think that I am fairly strong."

"And resolute?"

"I believe so."

"Have you ever known what it was to be exposed to imminent danger?"

"No, I don't know that I ever have."

"But you think you would be prompt and cool at such a time?"

"I hope so."

"Well, I believe that you would. I have the more confidence in you because you do not pretend to be certain as to what you would do in a position that was new to you. My impression is that, so far as personal qualities go, you are the very man of whom I am in search. That being settled, we may pass on to the next point."

"Which is?"

"To talk to me about beetles."

I looked across to see if he was joking, but, on the contrary, he was leaning eagerly forward across his desk, and there was an expression of something like anxiety in his eyes.

"I am afraid that you do not know about beetles," he cried.

"On the contrary, sir, it is the one scientific subject about which I feel that I really do know something."

"I am overjoyed to hear it. Please talk to me about beetles."

I talked. I do not profess to have said anything original upon the subject, but I gave a short sketch of the characteristics of the beetle, and ran over the more common species, with some allusions to the specimens in my own little collection and to the article upon "Burying Beetles" which I had contributed to the Journal of Entomological Science.

"What! not a collector?' cried Lord Linchmere. "You don't mean that you are yourself a collector?" His eyes danced with pleasure at the thought.

"You are certainly the very man in London for my purpose. I thought that among five millions of people there must be such a man, but the difficulty is to lay one's hands upon him. I have been extraordinarily fortunate in finding you."

He rang a gong upon the table, and the footman entered.

"Ask Lady Rossiter to have the goodness to step this way," said his lordship, and a few moments later the lady was ushered into the room. She was a small, middle–aged woman, very like Lord Linchmere in appearance, with the same quick, alert features and grey-black hair. The expression of anxiety, however, which I had observed upon his face was very much more marked upon hers. Some great grief seemed to have cast its shadow over her features. As Lord Linchmere presented me she turned her face full upon me, and I was shocked to observe a half–healed scar extending for two inches over her right eyebrow. It was partly concealed by plaster, but none the less I could see that it had been a serious wound and not long inflicted.

"Dr. Hamilton is the very man for our purpose, Evelyn," said Lord Linchmere. "He is actually a collector of beetles, and he has written articles upon the subject."

"Really!" said Lady Rossiter. "Then you must have heard of my husband. Everyone who knows anything about beetles must have heard of Sir Thomas Rossiter."

For the first time a thin little ray of light began to break into the obscure business. Here, at last, was a connection between these people and beetles.

Sir Thomas Rossiter – he was the greatest authority upon the subject in the world. He had made it his lifelong study, and had written a most exhaustive work upon it. I hastened to assure her that I had read and appreciated it.

"Have you met my husband?" she asked.

"No, I have not."

"But you shall," said Lord Linchmere, with decision.

The lady was standing beside the desk, and she put her hand upon his shoulder. It was obvious to me as I saw their faces together that they were brother and sister.

"Are you really prepared for this, Charles? It is noble of you, but you fill me with fears." Her voice quavered with apprehension, and he appeared to me to be equally moved, though he was making strong efforts to conceal his agitation.

"Yes, yes, dear; it is all settled, it is all decided; in fact, there is no other possible way, that I can see."

"There is one obvious way."

"No, no, Evelyn, I shall never abandon you – never. It will come right – depend upon it; it will come right, and surely it looks like the interference of Providence that so perfect an instrument should be put into our hands."

My position was embarrassing, for I felt that for the instant they had forgotten my presence. But Lord Linchmere came back suddenly to me and to my engagement.

"The business for which I want you, Dr. Hamilton, is that you should put yourself absolutely at my disposal. I wish you to come for a short journey with me, to remain always at my side, and to promise to do without question whatever I may ask you, however unreasonable it may appear to you to be."

"That is a good deal to ask," said I.

"Unfortunately I cannot put it more plainly, for I do not myself know what turn matters may take. You may be sure, however, that you will not be asked to do anything which your conscience does not approve; and I promise you that, when all is over, you will be proud to have been concerned in so good a work."

"If it ends happily," said the lady.

"Exactly; if it ends happily," his lordship repeated.

"And terms?" I asked.

"Twenty pounds a day."

I was amazed at the sum, and must have showed my surprise upon my features.

"It is a rare combination of qualities, as must have struck you when you first read the advertisement," said Lord Linchmere; "such varied gifts may well command a high return, and I do not conceal from you that your duties might be arduous or even dangerous. Besides, it is possible that one or two days may bring the matter to an end."

"Please God!" sighed his sister.

"So now, Dr. Hamilton, may I rely upon your aid?"

"Most undoubtedly," said I. "You have only to tell me what my duties are."

"Your first duty will be to return to your home. You will pack up whatever you may need for a short visit to the country. We start together from Paddington Station at 3:40 this afternoon."

"Do we go far?"

"As far as Pangbourne. Meet me at the bookstall at 3:30. I shall have the tickets. Goodbye, Dr. Hamilton! And, by the way, there are two things which I should be very glad if you would bring with you, in case you have them. One is your case for collecting beetles, and the other is a stick, and the thicker and heavier the better."

You may imagine that I had plenty to think of from the time that I left Brook Street until I set out to meet Lord Linchmere at Paddington. The whole fantastic business kept arranging and rearranging itself in kaleidoscopic forms inside my brain, until I had thought out a dozen explanations, each of them more grotesquely improbable than the last. And yet I felt that the truth must be something grotesquely improbable also. At last I gave up all attempts at finding a solution, and contented myself with exactly carrying out the instructions which I had received. With a hand valise, specimen-case, and a loaded cane, I was waiting at the Paddington bookstall when Lord Linchmere arrived. He was an even smaller man than I had thought – frail and peaky, with a manner which was more nervous than it had been in the morning. He wore a long, thick travelling ulster, and I observed that he carried a heavy blackthorn cudgel in his hand.

"I have the tickets," said he, leading the way up the platform.

"This is our train. I have engaged a carriage, for I am particularly anxious to impress one or two things upon you while we travel down."

And yet all that he had to impress upon me might have been said in a sentence, for it was that I was to remember that I was there as a protection to himself, and that I was not on any consideration to leave him for an instant. This he repeated again and again as our journey drew to a close, with an insistence which showed that his nerves were thoroughly shaken.

"Yes," he said at last, in answer to my looks rather than to my words, "I AM nervous, Dr. Hamilton. I have always been a timid man, and my timidity depends upon my frail physical health. But my soul is firm, and I can bring myself up to face a danger which a less-nervous man might shrink from. What I am doing now is done from no compulsion, but entirely from a sense of duty, and yet it is, beyond doubt, a desperate risk. If things should go wrong, I will have some claims to the title of martyr."

This eternal reading of riddles was too much for me. I felt that I must put a term to it.

"I think it would very much better, sir, if you were to trust me entirely," said I. "It is impossible for me to act effectively, when I do not know what are the objects which we have in view, or even where we are going."

"Oh, as to where we are going, there need be no mystery about that," said he; "we are going to Delamere Court, the residence of Sir Thomas Rossiter, with whose work you are so conversant. As to the exact object of our visit, I do not know that at this stage of the proceedings anything would be gained, Dr. Hamilton, by taking you into my complete confidence. I may tell you that we are acting – I say 'we,' because my sister, Lady Rossiter, takes the same view as myself – with the one object of preventing anything in the nature of a family scandal. That being so, you can understand that I am loath to give any explanations which are not absolutely necessary. It would be a different matter, Dr. Hamilton, if I were asking your advice. As matters stand, it is only your active help which I need, and I will indicate to you from time to time how you can best give it."

There was nothing more to be said, and a poor man can put up with a good deal for twenty pounds a day, but I felt none the less that Lord Linchmere was acting rather scurvily towards me. He wished to convert me into a passive tool, like the blackthorn in his hand. With his sensitive disposition I could imagine, however, that scandal would be abhorrent to him, and I realized that he would not take me into his confidence until no other course was open to him. I must trust to my own eyes and ears to solve the mystery, but I had every confidence that I should not trust to them in vain.

Delamere Court lies a good five miles from Pangbourne Station, and we drove for that distance in an open fly. Lord Linchmere sat in deep thought during the time, and he never opened his mouth until we were close to our destination. When he did speak it was to give me a piece of information which surprised me.

"Perhaps you are not aware," said he, "that I am a medical man like yourself?"

"No, sir, I did not know it."

"Yes, I qualified in my younger days, when there were several lives between me and the peerage. I have not had occasion to practise, but I have found it a useful education, all the same. I never regretted the years which I devoted to medical study. These are the gates of Delamere Court."

We had come to two high pillars crowned with heraldic monsters which flanked the opening of a winding avenue. Over the laurel bushes and rhododendrons, I could see a long, many-gabled mansion, girdled with ivy, and toned to the warm, cheery, mellow glow of old brick-work. My eyes were still fixed in admiration upon this delightful house when my companion plucked nervously at my sleeve.

"Here's Sir Thomas," he whispered. "Please talk beetle all you can."

A tall, thin figure, curiously angular and bony, had emerged through a gap in the hedge of laurels. In his hand he held a spud, and he wore gauntleted gardener's gloves. A broad–brimmed, grey hat cast his face into shadow, but it struck me as exceedingly austere, with an ill-nourished beard and harsh, irregular features. The fly pulled up and Lord Linchmere sprang out.

"My dear Thomas, how are you?" said he, heartily.

But the heartiness was by no means reciprocal. The owner of the grounds glared at me over his brother-in-law's shoulder, and I caught broken scraps of sentences – "well-known wishes... hatred of strangers... unjustifiable intrusion ... perfectly inexcusable." Then there was a muttered explanation, and the two of them came over together to the side of the fly.

"Let me present you to Sir Thomas Rossiter, Dr. Hamilton," said Lord Linchmere. "You will find that you have a strong community of tastes."

I bowed. Sir Thomas stood very stiffly, looking at me severely from under the broad brim of his hat.

"Lord Linchmere tells me that you know something about beetles," said he. "What do you know about beetles?"

"I know what I have learned from your work upon the coleoptera, Sir Thomas," I answered.

"Give me the names of the better–known species of the British scarabaei," said he.

I had not expected an examination, but fortunately I was ready for one. My answers seemed to please him, for his stern features relaxed.

"You appear to have read my book with some profit, sir," said he. "It is a rare thing for me to meet anyone who takes an intelligent interest in such matters. People can find time for such trivialities as sport or society, and yet the beetles are overlooked. I can assure you that the greater part of the idiots in this part of the country are unaware that I have ever written a book at all – I, the first man who ever described the true function of the elytra. I am glad to see you, sir, and I have no doubt that I can show you some specimens which will interest you." He stepped into the fly and drove up with us to the house, expounding to me as we went some recent researches which he had made into the anatomy of the lady-bird.

I have said that Sir Thomas Rossiter wore a large hat drawn down over his brows. As he entered the hall he uncovered himself, and I was at once aware of a singular characteristic which the hat had concealed. His forehead, which was naturally high, and higher still on account of receding hair, was in a continual state of movement. Some nervous weakness kept the muscles in a constant spasm, which sometimes produced a mere twitching and sometimes a curious rotary movement unlike anything which I had ever seen before. It was strikingly visible as he turned towards us after entering the study, and seemed the more singular from the contrast with the hard, steady, grey eyes which looked out from underneath those palpitating brows.

"I am sorry," said he, "that Lady Rossiter is not here to help me to welcome you. By the way, Charles, did Evelyn say anything about the date of her return?"

"She wished to stay in town for a few more days," said Lord Linchmere. "You know how ladies' social duties accumulate if they have been for some time in the country. My sister has many old friends in London at present."

"Well, she is her own mistress, and I should not wish to alter her plans, but I shall be glad when I see her again. It is very lonely here without her company."

"I was afraid that you might find it so, and that was partly why I ran down. My young friend, Dr. Hamilton, is so much interested in the subject

which you have made your own, that I thought you would not mind his accompanying me."

"I lead a retired life, Dr. Hamilton, and my aversion to strangers grows upon me," said our host. "I have sometimes thought that my nerves are not so good as they were. My travels in search of beetles in my younger days took me into many malarious and unhealthy places. But a brother coleopterist like yourself is always a welcome guest, and I shall be delighted if you will look over my collection, which I think that I may without exaggeration describe as the best in Europe."

And so no doubt it was. He had a huge, oaken cabinet arranged in shallow drawers, and here, neatly ticketed and classified, were beetles from every corner of the earth, black, brown, blue, green, and mottled. Every now and then as he swept his hand over the lines and lines of impaled insects he would catch up some rare specimen, and, handling it with as much delicacy and reverence as if it were a precious relic, he would hold forth upon its peculiarities and the circumstances under which it came into his possession. It was evidently an unusual thing for him to meet with a sympathetic listener, and he talked and talked until the spring evening had deepened into night, and the gong announced that it was time to dress for dinner. All the time Lord Linchmere said nothing, but he stood at his brother-in-law's elbow, and I caught him continually shooting curious little, questioning glances into his face. And his own features expressed some strong emotion, apprehension, sympathy, expectation: I seemed to read them all. I was sure that Lord Linchmere was fearing something and awaiting something, but what that something might be I could not imagine.

The evening passed quietly but pleasantly, and I should have been entirely at my ease if it had not been for that continual sense of tension upon the part of Lord Linchmere. As to our host, I found that he improved upon acquaintance. He spoke constantly with affection of his absent wife, and also of his little son, who had recently been sent to school. The house, he said, was not the same without them. If it were not for his scientific studies, he did not know how he could get through the days. After dinner we smoked for some time in the billiard-room, and finally went early to bed.

And then it was that, for the first time, the suspicion that Lord Linchmere was a lunatic crossed my mind. He followed me into my bedroom, when our host had retired.

"Doctor," said he, speaking in a low, hurried voice, "you must come with me. You must spend the night in my bedroom."

“What do you mean?”

“I prefer not to explain. But this is part of your duties. My room is close by, and you can return to your own before the servant calls you in the morning.”

“But why?” I asked.

“Because I am nervous of being alone,” said he. “That’s the reason, since you must have a reason.”

It seemed rank lunacy, but the argument of those twenty pounds would overcome many objections. I followed him to his room.

“Well,” said I, “there’s only room for one in that bed.”

“Only one shall occupy it,” said he.

“And the other?”

“Must remain on watch.”

“Why?” said I. “One would think you expected to be attacked.”

“Perhaps I do.”

“In that case, why not lock your door?”

“Perhaps I WANT to be attacked.”

It looked more and more like lunacy. However, there was nothing for it but to submit. I shrugged my shoulders and sat down in the arm-chair beside the empty fireplace.

“I am to remain on watch, then?” said I, ruefully.

“We will divide the night. If you will watch until two, I will watch the remainder.”

“Very good.”

“Call me at two o’clock, then.”

“I will do so.”

“Keep your ears open, and if you hear any sounds wake me instantly – instantly, you hear?”

“You can rely upon it.” I tried to look as solemn as he did.

“And for God’s sake don’t go to sleep,” said he, and so, taking off only his coat, he threw the coverlet over him and settled down for the night.

It was a melancholy vigil, and made more so by my own sense of its folly. Supposing that by any chance Lord Linchmere had cause to suspect that he was subject to danger in the house of Sir Thomas Rossiter, why on earth

could he not lock his door and so protect himself? His own answer that he might wish to be attacked was absurd. Why should he possibly wish to be attacked? And who would wish to attack him? Clearly, Lord Linchmere was suffering from some singular delusion, and the result was that on an imbecile pretext I was to be deprived of my night's rest. Still, however absurd, I was determined to carry out his injunctions to the letter as long as I was in his employment. I sat, therefore, beside the empty fireplace, and listened to a sonorous chiming clock somewhere down the passage which gurgled and struck every quarter of an hour. It was an endless vigil. Save for that single clock, an absolute silence reigned throughout the great house. A small lamp stood on the table at my elbow, throwing a circle of light round my chair, but leaving the corners of the room draped in shadow. On the bed Lord Linchmere was breathing peacefully. I envied him his quiet sleep, and again and again my own eyelids drooped, but every time my sense of duty came to my help, and I sat up, rubbing my eyes and pinching myself with a determination to see my irrational watch to an end.

And I did so. From down the passage came the chimes of two o'clock, and I laid my hand upon the shoulder of the sleeper. Instantly he was sitting up, with an expression of the keenest interest upon his face.

"You have heard something?"

"No, sir. It is two o'clock."

"Very good. I will watch. You can go to sleep."

I lay down under the coverlet as he had done and was soon unconscious. My last recollection was of that circle of lamplight, and of the small, hunched-up figure and strained, anxious face of Lord Linchmere in the centre of it.

How long I slept I do not know; but I was suddenly aroused by a sharp tug at my sleeve. The room was in darkness, but a hot smell of oil told me that the lamp had only that instant been extinguished.

"Quick! Quick!" said Lord Linchmere's voice in my ear.

I sprang out of bed, he still dragging at my arm.

"Over here!" he whispered, and pulled me into a corner of the room. "Hush! Listen!"

In the silence of the night I could distinctly hear that someone was coming down the corridor. It was a stealthy step, faint and intermittent, as of a man who paused cautiously after every stride. Sometimes for half a minute there was no sound, and then came the shuffle and creak which told

of a fresh advance. My companion was trembling with excitement. His hand, which still held my sleeve, twitched like a branch in the wind.

"What is it?" I whispered.

"It's he!"

"Sir Thomas?"

"Yes."

"What does he want?"

"Hush! Do nothing until I tell you."

I was conscious now that someone was trying the door. There was the faintest little rattle from the handle, and then I dimly saw a thin slit of subdued light. There was a lamp burning somewhere far down the passage, and it just sufficed to make the outside visible from the darkness of our room. The greyish slit grew broader and broader, very gradually, very gently, and then outlined against it I saw the dark figure of a man. He was squat and crouching, with the silhouette of a bulky and misshapen dwarf. Slowly the door swung open with this ominous shape framed in the centre of it. And then, in an instant, the crouching figure shot up, there was a tiger spring across the room and thud, thud, thud, came three tremendous blows from some heavy object upon the bed.

I was so paralysed with amazement that I stood motionless and staring until I was aroused by a yell for help from my companion. The open door shed enough light for me to see the outline of things, and there was little Lord Linchmere with his arms round the neck of his brother-in-law, holding bravely on to him like a game bull-terrier with its teeth into a gaunt deer-hound. The tall, bony man dashed himself about, writhing round and round to get a grip upon his assailant; but the other, clutching on from behind, still kept his hold, though his shrill, frightened cries showed how unequal he felt the contest to be. I sprang to the rescue, and the two of us managed to throw Sir Thomas to the ground, though he made his teeth meet in my shoulder. With all my youth and weight and strength, it was a desperate struggle before we could master his frenzied struggles; but at last we secured his arms with the waist–cord of the dressing–gown which he was wearing. I was holding his legs while Lord Linchmere was endeavouring to relight the lamp, when there came the pattering of many feet in the passage, and the butler and two footmen, who had been alarmed by the cries, rushed into the room. With their aid we had no further difficulty in securing our prisoner, who lay foaming and glaring upon the ground. One glance at his face was enough to prove that he was a dangerous maniac, while the short, heavy

hammer which lay beside the bed showed how murderous had been his intentions.

"Do not use any violence!" said Lord Linchmere, as we raised the struggling man to his feet. "He will have a period of stupor after this excitement. I believe that it is coming on already." As he spoke the convulsions became less violent, and the madman's head fell forward upon his breast, as if he were overcome by sleep. We led him down the passage and stretched him upon his own bed, where he lay unconscious, breathing heavily.

"Two of you will watch him," said Lord Linchmere. "And now, Dr. Hamilton, if you will return with me to my room, I will give you the explanation which my horror of scandal has perhaps caused me to delay too long. Come what may, you will never have cause to regret your share in this night's work."

"The case may be made clear in a very few words," he continued, when we were alone. "My poor brother-in-law is one of the best fellows upon earth, a loving husband and an estimable father, but he comes from a stock which is deeply tainted with insanity. He has more than once had homicidal outbreaks, which are the more painful because his inclination is always to attack the very person to whom he is most attached. His son was sent away to school to avoid this danger, and then came an attempt upon my sister, his wife, from which she escaped with injuries that you may have observed when you met her in London. You understand that he knows nothing of the matter when he is in his sound senses, and would ridicule the suggestion that he could under any circumstances injure those whom he loves so dearly. It is often, as you know, a characteristic of such maladies that it is absolutely impossible to convince the man who suffers from them of their existence."

"Our great object was, of course, to get him under restraint before he could stain his hands with blood, but the matter was full of difficulty. He is a recluse in his habits, and would not see any medical man. Besides, it was necessary for our purpose that the medical man should convince himself of his insanity; and he is sane as you or I, save on these very rare occasions. But, fortunately, before he has these attacks he always shows certain premonitory symptoms, which are providential danger-signals, warning us to be upon our guard. The chief of these is that nervous contortion of the forehead which you must have observed. This is a phenomenon which always appears from three to four days before his attacks of frenzy. The moment it showed itself

his wife came into town on some pretext, and took refuge in my house in Brook Street."

"It remained for me to convince a medical man of Sir Thomas's insanity, without which it was impossible to put him where he could do no harm. The first problem was how to get a medical man into his house. I bethought me of his interest in beetles, and his love for anyone who shared his tastes. I advertised, therefore, and was fortunate enough to find in you the very man I wanted. A stout companion was necessary, for I knew that the lunacy could only be proved by a murderous assault, and I had every reason to believe that that assault would be made upon myself, since he had the warmest regard for me in his moments of sanity. I think your intelligence will supply all the rest. I did not know that the attack would come by night, but I thought it very probable, for the crises of such cases usually do occur in the early hours of the morning. I am a very nervous man myself, but I saw no other way in which I could remove this terrible danger from my sister's life. I need not ask you whether you are willing to sign the lunacy papers."

"Undoubtedly. But TWO signatures are necessary."

"You forget that I am myself a holder of a medical degree. I have the papers on a side-table here, so if you will be good enough to sign them now, we can have the patient removed in the morning."

So that was my visit to Sir Thomas Rossiter, the famous beetle–hunter, and that was also my first step upon the ladder of success, for Lady Rossiter and Lord Linchmere have proved to be staunch friends, and they have never forgotten my association with them in the time of their need. Sir Thomas is out and said to be cured, but I still think that if I spent another night at Delamere Court, I should be inclined to lock my door upon the inside.

O CAÇADOR DE BESOUROS

"Ele é de fato um colecionador de besouros
e escreveu artigos sobre o assunto."

ARTHUR CONAN DOYLE

Uma experiência curiosa? Disse o doutor. Sim, meus amigos, eu tive uma experiência muito curiosa. Eu jamais espero ter outra igual, pois iria de encontro a todas as crenças na probabilidade de que dois eventos não acontecem a um mesmo homem durante toda a sua vida. Você pode ou não acreditar, mas o fato aconteceu exatamente como eu irei contar.

Eu havia acabado de me tornar médico, mas não havia começado na prática, e morava em um quarto na Gower Street. A rua havia sido renumerada desde então, mas era a única casa que tinha uma janela veneziana, no lado esquerdo da rua, saindo da Metropolitan Station. Uma viúva chamada Murchison era a dona da casa, naquela época, e tinha como inquilinos, três estudantes de medicina e um engenheiro. Eu ocupava o quarto de cima, que era o mais barato. Entretanto, mesmo sendo barato, era mais do que eu podia pagar. Meus poucos recursos estavam minguando, e toda semana tornava-se cada vez mais necessário encontrar algo para fazer. Mesmo assim, eu não estava com muita vontade de iniciar a prática geral, pois me interessava mais por ciência, especialmente por zoologia, pela qual eu sempre tivera uma forte inclinação. Eu quase havia desistido de lutar e me rendido ao fato de ser um escravo da medicina pelo resto da vida, quando uma reviravolta em minhas lutas aconteceu de forma inusitada.

Certa manhã, eu peguei o jornal *Standard* e comecei a olhar seu conteúdo. Não havia nenhuma novidade, e eu estava prestes a deixá-lo de lado, quando meus olhos foram atraídos por um anúncio na parte principal da coluna pessoal. Estava redigido da seguinte forma:

– Procuram-se os serviços de um médico para um ou mais dias. É essencial que seja um homem de físico forte, de nervos de aço e determinado. Preferencialmente um entomologista-coleopterólogo. Deve candidatar-se, pessoalmente, na Brook Street, número 77B. A inscrição deverá ser realizada até as doze horas de hoje.

Eu já disse ter interesse por zoologia. De todos os ramos da zoologia, o estudo dos insetos era o mais atraente para mim, e de todos os insetos, os besouros eram as espécies com as quais eu tinha mais familiaridade. As borboletas são numerosas, mas a variedade de besouros é bem maior e mais acessível nesta ilha do que a de borboletas. Foi esse fato que atraiu a minha atenção para eles, e eu mesmo tinha uma coleção com centenas de variedades. Quanto aos outros requisitos do anúncio, eu sabia que podia confiar em meus nervos, e eu havia ganhado a competição de arremesso de peso no *inter-hospital sports*. Claramente, eu era o homem para a vaga. Cinco minutos após a leitura do anúncio, eu estava em um taxi, a caminho da Brook Street.

Durante o percurso, eu pensava sobre o assunto e tentava adivinhar que tipo de emprego poderia ser, por exigir qualificações tão curiosas. Um físico forte, uma natureza determinada, formação médica e conhecimento de besouros – que conexão poderia haver entre estes vários requisitos? E ainda havia o fato desanimador de que a situação não era permanente, mas revogável a cada dia, de acordo com os termos do anúncio. Quanto mais eu ponderava sobre o assunto, menos compreensível me parecia; mas ao fim das meditações, eu sempre voltava ao fato fundamental que, independente do que fosse, eu não tinha nada a perder. As minhas economias estavam acabando, e eu estava pronto para qualquer aventura, apesar de estar desesperado, mas desde que pusesse alguns soberanos[1] honestos em meu bolso. O homem teme fracassar quando tem prejuízo, mas não eu não seria penalizado pela perda de nenhuma fortuna. Eu era como um apostador com bolsos vazios, que ainda poderia tentar a sorte.

O número 77B da Brook Street era uma daquelas casas encardidas e, ainda assim, imponentes, de fachada reta e parda, com ares sólidos e extremamente respeitáveis, próprios de uma construção georgiana. Quando desci do táxi, um homem jovem saiu do prédio e desceu a rua rapidamente. Ao passar por mim, notei que ele me olhou inquisitivamente e, de certo modo, maldosamente. Entretanto, interpretei o incidente como um bom presságio, pois ele parecia ser um candidato rejeitado. Se ele se ressentia pela minha can-

[1] Moeda inglesa, Libras esterlinas. (n.t.)

didatura, significava que a vaga ainda não estava preenchida. Cheio de esperança, subi os largos degraus e bati com a aldrava pesada na porta.

Um criado, de pó de arroz e uniforme, abriu a porta. Eu estava claramente em contato com pessoas ricas e elegantes.

– Pois não, senhor? – disse o criado.

– Eu vim em resposta ao...

– Claro, senhor – disse o criado. – Lord Linchmere irá vê-lo, em alguns instantes, na biblioteca.

Lord Linchmere! Eu tinha ouvido falar dele vagamente, mas não me lembrava, no momento, de nada sobre ele. Enquanto seguia o criado, fui apresentado a uma sala grande, com livros enfileirados, e na qual, por trás de uma escrivaninha, havia um homem pequeno, de barba bem feita, rosto agradável e volúvel, e de cabelo longo, grisalho, puxado para trás da testa. Ele me olhou de cima para baixo com um olhar penetrante, perspicaz, segurando o cartão, que o criado lhe havia dado, na mão direita. Então, ele sorriu prazerosamente, e eu senti que, exteriormente, de qualquer forma, eu tinha as qualificações que ele desejava.

– Você veio em resposta ao meu anúncio, Dr Hamilton? – ele perguntou.

– Sim, senhor.

– Você preenche os requisitos impostos?

– Eu acho que sim.

– Você é um homem forte, julgando por sua aparência.

– Eu acho que sou razoavelmente forte.

– E decidido.

– Eu creio que sim.

– Você sabe o que é estar exposto a um perigo iminente?

– Não, eu não sei se já estive.

– Mas você acha que estaria pronto e ficaria frio em tal situação?

– Eu espero que sim.

– Bem, eu acredito que sim. Eu tenho mais confiança em você porque você não finge estar certo do que faria em uma situação que lhe fosse nova. A impressão que tenho é que, por essas qualidades pessoais, você é o homem por quem eu procuro. Com isso resolvido, nós podemos passar para o próximo ponto.

– Qual é?

– Conversar comigo sobre besouros.

– Eu olhei bem para ver se ele estava brincando, mas, pelo contrário, ele estava se inclinando sobre sua escrivaninha, avidamente, e havia uma expressão meio que de ansiedade em seus olhos.

– Eu receio que você não conheça besouros, exclamou.

– Pelo contrário, senhor. É o único assunto científico sobre o qual eu sinto que realmente sei alguma coisa.

– Fico muito feliz em ouvir isso. Por favor, fale comigo sobre besouros.

Eu falei. Eu confesso não ter dito nada de original sobre o assunto, mas eu dei um breve resumo das características do besouro, e recapitulei sobre os espécimes mais comuns, com algumas alusões aos da minha própria coleção e ao artigo sobre "Enterrando besouros", que eu havia publicado no *Journal of Entomological Science*.

– O quê! Um colecionador? – gritou Lord Linchmere. – Você não quer dizer que é um colecionador? Os olhos dele dançaram com o prazer só de pensar.

– Você é de fato o homem que procuro, em Londres, para os meus objetivos. Eu pensei que entre cinco milhões de pessoas deveria haver tal homem, mas a dificuldade seria colocar as mãos nele. Eu sou afortunado em encontrá-lo.

Ele tocou um sino que havia sobre a mesa, e o criado entrou.

– Peça a Lady Rossiter para ter a bondade de vir aqui, – disse o seu patrão. Alguns momentos depois, uma senhora entrou na sala. Ela era uma mulher de meia idade, baixa, muito parecida com Lord Linchmere, com as mesmas feições alertas e ágeis e cabelo preto grisalho. A expressão de ansiedade, entretanto, que eu havia observado no rosto dele, era mais marcante no rosto dela. Algum pesar havia lançado sombra em suas feições. Quando Lord Linchmere me apresentou, ela virou o rosto totalmente para mim, e fiquei chocado ao observar um ferimento ainda não cicatrizado, de alguns centímetros, acima da sobrancelha direita. Estava parcialmente coberto com um curativo, mas apesar disso eu pude ver que era um ferimento grave e infligido há pouco tempo.

– Dr. Hamilton é o homem certo para o nosso propósito, Evelyn – disse Lord Linchmere.

– Ele é de fato um colecionador de besouros e escreveu artigos sobre o assunto.

– Verdade? Disse Lady Rossiter. Então você deve ter ouvido falar do meu marido. Todo mundo que conhece alguma coisa sobre besouros deve ter ouvido falar do Sr. Thomas Rossiter.

Pela primeira vez, um pequeno raio de sol entrou no negócio obscuro. Aqui, finalmente, estava a conexão entre estas pessoas e os besouros. Sr. Thomas Rossiter – ele era a maior autoridade sobre o assunto no mundo. Ele havia feito disso um estudo permanente e escrevera um trabalho exaustivo sobre o assunto. Eu me apressei em assegurá-la que havia lido e gostado dele.

– Você conheceu o meu marido? – ela perguntou.

– Não, eu não.

– Mas você irá – disse Lord Linchmere, decidido.

A senhora estava de pé atrás da escrivaninha, e pôs a sua mão sobre o ombro dele. Era óbvio para mim, quando vi seus rostos juntos, que eram irmãos.

– Você realmente está preparado para isto, Charles? É nobre de sua parte, mas você me enche de medo. A voz dela gaguejou apreensiva, e ele pareceu estar igualmente emocionado, embora estivesse fazendo grandes esforços para esconder sua agitação.

– Sim, sim, querida; está tudo arranjado, está tudo decidido; de fato, não há outra forma possível que eu possa enxergar.

– Há uma maneira óbvia.

– Não, não Evelyn, eu nunca irei abandoná-la – nunca. Dará certo – depende disso; dará certo, e certamente parece haver a interferência da Providência que pôs um instrumento perfeito em nossas mãos.

Minha posição era embaraçosa, pois eu senti que, por um instante, eles haviam esquecido a minha presença. Mas Lord Linchmere se voltou rapidamente para mim e para o meu compromisso.

– O negócio para qual eu o quero, Dr. Hamilton, necessita que você se coloque absolutamente à minha disposição. Eu quero que você me acompanhe em uma pequena viagem, permaneça sempre ao meu lado e prometa fazer, sem questionar, qualquer coisa que lhe peça, por mais insensata que lhe pareça.

– É exigir bastante – eu disse.

– Infelizmente eu não posso ser mais claro, pois eu mesmo não sei o rumo que as coisas podem tomar. Você pode estar certo, entretanto, que não lhe será solicitado nada que a sua consciência desaprove; e eu lhe prometo

que quando tudo estiver terminado, você estará orgulhoso de ter se envolvido em um trabalho tão bom.

– Se terminar tudo bem – disse a senhora.

– Exatamente; se terminar tudo bem – repetiu o Lord.

– E as condições? – eu perguntei.

– Vinte libras por dia.

Eu fiquei espantado com a quantia e devo ter mostrado surpresa em minhas feições.

– É uma rara combinação de qualidades, as quais devem ter lhe causado espanto quando você leu o anúncio pela primeira vez – disse Lord Linchmere; – tantos dons variados podem gerar um bom retorno, e eu não lhe escondo que suas atividades poderão ser difíceis e até mesmo perigosas. Além disso, é possível que, em um ou dois dias, tudo se resolva.

– Deus , por favor! – suspirou sua irmã.

– Então agora, Dr. Hamilton, posso contar com a sua ajuda?

– Sem dúvida nenhuma – eu disse. – Você só tem que me dizer quais são as minhas obrigações.

– Sua primeira tarefa será retornar a sua casa. Você irá arrumar as malas com o necessário para uma curta visita ao campo. Nós partiremos juntos da Paddington Station, às 3:40, esta tarde.

– Iremos longe?

– Até Pangbourne. Encontre-me na livraria às 3:30. Eu terei as passagens. Adeus, Dr. Hamilton! E, a propósito, há duas coisas que eu ficaria muito feliz que você trouxesse com você, caso as tenha. Uma é seu estojo para coletar besouros e a outra é um bastão, e quanto mais grosso e pesado, melhor.

Você pode imaginar que eu tive muita coisa para pensar do momento que eu deixei a Brook Street até sair para encontrar Lord Linchmere na Paddington. Todo o negócio bizarro permanecia passando e repassando em formas caleidoscópicas dentro de meu cérebro, até eu pensar em uma dúzia de explicações, cada uma delas mais grotescamente improvável do que a anterior. E mesmo assim, eu sentia que a verdade era algo grotescamente improvável também. E no fim, eu desisti de todas as tentativas de encontrar uma solução, e me contentei em seguir exatamente as instruções que eu havia recebido. Eu estava esperando na Livraria Paddington, com uma valise de mão, o estojo de espécimes e uma bengala de conteira, quando Lord

Linchmere chegou. Ele era um homem ainda menor do que eu havia pensado – frágil e pálido, com gestos mais nervosos do que apresentava de manhã. Ele vestia um casaco de viagem longo e grosso, e eu observei que carregava um pesado bastão de abrunheiro em sua mão.

– Eu tenho as passagens – disse ele no caminho para a plataforma.

– Este é o nosso trem. Eu reservei um vagão, pois estou particularmente ansioso para ressaltar uma ou duas coisas enquanto viajamos.

Entretanto, tudo o que ele tinha que salientar poderia ter sido resumido em uma sentença, visto que era para me lembrar que eu estava lá como uma proteção para ele mesmo, e que eu não poderia, em nenhuma circunstância, deixá-lo por nenhum instante. Ele repetiu isso de novo e de novo até o fim da viagem, com uma insistência que mostrava que seus nervos estavam completamente abalados.

– Sim, disse ele finalmente, em resposta aos meus olhares mais do que às minhas palavras. – Eu ESTOU nervoso, Dr. Hamilton. Eu sempre fui um homem tímido, e minha timidez se deve à minha fraca saúde física. Mas a minha alma é firme, e eu posso enfrentar um perigo que um homem menos nervoso pode temer. O que eu estou fazendo agora é feito sem nenhuma compulsão, mas inteiramente por um senso de dever, e ainda é, sem dúvida nenhuma, um risco desesperador. Se as coisas derem erradas, eu poderei reivindicar o título de mártir.

Esse eterno desvendamento de enigmas era demais para mim. Eu senti que deveria por um fim nisso.

– Eu acho que seria muito melhor, Lord, se o senhor pudesse confiar em mim inteiramente – eu disse. – É impossível, para mim, agir efetivamente, quando eu não sei quais os objetivos que temos em mente, ou até mesmo para onde estamos indo.

– Ah, quanto aonde estamos indo, não há mistério sobre isso – ele disse; nós iremos a Delamere Court, à residência do Sr. Thomas Rossiter, cujo trabalho você conhece. Quanto ao objetivo de nossa visita, eu não sei o quanto seria vantajoso, nesta altura dos acontecimentos, confiar totalmente em você. Eu posso dizer que nós estamos agindo – Eu digo 'nós' porque minha irmã, Lady Rossiter, tem a mesma visão que eu – com o objetivo de evitar algo que possa vir a ser um escândalo familiar. Assim sendo, você pode entender que eu reluto em dar explicações que não são absolutamente necessárias. Seria diferente, Dr. Hamilton, se eu estivesse pedindo seu conselho. Neste momento, eu só necessito de sua ajuda efetiva. Eu irei orientá-lo de vez em quando sobre a melhor forma disso.

Não havia mais nada a ser dito, e um homem pobre pode tolerar essa negociação por vinte libras por dia. Contudo, eu senti que Lord Linchmere estava agindo de maneira mesquinha em relação a mim. Ele desejava me tornar uma ferramenta passiva, como o abrunheiro em sua mão. Por ser uma pessoa sensível, eu poderia imaginar, no entanto, que um escândalo o aborreceria, e eu percebi que ele não confiaria em mim até que surgisse outro plano. Eu deveria confiar em meus próprios olhos e ouvidos para resolver o mistério, mas eu tinha plena confiança que eu não deveria confiar neles em vão.

Delamere Court se localiza a umas cinco milhas da Pangbourne Station, e nós andamos essa distância em uma carruagem aberta. Lord Linchmere permaneceu em pensamento profundo durante a viagem, e não abriu a boca até chegarmos perto de nosso destino. Quando ele falou, foi para me dar uma informação que me surpreendeu.

– Talvez você não esteja ciente – disse ele –, de que eu seja um médico como você.

– Não senhor, eu não sabia disso.

– Sim, eu me formei jovem, quando havia um longo caminho entre mim e o título de nobreza. Eu não tive a oportunidade de praticar, mas eu considero uma formação importante, mesmo assim. Eu nunca me arrependi dos anos que me dediquei aos estudos médicos. Estes são os portões da Delamere Court.

Nós passamos por dois altos pilares coroados com monstros heráldicos que acompanhavam a abertura de uma avenida sinuosa. Por cima dos arbustos de louro e dos rododendros, eu pude ver uma grande mansão com muitos frontões, cobertos por hera e com o tom quente, alegre e de brilho suave de alvenaria antiga. Meus olhos ainda estavam vidrados em admiração por esta casa encantadora, quando meu companheiro me puxou nervosamente pela manga.

– Aqui está o Senhor Thomas – ele sussurrou. – Por favor, fale de besouros o máximo que puder.

Uma figura alta, magra, curiosamente angular e ossuda havia surgido de uma passagem na cerca de louros. Em sua mão segurava um escardilho, e usava luvas de jardineiro. Um chapéu cinza de abas largas moldava seu rosto na sombra, e me pareceu excessivamente austero, com uma barba rala e áspera e características irregulares. A carruagem parou e Lord Linchmere saltou.

– Meu querido Thomas, como você está? – ele disse, entusiasticamente.

Mas o entusiasmo não era de forma alguma recíproco. O proprietário das terras me encarou por cima dos ombros de seu cunhado, e peguei alguns trechos de frases – desejos bem conhecidos... ódio de estranhos... intrusão injustificada... perfeitamente indesculpável. Então, houve uma explicação murmurada, e os dois vieram juntos para a lateral da carruagem.

– Deixe-me apresentá-lo ao Sr. Thomas Rossiter, Dr. Hamilton – disse Lord Linchmere. – Vocês irão descobrir que têm gostos em comum.

Eu me curvei, cumprimentando-o. O Senhor Thomas permaneceu firme, olhando para mim seriamente por baixo da larga aba de seu chapéu.

– Lord Linchmere me disse que você sabe tudo sobre besouros – ele disse. – O que você sabe sobre besouros?

– Eu sei o que aprendi em seu trabalho sobre coleópteros, Sr Thomas – respondi.

– Cite os nomes dos espécimes mais conhecidos dos escarabeídeos britânicos – ele disse.

Eu não esperava uma avaliação, mas felizmente eu estava pronto para uma. Minhas respostas pareciam agradá-lo, pois suas feições severas relaxaram.

– Você parece ter tirado proveito da leitura do meu livro, senhor – ele disse. É algo raro para mim encontrar alguém que se interesse por tais assuntos. As pessoas podem encontrar tempo para trivialidades, como esporte ou eventos da sociedade, entretanto, os besouros são negligenciados. Eu posso assegurar a você que a maior parte dos idiotas nesta parte do país ignora que eu tenha escrito um livro – Eu, o primeiro homem que descreveu a verdadeira função do élitro. Estou feliz em vê-lo, senhor, e eu não tenho dúvida de que poderei lhe mostrar alguns espécimes que irão interessá-lo. Ele entrou na carruagem e se dirigiu conosco para casa, expondo para mim, no caminho, algumas pesquisas que ele havia feito acerca da anatomia da joaninha.

Eu disse que Lord Thomas Rossiter usava um chapéu largo que cobria suas sobrancelhas. Quando entrou no *hall*, retirou-o, e eu finalmente pude tomar conhecimento de uma característica peculiar que o chapéu havia escondido. Sua testa, que era naturalmente alta, e mais alta ainda por conta da pequena quantidade de cabelos, permanecia em um estado contínuo de movimento. Alguma debilidade nervosa mantinha os músculos em um espasmo constante, que ora resultava em um mero tique nervoso, ora num movimento rotatório curioso, diferente de tudo o que eu havia visto antes. Ficou espantosamente visível quando ele se virou em nossa direção, ao entrar

no estúdio, e parecia ainda mais singular pelo contraste com os olhos acinzentados, firmes e duros que olhavam por debaixo daquelas sobrancelhas palpitantes.

– Eu sinto muito – ele disse – que Lady Rossiter não esteja aqui para me ajudar a recepcioná-lo. A propósito, Charles, a Evelyn disse alguma coisa sobre a data de seu retorno?

– Ela gostaria de ficar na cidade por mais alguns dias – disse Lord Linchmere. – Você sabe como os compromissos sociais das mulheres se acumulam se elas ficam por mais tempo no campo. Minha irmã tem muitos amigos de longa data em Londres, no momento.

– Bem, ela é dona de si mesma, e eu não devo desejar alterar os seus planos, mas eu ficarei feliz em vê-la. É muito solitário aqui sem a companhia dela.

– Eu receei que você pudesse achar isso e foi, em parte, por esse motivo, que eu vim. Meu jovem amigo, Dr. Hamilton, está tão interessado na matéria que você tornou sua, que eu pensei que você não se importaria que ele me acompanhasse.

– Eu levo uma vida reservada, Dr. Hamilton, e minha aversão a estranhos está aumentando – disse o nosso anfitrião. – Eu, às vezes, penso que meus nervos não estão tão bons como eram antigamente. Minhas viagens em busca de besouros, em minha época de juventude, levaram-me a muitos lugares maláricos e insalubres. Mas um colega coleopterólogo, como você, é sempre um convidado bem-vindo, e eu ficarei lisonjeado se você examinar a minha coleção, que eu posso descrever, sem exagero, como sendo a melhor na Europa.

E sem nenhuma dúvida era. Ele tinha um armário imenso, de carvalho, com gavetas rasas, e havia, organizadamente etiquetados e classificados, besouros de cada canto da terra, pretos, marrons, azuis, verdes e sarapintados. De vez em quando, ele passava suas mãos sobre as linhas e linhas dos insetos empalados e pegava algum espécime raro, e ao manuseá-lo com delicadeza e reverência como se fosse uma relíquia preciosa, discursava sobre suas peculiaridades e sob quais circunstâncias chegara à sua posse. Era evidentemente uma coisa incomum para ele encontrar um ouvinte solidário. Ele falou e falou, até que o cair da noite primaveril e o gongo anunciaram que era hora para se vestir para o jantar. Lord Linchmere ficou calado o tempo todo, mas ficou no encalço de seu cunhado, e eu o peguei lançando contínuos olhares curiosos e questionadores sobre o rosto dele. E suas próprias feições expressavam emoções fortes: apreensão, solidariedade, expectativa.

Eu parecia ler todas. Eu tinha certeza de que Lord Linchmere estava temendo algo e esperando algo, mas eu não imaginava o que poderia ser.

A noite passou tranquila e agradavelmente, e eu poderia ter ficado totalmente à vontade se não tivesse sido pelo contínuo estado de tensão por parte de Lord Linchmere. Quanto ao nosso anfitrião, eu notei melhora com a familiarização. Ele falou constantemente com afeição sobre sua esposa ausente, e também sobre seu pequeno filho, que havia sido enviado recentemente à escola. A casa – disse ele, – não era a mesma sem eles. Se não fosse por seus estudos científicos, ele não saberia como passar os dias. Depois do jantar, fumamos por um tempo na sala de bilhar e fomos dormir cedo.

E foi então que, pela primeira vez, passou pela minha cabeça que Lord Linchmere era um lunático. Ele me seguiu até o meu quarto, quando nosso anfitrião já havia se recolhido.

– Doutor – ele disse, falando em voz baixa e apressada –, você deve vir comigo. Você deve passar a noite em meu quarto.

– O que você quer dizer?

– Eu prefiro não explicar. Mas isso faz parte de suas tarefas. Meu quarto está próximo daqui, e você poderá retornar ao seu antes que o criado o chame pela manhã.

– Mas por quê? – eu perguntei.

– Porque eu estou com medo de ficar sozinho – ele disse. – Este é o motivo, já que você precisa de um.

Parecia loucura total, mas o argumento daquelas vinte libras venceria muitas objeções. Eu o segui até seu quarto.

– Bem – eu disse –, há espaço apenas para um naquela cama.

– Apenas um irá ocupá-la – ele disse.

– E o outro?

– Deve ficar na vigília.

– Por quê? – eu disse. – Parece que você acha que será atacado.

– Talvez eu ache isso.

– Neste caso, por que não fechar a porta?

– Talvez EU QUEIRA ser atacado.

Cada vez mais parecia loucura. Entretanto, não havia nada a fazer, apenas aceitar. Eu balancei os ombros e sentei na poltrona ao lado da lareira vazia.

– Só me resta vigiar, então? – eu disse pesarosamente.

– Nós dividiremos a noite. Se você vigiar até as duas, eu vigiarei o restante.

– Muito bom.

– Acorde-me às duas, então.

– Eu farei isso.

– Mantenha os ouvidos abertos, e se você ouvir qualquer barulho, me acorde imediatamente – imediatamente, ouviu?

– Você pode contar com isso. Eu tentei parecer tão solene quanto ele.

– E pelo amor de Deus não durma – ele disse. – E então, retirando apenas o casaco, puxou a colcha sobre si e se ajeitou para dormir.

Foi uma vigília melancólica, que ficou ainda mais pelo fato de eu considerá-la uma tolice. Supondo que Lord Linchmere suspeitasse que estivesse correndo perigo na casa do Sr. Thomas Rossiter, por que diabos ele não poderia trancar a porta de seu quarto e, portanto, proteger-se? Sua afirmação de que ele pudesse desejar ser atacado era absurda. Por que será que desejaria ser atacado? E quem desejava atacá-lo? Claramente, Lord Linchmere estava sofrendo de alguma alucinação, e o resultado desse pretexto imbecil foi a privação de minha noite de sono. E ainda mais absurdo é que eu estava determinado a obedecer suas ordens ao pé da letra, já que era seu empregado. Eu sentei, portanto, ao lado da lareira, e ouvi o som ininterrupto do relógio em algum lugar no corredor que gorgolejava e batia a cada quarto de hora. Era uma vigília sem fim. Exceto por aquele único relógio, um silêncio absoluto reinava por toda a grande casa. Um pequeno abajur ficava na mesa perto do meu cotovelo, desenhando um círculo de luz em volta da minha cadeira, mas deixando os cantos da sala envoltos na sombra. Na cama, Lord Linchmere estava respirando tranquilamente. Eu invejava seu sono calmo, e mais de uma vez minhas pálpebras se fecharam, mas toda vez meu senso de dever vinha em meu auxílio, e eu sentava, esfregando os meus olhos e me beliscando, com a determinação de ver a minha vigília irracional chegar ao fim.

E eu fiz isso. No corredor, o relógio bateu duas horas, e eu pus as mãos sobre os ombros do dorminhoco. Imediatamente ele se sentou, com uma expressão do mais puro interesse em seu rosto.

– Você ouviu algo?

– Não, senhor. São duas horas.

– Muito bom. Eu irei vigiar. Você pode ir dormir.

Eu me deitei por debaixo da colcha como ele havia feito e logo estava dormindo. Minha última lembrança foi do círculo de luz formado pelo abajur, e da pequena figura curvada, de rosto tenso e ansioso de Lord Linchmere, no centro dele.

Por quanto tempo eu dormi, eu não sei; mas eu fui repentinamente despertado por um puxão em minha manga. O quarto estava na escuridão, mas um cheiro quente de óleo me dizia que a lamparina tinha se apagado naquele instante.

– Rápido! Rápido! – disse a voz de Lord Linchmere em meu ouvido.

Eu pulei da cama, com ele ainda me arrastando pelo braço.

– Por aqui! – ele sussurrou e me puxou para o canto do quarto. – Shhh! Ouça!

No silêncio da noite eu podia ouvir perfeitamente que alguém estava vindo pelo corredor. Era um passo furtivo, fraco e intermitente, como se fosse de um homem que pausava cuidadosamente a cada passada. Às vezes, por meio minuto, não havia som nenhum, e depois, vinha a sacudidela e o rangido que denunciavam um novo avanço. Meu companheiro estava tremendo de excitação. Sua mão, que ainda segurava minha manga, contraía-se como um galho ao vento.

– O que é isto?– eu sussurrei.

– É ele!

– O Senhor Thomas?

– Sim.

– O que ele quer?

– Shh! Não faça nada até eu mandar.

Eu estava consciente agora de que alguém estava testando a porta. Houve um pequeno chacoalhar da maçaneta, e depois eu vi vagamente um tênue feixe de luz. Havia uma lamparina acesa vinda de algum lugar do corredor, e era o suficiente para tornar visível o lado de fora do nosso quarto escuro. A fresta cinza crescia cada vez mais, muito gradativamente, muito delicadamente, e então, contornada por ela, eu vi a figura escura de um homem. Ele era atarracado, estava de cócoras, e tinha a silhueta de um anão corpulento e deformado. A porta se abriu vagarosamente com esta forma ameaçadora no centro dela. E então, por um instante, a figura de cócoras atacou. Havia uma fonte de tigre do outro lado do quarto e baque, baque, baque, vieram três golpes enormes de algum objeto pesado para cima da cama.

Eu estava tão paralisado de susto que permaneci sem me mover e com o olhar fixo, até que fui despertado pelo grito de ajuda de meu companheiro. A porta aberta clareou o suficiente para eu ver o contorno das coisas, e lá estava Lord Linchmere com seus braços em volta do pescoço de seu cunhado, segurando-o corajosamente como um *bull-terrier* de caça, com seus dentes em um delgado cervo. O homem alto e ossudo se mexeu violentamente, contorcendo-se para agarrar seu agressor; mas o outro, segurando-o por detrás, ainda o mantinha preso, embora seus gritos agudos e assustadores mostrassem o quanto ele se sentia em desvantagem na luta. Eu saltei para o resgate, e nós dois conseguimos atirar o Sr. Thomas ao chão, embora ele tivesse fincado seus dentes em meu ombro. Mesmo com toda a minha juventude, peso e esforço, foi uma luta desesperadora até que pudéssemos dominar seus esforços frenéticos; mas finalmente seguramos seus braços com a faixa da cintura do roupão que ele estava vestindo. Eu estava segurando as pernas dele enquanto Lord Linchmere estava tentando reacender a lamparina, quando veio o tamborilar de muitos pés no corredor, e o mordomo e dois criados, que haviam se alarmado com os gritos, correram para dentro do quarto. Com a ajuda deles, não tivemos mais dificuldades em segurar o nosso prisioneiro, que permanecia espumando e olhando fixamente para o chão. Um olhar de relance para o seu rosto era suficiente para provar que ele era um maníaco perigoso, ao mesmo tempo em que o pequeno e pesado machado que jazia ao lado da cama mostrava o quanto as suas intenções eram criminosas.

– Não use nenhuma violência! – disse Lord Linchmere, enquanto ele punha o homem que lutava de pé. – Ele terá um período de estupor depois de sua agitação. Eu acredito que isso já esteja acontecendo. Quando ele falou, as convulsões se tornaram cada vez menos violentas, e a cabeça do homem louco caiu sobre seu peito, como se ele tivesse sucumbido ao sono. Nós o conduzimos pelo corredor e o esticamos em sua própria cama, onde ele permaneceu inconsciente, respirando pesadamente.

– Dois de vocês irão vigiá-lo – disse Lord Linchmere. – E agora, Dr. Hamilton, se você retornar comigo ao meu quarto, eu lhe darei a explicação cuja longa demora tenha talvez sido causada por meu horror a escândalo. Aconteça o que acontecer, você nunca terá motivos para se arrepender de ter dividido comigo essa noite de trabalho.

– O caso poderá ser esclarecido em algumas palavras – ele continuou, quando estávamos sozinhos. – Meu pobre cunhado é uma das melhores pessoas no mundo, um marido amoroso e um pai estimável, mas ele vem de uma cepa que é profundamente manchada pela insanidade. Ele teve mais de

uma vez surtos homicidas, os quais são os mais dolorosos, porque sua tendência é sempre atacar aqueles com os quais ele tem mais afinidade. Seu filho foi enviado à escola para evitar este perigo, e então, houve uma tentativa contra minha irmã, sua esposa, da qual ela escapou com ferimentos que você pode ter observado quando a encontrou em Londres. Você entende que ele não sabe nada sobre o assunto quando está em seu juízo normal, e que iria ridicularizar a sugestão de que poderia machucar, sob nenhuma circunstância, aqueles que ele mais ama. Como você deve saber, é uma característica comum de tais doenças, ser absolutamente impossível convencer a pessoa de que ela sofre desse mal.

– Nosso maior objetivo era, logicamente, impedi-lo antes que ele pudesse manchar suas mãos de sangue, mas o problema era uma questão difícil. Ele é reservado em seus hábitos, e não iria consultar um médico. Além disso, era necessário para o nosso objetivo que um médico o convencesse de sua insanidade; e ele é são como você ou eu, salvo por essas raras ocasiões. Mas, felizmente, antes de ter estes ataques, ele sempre revela certos sintomas premonitórios, que são sinais de perigo providenciais, avisando-nos para ficar atentos. O principal deles é uma contorção da testa que você deve ter observado. Este é um fenômeno que sempre aparece três ou quatro dias antes de seus ataques de fúria. No momento em que ele se manifestou, sua esposa veio à cidade com algum pretexto e refugiou-se em minha casa na Brook Street.

– Restou a mim, convencer um médico da insanidade do Senhor Thomas, sem o qual seria impossível colocá-lo onde ele não pudesse fazer nenhum mal. O primeiro problema era como conseguir que um médico entrasse em sua casa. Eu refleti sobre o interesse dele em besouros e seu apreço por qualquer pessoa que compartilhasse seus gostos. Eu anunciei, portanto, e tive a sorte o suficiente em encontrar o homem que eu procurava. Era necessário um companheiro forte, pois eu sabia que a loucura só poderia ser atestada por um ataque homicida, e eu tinha todos os motivos para acreditar que eu sofreria o ataque, visto que ele tinha muita consideração por mim em seus momentos de sanidade. Eu imagino que sua inteligência lhe dirá o resto. Eu não sabia que o ataque seria à noite, mas eu achei muito provável, pois as crises em tais casos geralmente ocorrem nas primeiras horas da manhã. Eu sou um homem muito nervoso, mas eu não encontrei outra maneira pela qual eu pudesse eliminar esse terrível perigo da vida de minha irmã. Eu não preciso perguntar a você se deseja assinar o atestado de loucura.

– Sem dúvida nenhuma. Mas DUAS assinaturas são necessárias.

– Você esqueceu que eu mesmo tenho um diploma de médico? Eu tenho os papéis aqui sobre a mesa de canto. Então, se você for gentil o suficiente para assiná-los agora, nós poderemos ter o paciente removido pela manhã.

Assim, esta foi a minha visita ao Senhor Thomas Rossiter, o famoso caçador de besouros, e esse foi também o meu primeiro passo na escadaria do sucesso, pois Lady Rossiter e Lord Linchmere provaram ser amigos leais e nunca esqueceram de minha união a eles na época em que precisaram. O Senhor Thomas recebeu alta e foi considerado curado, mas eu ainda acho que se eu passasse outra noite em Delamere Court, eu me sentiria inclinado a trancar a minha porta por dentro.

Um velho senhor na ponte

Ernest Hemingway

O texto: O conto "Old man at the bridge", publicado em 1938, exemplifica as experiências vividas por Hemingway como repórter, fruto de uma de suas viagens como correspondente da Guerra Civil Espanhola. Na realidade, a história foi, a princípio, um noticiário escrito por ele próximo à ponte localizada no Rio Ebro, Amposta, na Páscoa de 1938, em que relatava a preparação dos fascistas para invadir a região. À época, Hemingway estava escrevendo para a Associação Norte-americana de Jornais, mas decidiu enviar o texto para uma revista em forma de conto, em vez de um artigo jornalístico, fato este que explica, de certa forma, a brevidade da obra.

Texto traduzido: Hemingway, E. "Old man at the bridge". In. *Adventures in American Literature*. New York: HBW Inc., 1963.

O autor: Ernest Hemingway (1898-1961) nasceu e cresceu em Oak Park, Illinois. Trabalhou no jornal norte-americano *Kansas City Star*, onde a experiência que adquiriu como repórter contribuiu para a formação de seu estilo conciso e transparente de escrever. Em suas obras, a temática circunda alguns acontecimentos, tal como a Guerra Civil Espanhola. Tendo vivido o clima psicológico da época chamada "geração perdida", muitos dos seus personagens carregam uma ideologia de luta e liberdade em meio a guerras, e acabam, muitas vezes, por transformar-se em verdadeiros heróis.

O tradutor: Christiano Titoneli Santana é doutorando em Estudos de Linguagem (UFF), mestre em Estudos de Linguagem (UFF) e especialista em Língua Inglesa (PUC-Rio). É professor de Língua Inglesa no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Trabalha com tradução, revisão textual e copidesque desde 2007, com mais de 60 títulos publicados, entre traduzidos e revisados.

OLD MAN AT THE BRIDGE

"But the old man sat there without moving."

ERNEST HEMINGWAY

An old man with steel-rimmed spectacles and very dusty clothes sat by the side of the road. There was a pontoon bridge across the river; and carts, trucks, and men, women and children were crossing it. The mule-drawn carts staggered up the steep bank from the bridge with soldiers helping push against the spokes of the wheels. The trucks ground up and away, heading out of it all, and the peasants plodded along in the ankle-deep dust. But the old man sat there without moving. He was too tired to go any farther.

It was my business to cross the bridge, explore the bridgehead beyond and find out to what point the enemy had advanced. I did this and returned over the bridge. There were not so many carts now and very few people on foot, but the old man was still there.

"Where do you come from?" I asked him.

"From San Carlos," he said, and smiled.

That was his native town and so it gave him pleasure to mention it and he smiled.

"I was taking care of animals," he explained.

"Oh," I said, not quite understanding.

"Yes," he said, "I stayed, you see, taking care of animals. I was the last one to leave the town of San Carlos."

He did not look like a shepherd nor a herdsman and I looked at his black dusty clothes and his gray dusty face and his steel rimmed spectacles and said, "What animals were they?"

"Various animals," he said, and shook his head. "I had to leave them."

I was watching the bridge and the African looking country of the Ebro Delta and wondering how long now it would be before we would see the enemy, and listening all the while for the first noises that would signal that ever mysterious event called contact, and the old man still sat there.

"What animals were they?" I asked.

"There were three animals altogether," he explained. "There were two goats and a cat and then there were four pairs of pigeons."

"And you had to leave them?" I asked.

"Yes. Because of the artillery. The captain told me to go because of the artillery."

"And you have no family?" I asked, watching the far end of the bridge where a few last carts were hurrying down the slope of the bank.

"No," he said, "only the animals I stated. The cat, of course, will be all right. A cat can look out for itself, but I cannot think what will become of the others."

"What politics have you?" I asked.

"I am without politics," he said. "I am seventy-six years old. I have come twelve kilometers now and I think now I can go no further."

"This is not a good place to stop," I said. "If you can make it, there are trucks up the road where it forks for Tortosa."

"I will wait a while," he said, "and then I will go. Where do the trucks go?"

"Towards Barcelona," I told him.

"I know no one in that direction," he said, "but thank you very much. Thank you again very much."

He looked at me very blankly and tiredly, and then said, having to share his worry with someone, "The cat will be all right, I am sure. There is no need to be unquiet about the cat. But the others. Now what do you think about the others?"

"Why they'll probably come through it all right."

"You think so?"

"Why not," I said, watching the far bank where now there were no carts.

"But what will they do under the artillery when I was told to leave because of the artillery?"

"Did you leave the dove cage unlocked?" I asked.

"Yes."

"Then they'll fly."

"Yes, certainly they'll fly. But the others. It's better not to think about the others," he said.

"If you are rested I would go," I urged. "Get up and try to walk now."

"Thank you," he said and got to his feet, swayed from side to side and then sat down backwards in the dust.

"I was taking care of animals," he said dully, but no longer to me. "I was only taking care of animals."

There was nothing to do about him. It was Easter Sunday and the Fascists were advancing toward the Ebro. It was a gray overcast day with a low ceiling so their planes were not up. That and the fact that cats know how to look after themselves was all the good luck that old man would ever have.

UM VELHO SENHOR NA PONTE

"Mas lá estava o velho senhor sentado sem se mexer."

ERNEST HEMINGWAY

Um velho senhor, com óculos de armação de aço e roupas muito sujas, sentou-se à beira da estrada. Uma ponte flutuante cruzava o rio, e por ela passavam carroças, caminhões, homens, mulheres e crianças. As carroças, movidas por mulas, sacolejavam ao subir a ribanceira após atravessar a ponte, e os soldados ajudavam empurrando-as pelo raio das rodas. Deixando tudo para trás, os caminhões seguiam caminho com muita dificuldade, enquanto os camponeses mal conseguiam andar, com os tornozelos todos cobertos de poeira. Mas lá estava o velho senhor sentado sem se mexer; cansado, não conseguia dar nenhum só passo.

O meu trabalho era atravessar a ponte, ir até o outro lado e saber a que altura avançava o inimigo. Depois, voltava ao início da ponte. Quase não havia mais carroças e pessoas caminhando, mas o velho senhor ainda ali permanecia.

"De onde vem o senhor?", perguntei-lhe.

"De San Carlos", respondeu, dando um sorriso.

Era sua terra natal, ele sorriu e demonstrou orgulho ao dizer o nome da cidade.

"Eu tava cuidando dos meus animais", explicou ele.

"Ah, sim", respondi, sem entender muito.

"Pois é", disse ele, "eu tava cuidando dos animais. Fui o último a sair da cidade de San Carlos."

Ele não parecia ser nem pastor nem boiadeiro, olhei para aquela roupa encardida de poeira, para seu rosto todo empoeirado e para aqueles óculos de armação de aço e, então, perguntei: “De que animais o senhor está falando?”

“Vários”, disse ele, balançando a cabeça, com tristeza. “Eu tive que deixar eles pra trás”.

Fiquei olhando a ponte, e a cidade do Delta do Ebro estava mais parecendo à África, e me perguntei quanto tempo ainda restaria para o inimigo chegar, e permaneci atento a qualquer barulho que sinalizasse a tão misteriosa chegada, e o velho senhor continuava ali sentado.

“Que tipo de animais eram?”, voltei a perguntar.

“Eram três no total”, explicou ele. “Eram duas cabras e um gato, tirando os quatro casais de pombo.”

“Então o senhor teve que abandoná-los?”, perguntei.

“É. Tudo por culpa da artilharia. O capitão me disse pra ir embora por causa da artilharia.”

“Você não tem família, não?, perguntei, olhando para o outro lado da ponte, onde ainda algumas carroças apressavam-se para descer a ribanceira.

“Não”, respondeu ele, “só os animais que eu disse. O gato, sem dúvida, vai ficar bem. Ele sabe se safar muito bem, mas não sei o que será dos demais.”

“O senhor gosta de política?”, perguntei-lhe.

“Entendo nada de política”, respondeu. “Estou com setenta e seis anos. Já andei doze quilômetros, nem sei se consigo dar um passo a mais.”

“Aqui não é um bom lugar pra parar”, disse eu. “Se quer mesmo sair daqui, tem uns caminhões um pouco mais adiante dessa estrada que estão indo pra Tortosa.”

“Vou ficar mais um pouco”, comentou ele, “e depois eu vou. Pra onde os caminhões vão mesmo?”

“Pra Barcelona”, respondi.

“Não conheço ninguém que vai pra lá”, disse ele, “mas muito obrigado. Obrigado, sim?”

Com uma expressão de vazio e cansaço, ele olhou para mim e disse, como se quisesse dividir sua preocupação comigo: “O gato vai ficar bem, tenho certeza. Não preciso me preocupar com o gato, mas o resto? O que você acha que vai acontecer com os outros, hein?”

“Olha, tudo indica que eles se sairão bem dessa.”

“Acha mesmo?”

“Por que não?”, disse eu, olhando para o final da ponte, onde não se via mais carroça alguma.

“Como esses animais vão se proteger de tanta artilharia, já que me mandaram sair correndo de lá?”

“O senhor deixou a gaiola aberta pra as pombas saírem?”, perguntei-lhe.

“Claro.”

“Ah, então elas voarão pra bem longe.”

“Tomara! Mas os outros. Acho melhor nem pensar muito nisso”, disse ele.

“É melhor ir, caso tenha já descansado um pouco. Eu já teria ido”, insisti. “Levante, tente ficar de pé.”

“Obrigado”, disse ele, levantou-se cambaleando e caiu para trás em meio àquela poeira.

“Eu tava cuidando dos meus animais”, disse ele, totalmente apático e sozinho. “Eu só tava cuidando dos animais.”

Havia mais nada a fazer. Era domingo de Páscoa, e os fascistas avançavam em direção ao Ebro. Naquele dia, o céu estava muito escuro e as nuvens baixas impediam que os aviões subissem aos céus. Essa situação e o caso dos gatos foram a única coisa boa que lhe restava.

O MEIO-IRMÃO
ELIZABETH GASKELL

O TEXTO: Publicado originalmente em 1859, o conto "O meio-irmão", de Elizabeth Gaskell, aborda as relações familiares e as convenções sociais, centrando-se em fatos da vida do narrador, em especial, a convivência com o meio-irmão. A narrativa se desenvolve de modo a criar uma atmosfera pesada que, combinada a uma linguagem muitas vezes incerta, ou mesmo distanciada, provoca diferentes sensações no leitor ao longo da leitura, até atingir a essência do relato.

Texto traduzido: Gaskell, E. *The Half-Brothers*. Adelaide: The University of Adelaide Library, 2014. Ebook.

A AUTORA: Elizabeth Gaskell (1810-1865) foi uma escritora inglesa da Era Vitoriana. Sua primeira novela, Mary Barton, publicada anonimamente em 1848, teve grande repercussão à época, chamando a atenção de Charles Dickens, que a convidou para escrever em seus periódicos. Suas histórias abordam de forma crítica as tensões causadas pelo desenvolvimento industrial e as tradições sociais, tendo como destaque as personagens femininas. Ficou conhecida por incorporar o dialeto da classe média na fala de seus personagens e narradores. Além de contos e novelas, publicou uma biografia de Charlotte Brontë, em 1857, de quem era amiga.

A TRADUTORA: Ana Rita Caldart é graduada em Bacharelado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente faz Especialização em Tradução do Inglês.

THE HALF-BROTHERS

"And seemed to gaze on us two little half-brothers, with a grave sort of kindness."

ELIZABETH GASKELL

My mother was twice married. She never spoke of her first husband, and it is only from other people that I have learnt what little I know about him. I believe she was scarcely seventeen when she was married to him: and he was barely one-and-twenty. He rented a small farm up in Cumberland, somewhere towards the sea-coast; but he was perhaps too young and inexperienced to have the charge of land and cattle: anyhow, his affairs did not prosper, and he fell into ill health, and died of consumption before they had been three years man and wife, leaving my mother a young widow of twenty, with a little child only just able to walk, and the farm on her hands for four years more by the lease, with half the stock on it dead, or sold off one by one to pay the more pressing debts, and with no money to purchase more, or even to buy the provisions needed for the small consumption of every day. There was another child coming, too; and sad and sorry, I believe, she was to think of it. A dreary winter she must have had in her lonesome dwelling, with never another near it for miles around; her sister came to bear her company, and they two planned and plotted how to make every penny they could raise go as far as possible. I can't tell you how it happened that my little sister, whom I never saw, came to sicken and die; but, as if my poor mother's cup was not full enough, only a fortnight before Gregory was born the little girl took ill of scarlet fever, and in a week she lay dead. My mother was, I believe, just stunned with this last blow. My aunt has told me that she did not cry; aunt Fanny would have been thankful if she had; but she sat holding the poor wee lassie's hand and looking in her pretty, pale, dead face, without so much as shedding a tear.

And it was all the same, when they had to take her away to be buried. She just kissed the child, and sat her down in the window-seat to watch the little black train of people (neighbours – my aunt, and one far-off cousin, who were all the friends they could muster) go winding away amongst the snow, which had fallen thinly over the country the night before. When my aunt came back from the funeral, she found my mother in the same place, and as dry-eyed as ever. So she continued until after Gregory was born; and, somehow, his coming seemed to loosen the tears, and she cried day and night, till my aunt and the other watcher looked at each other in dismay, and would fain have stopped her if they had but known how. But she bade them let her alone, and not be over-anxious, for every drop she shed eased her brain, which had been in a terrible state before for want of the power to cry. She seemed after that to think of nothing but her new little baby; she had hardly appeared to remember either her husband or her little daughter that lay dead in Brigham churchyard – at least so aunt Fanny said, but she was a great talker, and my mother was very silent by nature, and I think aunt Fanny may have been mistaken in believing that my mother never thought of her husband and child just because she never spoke about them. Aunt Fanny was older than my mother, and had a way of treating her like a child; but, for all that, she was a kind, warm-hearted creature, who thought more of her sister's welfare than she did of her own and it was on her bit of money that they principally lived, and on what the two could earn by working for the great Glasgow sewing-merchants. But by-and-by my mother's eye-sight began to fail. It was not that she was exactly blind, for she could see well enough to guide herself about the house, and to do a good deal of domestic work; but she could no longer do fine sewing and earn money. It must have been with the heavy crying she had had in her day, for she was but a young creature at this time, and as pretty a young woman, I have heard people say, as any on the country side. She took it sadly to heart that she could no longer gain anything towards the keep of herself and her child. My aunt Fanny would fain have persuaded her that she had enough to do in managing their cottage and minding Gregory; but my mother knew that they were pinched, and that aunt Fanny herself had not as much to eat, even of the commonest kind of food, as she could have done with; and as for Gregory, he was not a strong lad, and needed, not more food – for he always had enough, whoever went short – but better nourishment, and more flesh-meat. One day – it was aunt Fanny who told me all this about my poor mother, long after her death – as the sisters were sitting together, aunt Fanny working, and my

mother hushing Gregory to sleep, William Preston, who was afterwards my father, came in. He was reckoned an old bachelor; I suppose he was long past forty, and he was one of the wealthiest farmers thereabouts, and had known my grandfather well, and my mother and my aunt in their more prosperous days. He sat down, and began to twirl his hat by way of being agreeable; my aunt Fanny talked, and he listened and looked at my mother. But he said very little, either on that visit, or on many another that he paid before he spoke out what had been the real purpose of his calling so often all along, and from the very first time he came to their house. One Sunday, however, my aunt Fanny stayed away from church, and took care of the child, and my mother went alone. When she came back, she ran straight upstairs, without going into the kitchen to look at Gregory or speak any word to her sister, and aunt Fanny heard her cry as if her heart was breaking; so she went up and scolded her right well through the bolted door, till at last she got her to open it. And then she threw herself on my aunt's neck, and told her that William Preston had asked her to marry him, and had promised to take good charge of her boy, and to let him want for nothing, neither in the way of keep nor of education, and that she had consented. Aunt Fanny was a good deal shocked at this; for, as I have said, she had often thought that my mother had forgotten her first husband very quickly, and now here was proof positive of it, if she could so soon think of marrying again. Besides as aunt Fanny used to say, she herself would have been a far more suitable match for a man of William Preston's age than Helen, who, though she was a widow, had not seen her four-and-twentieth summer. However, as aunt Fanny said, they had not asked her advice; and there was much to be said on the other side of the question. Helen's eyesight would never be good for much again, and as William Preston's wife she would never need to do anything, if she chose to sit with her hands before her; and a boy was a great charge to a widowed mother; and now there would be a decent steady man to see after him. So, by-and-by, aunt Fanny seemed to take a brighter view of the marriage than did my mother herself, who hardly ever looked up, and never smiled after the day when she promised William Preston to be his wife. But much as she had loved Gregory before, she seemed to love him more now. She was continually talking to him when they were alone, though he was far too young to understand her moaning words, or give her any comfort, except by his caresses.

At last William Preston and she were wed; and she went to be mistress of a well-stocked house, not above half-an-hour's walk from where aunt

Fanny lived. I believe she did all that she could to please my father; and a more dutiful wife, I have heard him himself say, could never have been. But she did not love him, and he soon found it out. She loved Gregory, and she did not love him. Perhaps, love would have come in time, if he had been patient enough to wait; but it just turned him sour to see how her eye brightened and her colour came at the sight of that little child, while for him who had given her so much, she had only gentle words as cold as ice. He got to taunt her with the difference in her manner, as if that would bring love: and he took a positive dislike to Gregory – he was so jealous of the ready love that always gushed out like a spring of fresh water when he came near. He wanted her to love him more, and perhaps that was all well and good; but he wanted her to love her child less, and that was an evil wish. One day, he gave way to his temper, and cursed and swore at Gregory, who had got into some mischief, as children will; my mother made some excuse for him; my father said it was hard enough to have to keep another man's child, without having it perpetually held up in its naughtiness by his wife, who ought to be always in the same mind that he was; and so from little they got to more; and the end of it was, that my mother took to her bed before her time, and I was born that very day. My father was glad, and proud, and sorry, all in a breath; glad and proud that a son was born to him; and sorry for his poor wife's state, and to think how his angry words had brought it on. But he was a man who liked better to be angry than sorry, so he soon found out that it was all Gregory's fault, and owed him an additional grudge for having hastened my birth. He had another grudge against him before long. My mother began to sink the day after I was born. My father sent to Carlisle for doctors, and would have coined his heart's blood into gold to save her, if that could have been; but it could not. My aunt Fanny used to say sometimes, that she thought that Helen did not wish to live, and so just let herself die away without trying to take hold on life; but when I questioned her, she owned that my mother did all the doctors bade her do, with the same sort of uncomplaining patience with which she had acted through life. One of her last requests was to have Gregory laid in her bed by my side, and then she made him take hold of my little hand. Her husband came in while she was looking at us so, and when he bent tenderly over her to ask her how she felt now, and seemed to gaze on us two little half-brothers, with a grave sort of kindness, she looked up in his face and smiled, almost her first smile at him; and such a sweet smile! as more besides aunt Fanny have said. In an hour she was dead. Aunt Fanny came to live with us. It was the best thing that could be

done. My father would have been glad to return to his old mode of bachelor life, but what could he do with two little children? He needed a woman to take care of him, and who so fitting as his wife's elder sister? So she had the charge of me from my birth; and for a time I was weakly, as was but natural, and she was always beside me, night and day watching over me, and my father nearly as anxious as she. For his land had come down from father to son for more than three hundred years, and he would have cared for me merely as his flesh and blood that was to inherit the land after him. But he needed something to love, for all that, to most people, he was a stern, hard man, and he took to me as, I fancy, he had taken to no human being before – as he might have taken to my mother, if she had had no former life for him to be jealous of. I loved him back again right heartily. I loved all around me, I believe, for everybody was kind to me. After a time, I overcame my original weakness of constitution, and was just a bonny, strong-looking lad whom every passer-by noticed, when my father took me with him to the nearest town.

At home I was the darling of my aunt, the tenderly-beloved of my father, the pet and plaything of the old domestics, the "young master" of the farm-labourers, before whom I played many a lordly antic, assuming a sort of authority which sat oddly enough, I doubt not, on such a baby as I was.

Gregory was three years older than I. Aunt Fanny was always kind to him in deed and in action, but she did not often think about him, she had fallen so completely into the habit of being engrossed by me, from the fact of my having come into her charge as a delicate baby. My father never got over his grudging dislike to his stepson, who had so innocently wrestled with him for the possession of my mother's heart. I mistrust me, too, that my father always considered him as the cause of my mother's death and my early delicacy; and utterly unreasonable as this may seem, I believe my father rather cherished his feeling of alienation to my brother as a duty, than strove to repress it. Yet not for the world would my father have grudged him anything that money could purchase. That was, as it were, in the bond when he had wedded my mother. Gregory was lumpish and loutish, awkward and ungainly, marring whatever he meddled in, and many a hard word and sharp scolding did he get from the people about the farm, who hardly waited till my father's back was turned before they rated the stepson. I am ashamed – my heart is sore to think how I fell into the fashion of the family, and slighted my poor orphan step-brother. I don't think I ever scouted him, or was wilfully ill-natured to him; but the habit of

being considered in all things, and being treated as something uncommon and superior, made me insolent in my prosperity, and I exacted more than Gregory was always willing to grant, and then, irritated, I sometimes repeated the disparaging words I had heard others use with regard to him, without fully understanding their meaning. Whether he did or not I cannot tell. I am afraid he did. He used to turn silent and quiet – sullen and sulky, my father thought it: stupid, aunt Fanny used to call it. But every one said he was stupid and dull, and this stupidity and dullness grew upon him. He would sit without speaking a word, sometimes, for hours; then my father would bid him rise and do some piece of work, maybe, about the farm. And he would take three or four tellings before he would go. When we were sent to school, it was all the same. He could never be made to remember his lessons; the school-master grew weary of scolding and flogging, and at last advised my father just to take him away, and set him to some farm-work that might not be above his comprehension. I think he was more gloomy and stupid than ever after this, yet he was not a cross lad; he was patient and good-natured, and would try to do a kind turn for any one, even if they had been scolding or cuffing him not a minute before. But very often his attempts at kindness ended in some mischief to the very people he was trying to serve, owing to his awkward, ungainly ways. I suppose I was a clever lad; at any rate, I always got plenty of praise; and was, as we called it, the cock of the school. The schoolmaster said I could learn anything I chose, but my father, who had no great learning himself, saw little use in much for me, and took me away betimes, and kept me with him about the farm. Gregory was made into a kind of shepherd, receiving his training under old Adam, who was nearly past his work. I think old Adam was almost the first person who had a good opinion of Gregory. He stood to it that my brother had good parts, though he did not rightly know how to bring them out; and, for knowing the bearings of the Fells, he said he had never seen a lad like him. My father would try to bring Adam round to speak of Gregory's faults and shortcomings; but, instead of that, he would praise him twice as much, as soon as he found out what was my father's object.

One winter-time, when I was about sixteen, and Gregory nineteen, I was sent by my father on an errand to a place about seven miles distant by the road, but only about four by the Fells. He bade me return by the road, whichever way I took in going, for the evenings closed in early, and were often thick and misty; besides which, old Adam, now paralytic and bedridden, foretold a downfall of snow before long. I soon got to my

journey's end, and soon had done my business; earlier by an hour, I thought, than my father had expected, so I took the decision of the way by which I would return into my own hands, and set off back again over the Fells, just as the first shades of evening began to fall. It looked dark and gloomy enough; but everything was so still that I thought I should have plenty of time to get home before the snow came down. Off I set at a pretty quick pace. But night came on quicker. The right path was clear enough in the day-time, although at several points two or three exactly similar diverged from the same place; but when there was a good light, the traveller was guided by the sight of distant objects – a piece of rock – a fall in the ground – which were quite invisible to me now. I plucked up a brave heart, however, and took what seemed to me the right road. It was wrong, nevertheless, and led me whither I knew not, but to some wild boggy moor where the solitude seemed painful, intense, as if never footfall of man had come thither to break the silence. I tried to shout – with the dimmest possible hope of being heard – rather to reassure myself by the sound of my own voice; but my voice came husky and short, and yet it dismayed me; it seemed so weird and strange, in that noiseless expanse of black darkness. Suddenly the air was filled thick with dusky flakes, my face and hands were wet with snow. It cut me off from the slightest knowledge of where I was, for I lost every idea of the direction from which I had come, so that I could not even retrace my steps; it hemmed me in, thicker, thicker, with a darkness that might be felt. The boggy soil on which I stood quaked under me if I remained long in one place, and yet I dared not move far. All my youthful hardiness seemed to leave me at once. I was on the point of crying, and only very shame seemed to keep it down. To save myself from shedding tears, I shouted – terrible, wild shouts for bare life they were. I turned sick as I paused to listen; no answering sound came but the unfeeling echoes. Only the noiseless, pitiless snow kept falling thicker, thicker – faster, faster! I was growing numb and sleepy. I tried to move about, but I dared not go far, for fear of the precipices which, I knew, abounded in certain places on the Fells. Now and then, I stood still and shouted again; but my voice was getting choked with tears, as I thought of the desolate helpless death I was to die, and how little they at home, sitting round the warm, red, bright fire, wotted what was become of me – and how my poor father would grieve for me – it would surely kill him – it would break his heart, poor old man! Aunt Fanny too – was this to be the end of all her cares for me? I began to review my life in a strange kind of vivid dream, in which the various scenes of my few boyish years passed before

me like visions. In a pang of agony, caused by such remembrance of my short life, I gathered up my strength and called out once more, a long, despairing, wailing cry, to which I had no hope of obtaining any answer, save from the echoes around, dulled as the sound might be by the thickened air. To my surprise I heard a cry – almost as long, as wild as mine – so wild that it seemed unearthly, and I almost thought it must be the voice of some of the mocking spirits of the Fells, about whom I had heard so many tales. My heart suddenly began to beat fast and loud. I could not reply for a minute or two. I nearly fancied I had lost the power of utterance. Just at this moment a dog barked. Was it Lassie's bark – my brother's collie? – an ugly enough brute, with a white, ill-looking face, that my father always kicked whenever he saw it, partly for its own demerits, partly because it belonged to my brother. On such occasions, Gregory would whistle Lassie away, and go off and sit with her in some outhouse. My father had once or twice been ashamed of himself, when the poor collie had yowled out with the suddenness of the pain, and had relieved himself of his self-reproach by blaming my brother, who, he said, had no notion of training a dog, and was enough to ruin any collie in Christendom with his stupid way of allowing them to lie by the kitchen fire. To all which Gregory would answer nothing, nor even seem to hear, but go on looking absent and moody.

Yes! there again! It was Lassie's bark! Now or never! I lifted up my voice and shouted "Lassie! Lassie! for God's sake, Lassie!" Another moment, and the great white-faced Lassie was curving and gambolling with delight round my feet and legs, looking, however, up in my face with her intelligent, apprehensive eyes, as if fearing lest I might greet her with a blow, as I had done oftentimes before. But I cried with gladness, as I stooped down and patted her. My mind was sharing in my body's weakness, and I could not reason, but I knew that help was at hand. A gray figure came more and more distinctly out of the thick, close-pressing darkness. It was Gregory wrapped in his maud.

"Oh, Gregory!" said I, and I fell upon his neck, unable to speak another word. He never spoke much, and made me no answer for some little time. Then he told me we must move, we must walk for the dear life – we must find our road home, if possible; but we must move, or we should be frozen to death.

"Don't you know the way home?" asked I.

"I thought I did when I set out, but I am doubtful now. The snow blinds me, and I am feared that in moving about just now, I have lost the right gait homewards."

He had his shepherd's staff with him, and by dint of plunging it before us at every step we took – clinging close to each other, we went on safely enough, as far as not falling down any of the steep rocks, but it was slow, dreary work. My brother, I saw, was more guided by Lassie and the way she took than anything else, trusting to her instinct. It was too dark to see far before us; but he called her back continually, and noted from what quarter she returned, and shaped our slow steps accordingly. But the tedious motion scarcely kept my very blood from freezing. Every bone, every fibre in my body seemed first to ache, and then to swell, and then to turn numb with the intense cold. My brother bore it better than I, from having been more out upon the hills. He did not speak, except to call Lassie. I strove to be brave, and not complain; but now I felt the deadly fatal sleep stealing over me.

"I can go no farther," I said, in a drowsy tone. I remember I suddenly became dogged and resolved. Sleep I would, were it only for five minutes. If death were to be the consequence, sleep I would. Gregory stood still. I suppose, he recognized the peculiar phase of suffering to which I had been brought by the cold.

"It is of no use," said he, as if to himself. "We are no nearer home than we were when we started, as far as I can tell. Our only chance is in Lassie. Here! roll thee in my maud, lad, and lay thee down on this sheltered side of this bit of rock. Creep close under it, lad, and I'll lie by thee, and strive to keep the warmth in us. Stay! hast gotten aught about thee they'll know at home?"

I felt him unkind thus to keep me from slumber, but on his repeating the question, I pulled out my pocket-handkerchief, of some showy pattern, which Aunt Fanny had hemmed for me – Gregory took it, and tied it round Lassie's neck.

"Hie thee, Lassie, hie thee home!" And the white-faced ill-favoured brute was off like a shot in the darkness. Now I might lie down – now I might sleep. In my drowsy stupor I felt that I was being tenderly covered up by my brother; but what with I neither knew nor cared – I was too dull, too selfish, too numb to think and reason, or I might have known that in that bleak bare place there was nought to wrap me in, save what was taken

off another. I was glad enough when he ceased his cares and lay down by me. I took his hand.

"Thou canst not remember, lad, how we lay together thus by our dying mother. She put thy small, wee hand in mine – I reckon she sees us now; and belike we shall soon be with her. Anyhow, God's will be done."

"Dear Gregory," I muttered, and crept nearer to him for warmth. He was talking still, and again about our mother, when I fell asleep. In an instant – or so it seemed – there were many voices about me – many faces hovering round me – the sweet luxury of warmth was stealing into every part of me. I was in my own little bed at home. I am thankful to say, my first word was "Gregory?"

A look passed from one to another – my father's stern old face strove in vain to keep its sternness; his mouth quivered, his eyes filled slowly with unwonted tears.

"I would have given him half my land – I would have blessed him as my son – oh God! I would have knelt at his feet, and asked him to forgive my hardness of heart."

I heard no more. A whirl came through my brain, catching me back to death.

I came slowly to my consciousness, weeks afterwards. My father's hair was white when I recovered, and his hands shook as he looked into my face.

We spoke no more of Gregory. We could not speak of him; but he was strangely in our thoughts. Lassie came and went with never a word of blame; nay, my father would try to stroke her, but she shrank away; and he, as if reproved by the poor dumb beast, would sigh, and be silent and abstracted for a time.

Aunt Fanny – always a talker – told me all. How, on that fatal night, my father – irritated by my prolonged absence, and probably more anxious than he cared to show, had been fierce and imperious, even beyond his wont, to Gregory; had upbraided him with his father's poverty, his own stupidity which made his services good for nothing – for so, in spite of the old shepherd, my father always chose to consider them. At last, Gregory had risen up, and whistled Lassie out with him – poor Lassie, crouching underneath his chair for fear of a kick or a blow. Some time before, there had been some talk between my father and my aunt respecting my return; and when aunt Fanny told me all this, she said she fancied that Gregory might have noticed the coming storm, and gone out silently to meet me.

Three hours afterwards, when all were running about in wild alarm, not knowing whither to go in search of me – not even missing Gregory, or heeding his absence, poor fellow – poor, poor fellow! – Lassie came home, with my handkerchief tied round her neck. They knew and understood, and the whole strength of the farm was turned out to follow her, with wraps, and blankets, and brandy, and every thing that could be thought of. I lay in chilly sleep, but still alive, beneath the rock that Lassie guided them to. I was covered over with my brother's plaid, and his thick shepherd's coat was carefully wrapped round my feet. He was in his shirt-sleeves – his arm thrown over me – a quiet smile (he had hardly ever smiled in life) upon his still, cold face.

My father's last words were, "God forgive me my hardness of heart towards the fatherless child!"

And what marked the depth of his feeling of repentance, perhaps more than all, considering the passionate love he bore my mother, was this: we found a paper of directions after his death, in which he desired that he might lie at the foot of the grave, in which, by his desire, poor Gregory had been laid with OUR MOTHER.

O MEIO-IRMÃO

"E pareceu nos contemplar, os dois meios-irmãos, com um afeto sombrio."

ELIZABETH GASKELL

Minha mãe foi casada duas vezes. Ela nunca me falou de seu primeiro marido. O pouco que sei sobre ele foram outras pessoas que me contaram. Quando casaram, ela devia ter uns 17 anos; ele, apenas 21. Ele alugou uma pequena propriedade em Cumberland, próxima à costa. Não sei se foi por imaturidade ou falta de experiência com a terra e o gado, mas o fato é que os negócios não prosperaram e ele adoeceu e definhou até a morte antes de terem completado três anos de casamento, ficando minha mãe viúva aos 20 anos, com uma criança pequena recém-nascida e uma terra arrendada pelos próximos quatro anos, no mínimo, com parte do gado morrendo ou sendo vendido um a um para pagar as dívidas mais urgentes, e sem dinheiro para comprar nada, nem para o básico do dia a dia. Como se não bastasse, mais uma criança estava a caminho e deve ter sido com tristeza e pesar que ela encarou tudo isso. É bem provável que ela tenha passado um inverno sombrio, sozinha naquela residência isolada e longe de tudo. Sua irmã veio lhe fazer companhia e juntas traçaram um plano para fazer com que cada centavo ganho rendesse o máximo possível. Não sei ao certo como foi que minha irmãzinha, que não cheguei a conhecer, veio a adoecer e morrer; mas, como se não bastasse, apenas quinze dias antes do nascimento de Gregory, a menina pegou escarlatina e, uma semana depois, estava morta. Acho que minha mãe ficou bastante perturbada com esse último golpe. Tia Fanny disse que ela não chorou e teria dado graças a Deus se tivesse. Em vez disso, segurou a pequena mão da menina morta e ficou olhando para seu rosto lindo e pálido, sem derramar uma lágrima. E foi a mesma coisa quando a levaram para ser enterrada. Ela apenas beijou a criança e sentou-se junto à janela para

assistir às poucas pessoas (vizinhos, minha tia e um primo distante, os únicos conhecidos que tinham) movendo-se sobre neve fina que caíra na noite anterior. Quando minha tia retornou do funeral, encontrou minha mãe na mesma posição, com os olhos mais secos que nunca. Ela ficou assim até o nascimento de Gregory. Por alguma razão, a chegada dele pareceu liberar as lágrimas que tinha contido e ela desatou a chorar sem parar. Até minha tia e a cuidadora ficaram com pena, mas não teriam conseguido fazê-la parar mesmo se soubessem como. E ela pediu que a deixassem sozinha e que não ficassem aflitas, pois cada lágrima derramada era um alívio para o estado deplorável em que se encontrava por não ter tido forças para chorar antes. Passado esse período, ela pareceu não pensar em mais nada a não ser no seu recém-chegado bebê; parecia nem se lembrar do marido ou da filha enterrada na igreja de Brigham – ao menos foi isso que tia Fanny disse. Mas tia Fanny era de falar muito, enquanto minha mãe era quieta por natureza; por isso, acho que tia Fanny estava enganada ao achar que minha mãe não pensava no marido ou na criança: talvez ela apenas não falasse sobre isso. Tia Fanny era a mais velha e tinha mania de tratar minha mãe como criança. Apesar disso, era uma criatura amável e generosa, que pensava mais no bem estar da irmã que no seu próprio bem. Viviam basicamente do seu escasso dinheiro e do que ganhavam costurando para os grandes comerciantes de Glasgow. Porém, aos poucos, minha mãe começou a perder a visão. Não que estivesse cega, pois conseguia movimentar-se pela casa e realizar as tarefas domésticas muito bem. Mas não podia mais costurar. Deve ter sido a enxurrada de lágrimas, pois ela ainda era uma mulher jovem naquela época, jovem e bela como ninguém, ouvi dizer. Não ter com o que sustentar a si mesma e ao filho deixou-a profundamente abalada. Tia Fanny tentou convencê-la de que tinha dinheiro suficiente para manter a casa e cuidar de Gregory, mas minha mãe sabia que estavam no limite, que o dinheiro de tia Fanny mal dava para o básico da comida. E quanto ao Gregory, ele era um menino frágil e precisava de mais sustância, de carnes, e não apenas de qualquer comida. Um dia as duas irmãs estavam em casa, tia Fanny trabalhando e minha mãe colocando Gregory para dormir, quando chegou William Preston, que posteriormente veio a ser meu pai. Quem me contou tudo isso foi tia Fanny, muito tempo depois da morte de minha mãe. Ele ainda estava solteiro apesar da idade: já devia ter passado dos 40 há muito. Além disso, era um dos fazendeiros mais ricos da região e tinha conhecido meu avô, minha mãe e minha tia nos tempos áureos. Ele sentou e começou a mexer o chapéu, tentando se mostrar agradável. Enquanto minha tia Fanny falava, ele ouvia e olhava para minha mãe. Mas falava muito pouco, seja nessa visita ou em qualquer outra das muitas que fez antes

de dizer o verdadeiro motivo de aparecer com tanta frequência e de ter vindo pela primeira vez. Certo domingo, porém, minha tia Fanny ficou em casa cuidando da criança e minha mãe foi à igreja sozinha. Quando voltou, subiu as escadas correndo sem passar pela cozinha para ver Gregory ou falar com sua irmã. Tia Fanny ouviu seus prantos como se seu coração estivesse a se partir e foi correndo ao seu encontro. Após insistir muito, minha mãe abriu a porta. Jogou-se nos braços da minha tia e disse que William Preston lhe havia pedido em casamento, prometendo cuidar de seu filho de modo que não lhe faltasse nada, nem para seu sustento, nem para seus estudos, e que ela havia aceitado. Apesar de surpresa, tia Fanny sempre achou que minha mãe esquecera seu primeiro marido muito rápido e agora tinha sua suspeita confirmada ao saber que ela já pensava em casar novamente. No entanto, tia Fanny achava que ela teria sido uma pretendente mais adequada para um homem da idade de William Preston, pois, ainda que Helen já fosse viúva, nem tinha completado 24 primaveras ainda. Mas, como tia Fanny mesmo disse, eles não pediram sua opinião, ainda que tivesse muito a dizer sobre isso. A visão de Helen não voltaria mais ao normal, mas, como esposa de William Preston, ela não precisaria mais trabalhar; se quisesse poderia simplesmente ficar sentada de braços cruzados. Um filho demandava muito trabalho para uma mãe viúva, mas agora haveria um homem decente para cuidar dele. Assim, aos poucos, tia Fanny começou a ver o lado bom do casamento, ao contrário de minha mãe, que praticamente não levantou mais os olhos e nunca mais sorriu desde que aceitou ser esposa de William Preston. Mas se ela já amava Gregory antes, parecia que agora o amava muito mais. Ela vivia conversando com ele quando estavam a sós, ainda que ele fosse muito pequeno para entender seus lamentos ou dar algum conforto que não fosse sua doçura.

Enfim, casaram e ela tornou-se a senhora de uma casa farta, que ficava a menos de meia hora de onde tia Fanny morava. Acho que ela fez tudo o que pôde para agradar meu pai, ele mesmo dizia que esposa mais zelosa que ela não poderia haver. Mas ela não o amava, e ele logo percebeu. Ela amava Gregory, não ele. O amor poderia ter vindo com o tempo, talvez, se ele tivesse tido paciência para esperar; mas ver o quanto os olhos dela brilhavam e seu rosto ganhava vida cada vez que via aquela criança, deixou-o ressentido. Ele, que havia lhe dado tanto, recebia em troca apenas palavras frias como o gelo. Passou a tratá-la diferente em uma tentativa de ganhar o seu amor. E passou a tratar Gregory com verdadeira aversão – o ciúme era tanto que ele chegava a perder a compostura cada vez que a criança se aproximava. Ele queria que ela o amasse e não havia nada de mal nisso. Porém, ele queria que

ela diminuísse seu amor pela criança, e e isso era demais. Certo dia, ele perdeu a cabeça e repreendeu Gregory por alguma travessura de criança. Minha mãe desculpou-se, mas meu pai respondeu dizendo que era muito difícil criar o filho de outro e ainda ser constantemente lembrado da perversidade disso por sua mulher, que era quem deveria apoiá-lo sempre; e a discussão tomou tal proporção que minha mãe precisou ir para cama e eu terminei nascendo naquele mesmo dia. Meu pai ficou contente, e orgulhoso, e arrependido, tudo ao mesmo tempo. Contente e orgulhoso de ter um filho seu; arrependido pelo quanto suas palavras grosseiras tinham deixado sua pobre mulher em um estado lastimável. Mas ele não era homem de se arrepender, por isso, acusou Gregory de ser o culpado de tudo, inclusive do meu nascimento prematuro. E sua aversão a ele aumentaria mais ainda em breve. Minha mãe entrou em depressão um dia depois do meu nascimento. Meu pai mandou chamar os médicos de Carlisle e teria cunhado seu coração para salvá-la se fosse possível, mas não era. Minha tia Fanny achava que Helen não queria mais viver, que não tinha mais apego à vida e que se deixou morrer. Mas quando perguntei se minha mãe tinha seguido as recomendações médicas, disse que sim, que tinha feito tudo com a mesma paciência submissa com que vivera sua vida toda. Uma das últimas coisas que pediu foi que Gregory deitasse ao seu lado. Então, fez com que ele segurasse minha mão pequenina. Seu marido chegou no momento em que ela nos olhava. Ele se curvou sobre ela, com ternura, para perguntar como se sentia e pareceu nos contemplar, os dois meios-irmãos, com um afeto sombrio. Ao levantar os olhos, ela sorriu para ele, talvez pela primeira vez. E que sorriso amável – disse tia Fanny tempos depois. Morreu uma hora depois. Tia Fanny veio morar conosco. Foi a melhor coisa que aconteceu. Meu pai gostaria de voltar para sua vida de solteiro, mas como, se tinha duas crianças pequenas? Ele precisava de uma mulher para cuidar dele e quem melhor que a irmã mais velha de sua esposa? Sendo assim, ela tomou conta de mim desde meu nascimento. Nasci fraco, naturalmente, e ela ficou sempre ao meu lado, cuidando de mim dia e noite. Meu pai estava quase tão preocupado quanto ela: há mais de trezentos anos que as terras de sua família passavam de pai para filho, e ele teria cuidado de mim simplesmente por ser seu herdeiro. Mas ele precisava de amor. Ainda que muitos o considerassem frio e insensível, ele afeiçoou-se a mim como a ninguém até então – talvez pudesse ter se afeiçoado à minha mãe, se seu passado não lhe causasse tanto ciúme, imagino eu. Eu o amei de imediato com todo o meu coração. Acho que eu amava todos que estavam ao meu redor, pois todos me tratavam bem. Passado um tempo,

superei minha fraqueza inicial e tornei-me um menino saudável e forte, admirado por todos quando ia com meu pai à cidade.

Em casa eu era o queridinho de minha tia, o adorado de meu pai, o favorito e o centro das atenções dos empregados, o “patrãozinho” dos peões e me comportava de forma arrogante e grosseira, pretensiosamente autoritária, o que era bastante estranho, eu acho, em se tratando de um bebê tão pequeno.

Gregory era três anos mais velho que eu. Tia Fanny tratava-o bem, de verdade, mas não com tanta atenção. Como cuidou de mim na época em que estive debilitado, ela simplesmente se acostumou a dedicar-se mais a mim. Meu pai via Gregory como um rival na disputa pelo amor de minha mãe e nunca conseguiu gostar dele. Desconfio que meu pai o culpasse pela morte da minha mãe e pela minha debilidade ao nascer; e mais tarde, aparentemente sem motivo algum, acho que ele preferiu acreditar que seu dever era rejeitá-lo em vez de fazer algo contra isso. Porém, jamais negou a ele algo que o dinheiro pudesse comprar. Isso era o que ele havia prometido ao casar-se com minha mãe, digamos assim. Gregory era tosco e grosso, desajeitado e desagradável, não fazia nada direito e a toda hora era insultado pelos peões da fazenda, que mal esperavam meu pai virar as costas para debocharem dele. Hoje eu me envergonho, dói-me pensar que menosprezei meu pobre meio-irmão órfão como fez minha família. Acho que nunca o desdenhei ou tratei-o mal de propósito, mas o fato de eu ser sempre respeitado e tratado de forma diferente e superior tornou-me insolente pela prosperidade que tive; e eu exigia demais de Gregory, e, irritado, algumas vezes repetia palavras desrespeitosas que ouvia, sem entender o que de fato significavam. Eu não saberia dizer se ele entendia ou não. Talvez sim. Normalmente ele ficava quieto no seu canto. Meu pai achava-o mal-humorado e rabugento; tia Fanny chamava-o de burro. Mas todo mundo o chamava de burro e idiota, e acho que essa burrice e idiotice cresceram sobre ele. Às vezes, ele ficava sentado sem falar uma palavra por horas. Então, meu pai mandava-o levantar e fazer algo, quem sabe ir até a granja. E só depois de ser mandado umas três ou quatro vezes é que ele se mexia. E quando entramos na escola foi a mesma coisa. Ele não conseguia decorar a matéria. O diretor cansou de tanto xingá-lo e castigá-lo e, no fim, sugeriu que meu pai o tirasse dali e o mandasse fazer algum trabalho na roça que não exigisse muito. Acho que ele ficou mais sombrio e estúpido depois disso, mas não era um menino raivoso; tinha paciência e era uma pessoa afável, faria de bom grado o que lhe pedissem, mesmo que o tivessem destratado ou lhe dado uns cascudos minutos antes. Mas, em geral, as pessoas viam suas tentativas em ser útil como brincadeiras

de mau gosto pelos seus modos desajeitados e desagradáveis. Acho que eu era um menino inteligente; pelo menos eu recebia elogios com frequência e era considerado o melhor aluno da minha escola. O diretor dizia que eu era capaz de aprender qualquer coisa, mas meu pai, que não tinha frequentado muito a escola, não via muita utilidade no estudo e logo me tirou da escola para acompanhá-lo na granja. Gregory ficou cuidando das ovelhas sob a supervisão do velho Adam, que já estava passando adiante suas tarefas. Acho que o velho Adam foi a primeira pessoa a ter uma opinião positiva sobre Gregory. Para ele, meu irmão era habilidoso, só não sabia exatamente como colocar em prática seus conhecimentos. Aliás, Adam nunca tinha visto alguém conhecer as montanhas tão bem quanto ele. Meu pai sempre perguntava a Adam o que Gregory tinha feito de errado, mas, sabendo das suas intenções, ele só reforçava os elogios ao menino.

Certo inverno, quando eu tinha uns 16 anos e Gregory 19, meu pai mandou-me ir a um local cerca de dez quilômetros dali e que ficava a uns cinco quilômetros do caminho que levava às montanhas. O caminho da ida não importava, mas era para eu voltar pela estrada, pois escurecia cedo naquela época do ano e formava uma névoa espessa. Além do mais, o velho Adam, agora paralítico e sem poder sair da cama, vinha dizendo que uma nevasca estava por vir. Cheguei rápido ao local e terminei o que tinha que fazer bem antes do esperado e decidi voltar por um caminho diferente em direção às montanhas bem na hora em que começava a escurecer. Começou a ficar bastante nublado e escuro, mas estava tão silencioso que achei que teria tempo o suficiente para chegar em casa antes de a neve cair. Passei a andar rápido. Mas escureceu mais rápido ainda. A trilha a ser seguida era fácil de ser vista durante o dia mesmo com bifurcações tão parecidas, pois era possível guiar-se pelas pedras e pelo desenho do solo. Mas à noite, esses sinais eram praticamente invisíveis. Reuni forças e segui pelo caminho que me pareceu ser o correto. Mas me enganei, segui por um local desconhecido e cheguei a uma espécie de pântano alagadiço onde senti uma solidão tão profunda que doía, era como se nunca ninguém tivesse pisado naquelas terras para quebrar o silêncio. Tentei gritar – sem muita esperança de que alguém ouvisse – mais para ouvir o som da minha própria voz; mas ela mal ecoou, deixando-me mais aflito ainda. Aquela imensidão escura e sombria passava uma sensação muito estranha. De repente, o ar ficou tomado de flocos espessos e a neve começou a molhar meu rosto e minhas mãos. Perdi qualquer noção de onde poderia estar, já não sabia de que direção tinha vindo caso quisesse rastrear o caminho de volta; fui cercado pela escuridão mais densa impossível. Não podia ficar muito tempo no mesmo local, pois o solo encharcado cedia; mas

eu também não me atrevia a ir muito longe. Parecia que minha robustez juvenil havia desaparecido toda de uma vez. Eu estava prestes a chorar, acho que a vergonha é que me segurou. Para evitar as lágrimas, gritei – gritei de um modo terrível e selvagem para o vazio. Quando parei para ouvir, senti-me mal: nenhum som em resposta, só o eco fraco da minha voz. A neve continuava caindo silenciosa e impiedosa, ficando cada vez mais densa, caindo cada vez mais rápido. Fui ficando fraco e com sono. Procurei andar, mas não ousava ir muito longe, pois sabia que havia muitos precipícios ao longo das montanhas. Às vezes, eu parava e gritava novamente, mas minha voz saía engasgada pelas lágrimas ao pensar na morte desoladora e desamparada que eu teria; e em como eles, em casa, aquecidos ao redor do fogo vermelho e incandescente, ficariam sabendo do que acontecera comigo – e em como meu pobre pai choraria por mim, isso certamente o mataria, partiria seu coração, pobre pai! Tia Fanny também: tudo o que fizera por mim terminaria assim? Comecei a rever minha vida, cenas da minha infância passaram diante de mim como uma visão, como um sonho estranho e vívido. Sentindo uma dor aguda ao pensar nessas lembranças antigas, reuni minhas forças e gritei mais uma vez, soltei um lamento profundo e desesperador ao qual eu já não tinha esperanças de obter resposta, a não ser dos ecos, enfraquecidos pela densidade do ar. Para a minha surpresa, ouvi um grito – quase tão profundo e brutal como o meu – tão brutal que nem parecia humano. Cheguei a pensar que poderia ser a voz de um espírito das montanhas, do qual tinha ouvido falar em muitas histórias. Meu coração começou a bater mais rápido e mais forte. Fiquei paralisado por alguns minutos. Cheguei a pensar que tinha perdido a voz. Nesse exato momento, ouvi um cachorro latir. Seria Lessie – a collie do meu irmão? – uma cachorra feia e bobalhona, com uma cara branca de doente que meu pai maltratava não tanto pelos seus deméritos, mas por ser do meu irmão. Quando meu pai fazia isso, Gregory mandava-a sair e ia com ela para algum outro lugar. Meu pai quase se arrependia de tê-la maltratado ao ver a pobre collie uivando de dor, mas logo se recompunha, dizendo que a culpa era do meu irmão que não sabia cuidar de um cachorro, que ele era capaz de machucar qualquer collie da cristandade com sua ideia estúpida de deixar a cachorra deitar ao lado do fogareiro da cozinha. Gregory não dizia nada, parecia nem ouvir, apenas saía andando com um olhar ausente e triste.

Sim! Ouvi latidos outra vez! Era Lassie latindo! Era agora ou nunca! Gritei o mais alto que pude: "Lassie! Lassie! Graças a Deus, Lassie!" Em seguida, a cara grande e branca de Lassie apareceu e ela começou a dar pulos de alegria ao redor dos meus pés e pernas, mas seu olhar era de receio, como se

esperasse que eu a recebesse com um chute, como de fato eu havia feito muitas vezes. Em vez disso, chorei de alegria e lhe fiz um carinho. Minha cabeça estava sendo contagiada pela fraqueza do corpo. Mesmo sem saber como, eu sabia que alguém estava a caminho. Uma figura acinzentada foi surgindo daquela escuridão densa. Era Gregory enrolado em sua manta de lã.

"Ah, Gregory!" – foi só o que consegui dizer, colocando meus braços ao redor de seu pescoço. Ele, quieto como sempre, ficou calado por um tempo. Em seguida, disse que precisávamos ir, tínhamos que caminhar – tínhamos que encontrar a estrada de volta para casa, se é que conseguiríamos; de qualquer forma tínhamos que nos mexer ou congelaríamos até a morte.

"Você não sabe o caminho de volta para casa?" – perguntei.

"Achei que sabia quando saí, mas não tenho mais certeza. A neve não me deixa enxergar direito, acho que andando de um lado para outro perdi a direção de casa."

Com um pedaço de pau como guia, ele se certificava de que podíamos avançar com certa segurança. Abraçados um ao outro, avançamos devagar e com cautela, tomando cuidado para não despencar precipício abaixo. Percebi que meu irmão se guiava mais pela Lassie que por qualquer outra coisa, confiando no instinto do animal. Estava muito escuro para ver o que quer que fosse diante de nós, mas ele chamava Lassie de volta a todo momento e observava o caminho que ela fazia, foi assim que escolhemos por onde ir. Mas nos movíamos muito devagar e estava difícil manter meu corpo aquecido. Parecia que cada osso e cada fibra do meu corpo doía, latejava e depois ficava dormente de tanto frio que eu sentia. Meu irmão suportava melhor que eu, pois tinha estado mais vezes pelas montanhas. Ele não falava nada, apenas ficava chamando Lassie. Eu fiz o que pude para aguentar e não me queixar, mas comecei a sentir que o sono mortal se abatia sobre mim.

"Não consigo mais" – eu disse com uma voz arrastada. Lembro que, de repente, resolvi que iria dormir, nem que fosse por cinco minutos. Mesmo que isso significasse a minha morte, eu iria dormir. Gregory parou. Acho que ele entendeu o quanto eu estava sofrendo pelo frio.

"Não adianta" – ele disse quase para si mesmo. "A gente está muito longe de casa ainda. Nossa única chance é Lassie. Vem aqui! Se cobre com a minha manta de lã, rapaz, e deita deste lado da pedra, é mais protegido. Fica bem embaixo dela, rapaz, e eu deito aqui e tento manter a gente aquecido. Fica aí! Você tem algo com que possam nos reconhecer em casa?"

Eu só queria dormir um pouco, mas ele não parava de repetir a pergunta até que lhe entreguei meu lenço de bolso, um meio espalhafatoso que tia

Fanny tinha costurado para mim. Gregory pegou e amarrou-o no pescoço de Lassie.

"Corre, Lassie, vai pra casa!". E aquela cara branca e feia desapareceu na escuridão. Agora eu poderia deitar – agora eu poderia dormir. Naquele sono entorpecido, senti que meu irmão carinhosamente me cobria. Mas o que eu não percebi nem me preocupei – eu era tão idiota, tão egoísta, tão cego que não imaginei, não pensei que naquele lugar desolador e vazio não poderia haver algo para me cobrir a não ser que alguém ficasse descoberto. Fiquei aliviado quando ele parou de me ajeitar e deitou ao meu lado. Peguei na sua mão.

"Você não lembra, rapaz, mas a gente deitou assim, junto, ao lado da mãe quando ela estava para morrer. Ela colocou a sua mão pequena na minha – acho que ela vê a gente agora. E acho que logo a gente vai estar com ela. Seja como for, a vontade de Deus será feita."

"Gregory querido", murmurei aproximando-me dele em busca de calor. Ele ainda falava da nossa mãe quando adormeci. De repente – assim me pareceu – ouvi vozes e vi gente ao meu redor – um calor agradável tomava conta de todo meu corpo. Eu estava em casa, em minha própria cama. Orgulho-me em dizer que minhas primeiras palavras foram: "Gregory?"

Ficaram se olhando – meu pai em vão tentou manter a rigidez característica de seu rosto; seus lábios começaram a tremer, seu olhos aos poucos se encheram de lágrimas que ele não estava acostumado a derramar.

"Eu teria dado a ele metade de minhas terras – eu teria lhe dado a benção como se meu filho fosse – Ai de mim! Eu teria me ajoelhado a seus pés e pedido perdão pela frieza do meu coração".

Não ouvi mais nada. Fiquei tonto e um sentimento de morte tomou conta de mim.

Com o passar do tempo, fui recobrando a consciência. Quando me recuperei, meu pai tinha o cabelo branco e suas mãos tremiam ao olhar para mim.

Não falamos mais sobre Gregory. Não podíamos. Mas pensávamos nele. Lassie ficava a nossa volta sem parecer que nos culpava. Meu pai tentava acariciá-la, mas ela se desvencilhava, e ele, como se tivesse sido repreendido pela cadela bobalhona, suspirava e ficava em silêncio, distraído por um bom tempo.

Tia Fanny – sempre muito falante – foi quem me contou tudo. Contou como, naquela noite fatídica, meu pai – irritado pela minha demora e provavelmente mais ansioso do que aparentava – havia tratado Gregory com mais violência e soberba do que de costume; havia-o recriminado pela

pobreza de seu pai e por sua própria estupidez, que fazia dele um inútil. E que, apesar de tudo isso, ele tinha tido consideração por ele. Por fim, Gregory tinha se levantado e saído com Lassie. Pobre Lassie, tinha se arrastado por debaixo da cadeira com medo de levar um chute ou uma pancada. Pouco antes, meu pai e minha tia haviam conversado sobre o meu retorno. Ao me contar tudo isso, ela disse achar que Gregory havia percebido a chegada de uma tempestade e silenciosamente saiu para me encontrar. Três horas depois, quando todos já estavam desesperados e sem saber se deveriam ir atrás de mim – nem tinham notado a falta de Gregory, pobre rapaz, pobre rapaz! –, Lassie apareceu em casa com meu lenço de bolso amarrado no pescoço. Eles o reconheceram e entenderam e todos saíram atrás dela com agasalhos, cobertores, conhaque, com tudo. Eu estava adormecido e gelado, mas vivo, deitado debaixo de uma pedra para onde Lassie os havia guiado. Eu estava coberto pelo xale de meu irmão e seu casaco grosso cobria meus pés. Ele vestia uma camisa – seu braço estava sobre mim. Ele, que havia sorrido tão pouco na vida, tinha um sorriso tranquilo estampado em seu rosto congelado e frio.

As últimas palavras de meu pai foram: “Que Deus perdoe a frieza com que tratei essa pobre criança!”

Levando em consideração o amor que tinha pela minha mãe, o que mais marcou esse seu sentimento de arrependimento, talvez mais que o resto, foi um bilhete encontrado com instruções para quando ele morresse: ele queria ser enterrado. Para satisfazer seu desejo, o pobre Gregory foi posto ao lado de NOSSA MÃE.

A companhia dos lobos

Angela Carter

O texto: O conto "The Company of Wolves" integra a coletânea *The Bloody Chamber and Other Stories*, publicada em 1974, que resgata antigos personagens dos contos de fada, tais como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Gato de Botas, transportando-os para histórias novas e cheias de simbolismo. Com toques de realismo mágico e um estilo de narrativa que lembra o folclore oral, "The Company of Wolves" é um conto gótico e sombrio sobre a ingenuidade e a sexualidade femininas.

Texto traduzido: Carter, A. "The Company of Wolves". In. *The Bloody Chamber and Other Stories*. London: Vintage, 2006.

A autora: Angela Carter nasceu na Inglaterra em 1940 e morreu em 1992. Atuou como jornalista e estudou literatura em Bristol. Publicou seu primeiro romance, *Shadow Dance*, em 1965, ao qual se seguiram *The Magic Toyshop* (1967) e *Several Perceptions* (1968). Escreveu romances, contos, peças para o rádio, ensaios e artigos jornalísticos e organizou coleções de contos de fada. O livro *The Bloody Chamber*, publicado em 1979, que recria contos de fadas clássicos sob uma ótica sombria, foi premiado e teve um das narrativas, "The Company of Wolves", adaptada para o rádio e o cinema.

A tradutora: Luiza Leite Ferreira, formada em Jornalismo pela UFF, atua como tradutora e revisora e tem especialização em Técnicas, Práticas e Estudos de Tradução pela PUC-Rio, com o trabalho de conclusão de curso "Tradução na teoria e na prática: a adequação do modelo de Juliane House a um conto de Angela Carter".

Contato: luiza.leite.ferreira@gmail.com

THE COMPANY OF WOLVES

"One beast and only one howls in the woods by night."

ANGELA CARTER

One beast and only one howls in the woods by night.

The wolf is carnivore incarnate and he's as cunning as he is ferocious; once he's had a taste of flesh then nothing else will do.

At night, the eyes of wolves shine like candle flames, yellowish, reddish, but that is because the pupils of their eyes fatten on darkness and catch the light from your lantern to flash it back to you – red for danger; if a wolf's eyes reflect only moonlight, then they gleam a cold and unnatural green, a mineral, a piercing colour. If the benighted traveller spies those luminous, terrible sequins stitched suddenly on the black thickets, then he knows he must run, if fear has not struck him stock-still.

But those eyes are all you will be able to glimpse of the forest assassins as they cluster invisibly round your smell of meat as you go through the wood unwisely late. They will be like shadows, they will be like wraiths, grey members of a congregation of nightmare; hark! his long, wavering howl … an aria of fear made audible.

The wolfsong is the sound of the rending you will suffer, in itself a murdering.

It is winter and cold weather. In this region of mountain and forest, there is now nothing for the wolves to eat. Goats and sheep are locked up in the byre, the deer departed for the remaining pasturage on the southern slopes – wolves grow lean and famished. There is so little flesh on them that you could count the starveling ribs through their pelts, if they gave you time before they pounced. Those slavering jaws; the lolling tongue; the rime of

saliva on the grizzled chops – of all the teeming perils of the night and the forest, ghosts, hobgoblins, ogres that grill babies upon gridirons, witches that fatten their captives in cages for cannibal tables, the wolf is worst for he cannot listen to reason.

You are always in danger in the forest, where no people are. Step between the portals of the great pines where the shaggy branches tangle about you, trapping the unwary traveller in nets as if the vegetation itself were in a plot with the wolves who live there, as though the wicked trees go fishing on behalf of their friends – step between the gateposts of the forest with the greatest trepidation and infinite precautions, for if you stray from the path for one instant, the wolves will eat you. They are grey as famine, they are as unkind as plague.

The grave-eyed children of the sparse villages always carry knives with them when they go out to tend the little flocks of goats that provide the homesteads with acrid milk and rank, maggoty cheeses. Their knives are half as big as they are, the blades are sharpened daily.

But the wolves have ways of arriving at your own hearthside. We try and try but sometimes we cannot keep them out. There is no winter's night the cottager does not fear to see a lean, grey, famished snout questing under the door, and there was a woman once bitten in her own kitchen as she was straining the macaroni.

Fear and flee the wolf; for, worst of all, the wolf may be more than he seems.

There was a hunter once, near here, that trapped a wolf in a pit. This wolf had massacred the sheep and goats; eaten up a mad old man who used to live by himself in a hut halfway up the mountain and sing to Jesus all day; pounced on a girl looking after the sheep, but she made such a commotion that men came with rifles and scared him away and tried to track him into the forest but he was cunning and easily gave them the slip. So this hunter dug a pit and put a duck in it, for bait, all alive-oh; and he covered the pit with straw smeared with wolf dung. Quack, quack! went the duck and a wolf came slinking out of the forest, a big one, a heavy one, he weighed as much as a grown man and the straw gave way beneath him – into the pit he tumbled. The hunter jumped down after him, slit his throat, cut off all his paws for a trophy.

And then no wolf at all lay in front of the hunter but the bloody trunk of a man, headless, footless, dying, dead.

A witch from up the valley once turned an entire wedding party into wolves because the groom had settled on another girl. She used to order them to visit her, at night, from spite, and they would sit and howl around her cottage for her, serenading her with their misery.

Not so very long ago, a young woman in our village married a man who vanished clean away on her wedding night. The bed was made with new sheets and the bride lay down in it; the groom said, he was going out to relieve himself, insisted on it, for the sake of decency, and she drew the coverlet up to her chin and she lay there. And she waited and she waited and then she waited again – surely he's been gone a long time? Until she jumps up in bed and shrieks to hear a howling, coming on the wind from the forest.

That long-drawn, wavering howl has, for all its fearful resonance, some inherent sadness in it, as if the beasts would love to be less beastly if only they knew how and never cease to mourn their own condition. There is a vast melancholy in the canticles of the wolves, melancholy infinite as the forest, endless as these long nights of winter and yet that ghastly sadness, that mourning for their own, irremediable appetites, can never move the heart for not one phrase in it hints at the possibility of redemption; grace could not come to the wolf from its own despair, only through some external mediator, so that, sometimes, the beast will look as if he half welcomes the knife that despatches him.

The young woman's brothers searched the outhouses and the haystacks but never found any remains so the sensible girl dried her eyes and found herself another husband not too shy to piss into a pot who spent the nights indoors. She gave him a pair of bonny babies and all went right as a trivet until, one freezing night; the night of the solstice, the hinge of the year when things do not fit together as well as they should, the longest night, her first good man came home again.

A great thump on the door announced him as she was stirring the soup for the father of her children and she knew him the moment she lifted the latch to him although it was years since she'd worn black for him and now he was in rags and his hair hung down his back and never saw a comb, alive with lice.

'Here I am again, missus,' he said. 'Get me my bowl of cabbage and be quick about it.'

Then her second husband came in with wood for the fire and when the first one saw she'd slept with another man and, worse, clapped his red eyes on her little children who'd crept into the kitchen to see what all the din was

about, he shouted: 'I wish I were a wolf again, to teach this whore a lesson!' So a wolf he instantly became and tore off the eldest boy's left foot before he was chopped up with the hatchet they used for chopping logs. But when the wolf lay bleeding and gasping its last, the pelt peeled off again and he was just as he had been, years ago, when he ran away from his marriage bed, so that she wept and her second husband beat her.

They say there's an ointment the Devil gives you that turns you into a wolf the minute you rub it on. Or, that he was born feet first and had a wolf for his father and his torso is a man's but his legs and genitals are a wolf's. And he has a wolf's heart.

Seven years is a werewolf's natural span but if you burn his human clothing you condemn him to wolfishness for the rest of his life, so old wives hereabouts think it some protection to throw a hat or an apron at the werewolf, as if clothes made the man. Yet by the eyes, those phosphorescent eyes, you know him in all his shapes; the eyes alone unchanged by metamorphosis.

Before he can become a wolf, the lycanthrope strips stark naked. If you spy a naked man among the pines, you must run as if the Devil were after you.

It is midwinter and the robin, the friend of man, sits on the handle of the gardener's spade and sings. It is the worst time in all the year for wolves but this strong-minded child insists she will go off through the wood. She is quite sure the wild beasts cannot harm her although, well-warned, she lays a carving knife in the basket her mother has packed with cheeses. There is a bottle of harsh liquor distilled from brambles; a batch of flat oatcakes baked on the hearthstone; a pot or two of jam. The flaxen-haired girl will take these delicious gifts to a reclusive grandmother so old the burden of her years is crushing her to death. Granny lives two hours' trudge through the winter woods; the child wraps herself up in her thick shawl, draws it over her head. She steps into her stout wooden shoes; she is dressed and ready and it is Christmas Eve. The malign door of the solstice still swings upon its hinges but she has been too much loved ever to feel scared.

Children do not stay young for long in this savage country. There are no toys for them to play with so they work hard and grow wise but this one, so pretty and the youngest of her family, a little late-comer, had been indulged by her mother and the grandmother who'd knitted her the red shawl that, today, has the ominous if brilliant look of blood on snow; her breasts have

just begun to swell; her hair is like lint, so fair it hardly makes a shadow on her pale forehead; her cheeks are an emblematic scarlet and white and she has just started her woman's bleeding, the clock inside her that will strike, henceforward, once a month.

She stands and moves within the invisible pentacle of her own virginity. She is an unbroken egg; she is a sealed vessel; she has inside her a magic space the entrance to which is shut tight with a plug of membrane; she is a closed system; she does not know how to shiver. She has her knife and she is afraid of nothing.

Her father might forbid her, if he were home, but he is away in the forest, gathering wood, and her mother cannot deny her.

The forest closed upon her like a pair of jaws.

There is always something to look at in the forest, even in the middle of winter – the huddled mounds of birds, succumbed to the lethargy of the season, heaped on the creaking boughs and too forlorn to sing; the bright frills of the winter fungi on the blotched trunks of the trees; the cuneiform slots of rabbits and deer, the herringbone tracks of the birds, a hare as lean as a rasher of bacon streaking across the path where the thin sunlight dapples the russet brakes of last year's bracken.

When she heard the freezing howl of a distant wolf, her practised hand sprang to the handle of her knife, but she saw no sign of a wolf at all, nor of a naked man, neither, but then she heard a clattering among the brushwood and there sprang on to the path a fully clothed one, a very handsome young one, in the green coat and wideawake hat of a hunter, laden with carcasses of game birds. She had her hand on her knife at the first rustle of twigs but he laughed with a flash of white teeth when he saw her and made her a comic yet flattering little bow; she'd never seen such a fine fellow before, not among the rustic clowns of her native village. So on they went together, through the thickening light of the afternoon.

Soon they were laughing and joking like old friends. When he offered to carry her basket, she gave it to him although her knife was in it because he told her his rifle would protect them. As the day darkened, it began to snow again; she felt the first flakes settle on her eyelashes but now there was only half a mile to go and there would be a fire, and hot tea, and a welcome, a warm one, surely, for the dashing huntsman as well as for herself.

This young man had a remarkable object in his pocket. It was a compass. She looked at the little round glass face in the palm of his hand and watched the wavering needle with a vague wonder. He assured her this compass had

taken him safely through the wood on his hunting trip because the needle always told him with perfect accuracy where the north was. She did not believe it; she knew she should never leave the path on the way through the wood or else she would be lost instantly. He laughed at her again; gleaming trails of spittle clung to his teeth. He said, if he plunged off the path into the forest that surrounded them, he could guarantee to arrive at her grandmother's house a good quarter of an hour before she did, plotting his way through the undergrowth with his compass, while she trudged the long way, along the winding path.

I don't believe you. Besides, aren't you afraid of the wolves?

He only tapped the gleaming butt of his rifle and grinned.

Is it a bet? he asked her. Shall we make a game of it? What will you give me if I get to your grandmother's house before you?

What would you like? she asked disingenuously.

A kiss.

Commonplaces of a rustic seduction; she lowered her eyes and blushed.

He went through the undergrowth and took her basket with him but she forgot to be afraid of the beasts, although now the moon was rising, for she wanted to dawdle on her way to make sure the handsome gentleman would win his wager.

Grandmother's house stood by itself a little way out of the village. The freshly falling snow blew in eddies about the kitchen garden and the young man stepped delicately up the snowy path to the door as if he were reluctant to get his feet wet, swinging his bundle of game and the girl's basket and humming a little tune to himself.

There is a faint trace of blood on his chin; he has been snacking on his catch.

He rapped upon the panels with his knuckles.

Aged and frail, granny is three-quarters succumbed to the mortality the ache in her bones promises her and almost ready to give in entirely. A boy came out from the village to build up her hearth for the night an hour ago and the kitchen crackles with busy firelight. She has her Bible for company, she is a pious old woman. She is propped up on several pillows in the bed set into the wall peasant-fashion, wrapped up in the patchwork quilt she made before she was married, more years ago than she cares to remember. Two china spaniels with liver-coloured blotches on their coats and black noses sit

on either side of the fireplace. There is a bright rug of woven rags on the pantiles. The grandfather clock ticks away her eroding time.

We keep the wolves outside by living well.

He rapped upon the panels with his hairy knuckles.

It is your granddaughter, he mimicked in a high soprano.

Lift up the latch and walk in, my darling.

You can tell them by their eyes, eyes of a beast of prey, nocturnal, devastating eyes as red as a wound; you can hurl your Bible at him and your apron after, granny, you thought that was a sure prophylactic against these infernal vermin… now call on Christ and his mother and all the angels in heaven to protect you but it won't do you any good.

His feral, muzzle is sharp as a knife; he drops his golden burden of gnawed pheasant on the table and puts down your dear girl's basket, too. Oh, my God, what have you done with her?

Off with his disguise, that coat of forest-coloured cloth, the hat with the feather tucked into the ribbon; his matted hair streams down his white shirt and she can see the lice moving in it. The sticks in the hearth shift and hiss; night and the forest has come into the kitchen with darkness tangled in its hair.

He strips off his shirt. His skin is the colour and texture of vellum. A crisp stripe of hair runs down his belly, his nipples are ripe and dark as poison fruit but he's so thin you could count the ribs under his skin if only he gave you the time. He strips off his trousers and she can see how hairy his legs are. His genitals, huge. Ah! huge.

The last thing the old lady saw in all this world was a young man, eyes like cinders, naked as a stone, approaching her bed.

The wolf is carnivore incarnate.

When he had finished with her, he licked his chops and quickly dressed himself again, until he was just as he had been when he came through her door. He burned the inedible hair in the fireplace and wrapped the bones up in a napkin that he hid away under the bed in the wooden chest in which he found a clean pair of sheets. These he carefully put on the bed instead of the tell-tale stained ones he stowed away in the laundry basket. He plumped up the pillows and shook out the patchwork quilt, he picked up the Bible from the floor, closed it and laid it on the table. All was as it had been before except that grandmother was gone. The sticks twitched in the grate, the

clock ticked and the young man sat patiently, deceitfully beside the bed in granny's nightcap.

Rat-a-tap-tap.

Who's there? he quavers in granny's antique falsetto.

Only your granddaughter.

So she came in, bringing with her a flurry of snow that melted in tears on the tiles, and perhaps she was a little disappointed to see only her grandmother sitting beside the fire. But then he flung off the blanket and sprang to the door, pressing his back against it so that she could not get out again.

The girl looked round the room and saw there was not even the indentation of a head on the smooth cheek of the pillow and how, for the first time she'd seen it so, the Bible lay closed on the table. The tick of the clock cracked like a whip. She wanted her knife from her basket but she did not dare reach for it because his eyes were fixed upon her – huge eyes that now seemed to shine with a unique, interior light, eyes the size of saucers, saucers full of Greek fire, diabolic phosphorescence.

What big eyes you have.

All the better to see you with.

No trace at all of the old woman except for a tuft of white hair that had caught in the bark of an unburned log. When the girl saw that, she knew she was in danger of death.

Where is my grandmother?

There's nobody here but we two, my darling.

Now a great howling rose up all around them, near, very near, as close as the kitchen garden, the howling of a multitude of wolves; she knew the worst wolves are hairy on the inside and she shivered, in spite of the scarlet shawl she pulled more closely round herself as if it could protect her although it was as red as the blood she must spill.

Who has come to sing us carols, she said.

Those are the voices of my brothers, darling; I love the company of wolves. Look out of the window and you'll see them.

Snow half-caked the lattice and she opened it to look into the garden. It was a white night of moon and snow; the blizzard whirled round the gaunt, grey beasts who squatted on their haunches among the rows of winter cabbage, pointing their sharp snouts to the moon and howling as if their hearts would break. Ten wolves; twenty wolves – so many wolves she could

not count them, howling in concert as if demented or deranged. Their eyes reflected the light from the kitchen and shone like a hundred candles.

It is very cold, poor things, she said; no wonder they howl so.

She closed the window on the wolves' threnody and took off her scarlet shawl, the colour of poppies, the colour of sacrifices, the colour of her menses, and, since her fear did her no good, she ceased to be afraid.

What shall I do with my shawl?

Throw it on the fire, dear one. You won't need it again.

She bundled up her shawl and threw it on the blaze, which instantly consumed it. Then she drew her blouse over her head; her small breasts gleamed as if the snow had invaded the room.

What shall I do with my blouse?

Into the fire with it, too, my pet.

The thin muslin went flaring up the chimney like a magic bird and now off came her skirt, her woollen stockings, her shoes, and on to the fire they went, too, and were gone for good. The firelight shone through the edges of her skin; now she was clothed only in her untouched integument of flesh. This dazzling, naked she combed out her hair with her fingers; her hair looked white as the snow outside. Then went directly to the man with red eyes in whose unkempt mane the lice moved; she stood up on tiptoe and unbuttoned the collar of his shirt.

What big arms you have.

All the better to hug you with.

Every wolf in the world now howled a prothalamion outside the window as she freely gave the kiss she owed him.

What big teeth you have!

She saw how his jaw began to slaver and the room was full of the clamour of the forest's Liebestod but the wise child never flinched, even when he answered:

All the better to eat you with.

The girl burst out laughing; she knew she was nobody's meat. She laughed at him full in the face, she ripped off his shirt for him and flung it into the fire, in the fiery wake of her own discarded clothing. The flames danced like dead souls on Walpurgisnacht and the old bones under the bed set up a terrible clattering but she did not pay them any heed.

Carnivore incarnate, only immaculate flesh appeases him.

She will lay his fearful head on her lap and she will pick out the lice from his pelt and perhaps she will put die lice into her mouth and eat them, as he will bid her, as she would do in a savage marriage ceremony.

The blizzard will die down.

The blizzard died down, leaving the mountains as randomly covered with snow as if a blind woman had thrown a sheet over them, the upper branches of the forest pines limed, creaking, swollen with the fall.

Snowlight, moonlight, a confusion of paw-prints.

All silent, all still.

Midnight; and the clock strikes. It is Christmas Day, the werewolves' birthday, the door of the solstice stands wide open; let them all sink through.

See! sweet and sound she sleeps in granny's bed, between the paws of the tender wolf.

A COMPANHIA DOS LOBOS

"Uma fera e apenas uma uiva na floresta à noite."

ANGELA CARTER

Uma fera e apenas uma uiva na floresta à noite.

O lobo é o carnívoro encarnado e é tão astuto quanto feroz; uma vez que tenha provado carne humana, nada mais o satisfará.

À noite, os olhos dos lobos brilham como chamas de uma vela, amarelados, avermelhados, mas isso é porque as pupilas de seus olhos aumentam na escuridão e captam a luz do seu lampião para refleti-la de volta em você – vermelho para perigo; se os olhos de um lobo refletem apenas o luar, então, cintilam um verde frio, uma cor artificial, mineral, penetrante. Se em meio à escuridão o viajante ingênuo notar aquelas terríveis lantejoulas luminosas costuradas de repente nos arbustos negros, ele sabe que precisa correr, se o medo já não o tiver imobilizado.

Mas aqueles olhos serão tudo o que você poderá vislumbrar dos assassinos da floresta enquanto eles se aglomeram invisíveis ao redor do seu cheiro de carne e você segue pelo bosque tarde da noite. Eles serão como sombras, como espectros, membros cinzentos de um concílio de pesadelo; ouça! seu longo, tremulante uivo... Uma ária de medo em forma sonora.

O canto do lobo é o som da laceração que você sofrerá, por si só um assassinato.

É inverno e tempo frio. Nesta região de montanha e floresta, não há nada agora que os lobos possam comer. Cabras e ovelhas estão trancadas no curral, os cervos partiram em busca do derradeiro pasto nas colinas mais ao sul – os lobos estão magros e famintos. Há tão pouca carne neles que você poderia contar as costelas sob seu pelo, se eles lhe dessem tempo antes de dar o bote.

Aquelas mandíbulas salivantes; a língua pendurada; a saliva orvalhada no maxilar grisalho – de todos os abundantes perigos da noite e da floresta, fantasmas, trasgos, ogros que grelham bebês, bruxas que engordam seus prisioneiros em gaiolas para jantares canibais, o lobo é o pior deles, pois não é capaz de dar ouvidos à razão.

Você está sempre em perigo na floresta, onde não há gente. Passe pelos altos portais de pinheiros em que os galhos tortuosos enredam-se ao seu redor, prendendo o viajante incauto em redes como se a própria vegetação estivesse em conluio com os lobos que lá habitam, como se as árvores perversas fossem em busca de alimento para seus amigos – passe pelos portões da floresta com o maior dos receios e infinitas precauções, pois, se você se desviar do caminho por um instante, os lobos vão lhe devorar. Eles são cinzentos como a fome, são cruéis como a peste.

As crianças de olhar sombrio dos vilarejos esparsos sempre carregam facas consigo quando saem para vigiar os pequenos rebanhos de cabras que alimentam as casas com leite azedo e queijo rançoso e bichado. Suas facas têm quase a metade de seu tamanho, e suas lâminas são afiadas diariamente.

Mas os lobos têm seus meios de se aproximar do aconchego do seu lar. Tentamos e tentamos, mas às vezes não podemos mantê-los lá fora. Não há uma noite de inverno em que o camponês não tema ver um focinho cinza, magro e faminto farejando debaixo da porta, e houve uma vez uma mulher que foi mordida em sua própria cozinha enquanto escorria o macarrão.

Tema o lobo e fuja dele; pois, mais do que tudo, o lobo pode ser mais do que aparenta.

Uma vez houve um caçador, perto daqui, que prendeu um lobo em uma fossa. Esse lobo havia massacrado ovelhas e cabras; devorado um velho que vivia sozinho em uma choupana no meio da montanha e cantava para Jesus o dia todo; e atacado uma menina que cuidava das ovelhas, mas que fez tamanha comoção que os homens vieram com rifles e assustaram-no e tentaram segui-lo pela floresta, mas ele era astuto e os despistou facilmente. E então este caçador cavou uma fossa e pôs nele um pato, como isca, vivinho; e cobriu o fosso com palha suja de estrume de lobo. Quack, quack!, fez o pato, e o lobo veio furtivo da floresta, grande, pesado, pesando tanto quanto um homem adulto, que a palha cedeu sob ele – dentro da fossa ele caiu. O caçador pulou atrás, rasgou-lhe a garganta, lacerou todas as patas como troféu.

E então lobo algum jazia perante o caçador, mas o tronco sangrento de um homem, sem cabeça, sem pés, morrendo, morto.

Uma bruxa do vale uma vez transformou todos os convidados de um casamento em lobos porque o noivo havia escolhido outra moça. Ela costumava ordenar que a visitassem à noite, por capricho, e eles se sentavam e uivavam para ela ao redor de sua choupana, em uma atormentada serenata.

Não faz muito tempo, uma jovem de nosso vilarejo casou-se com um homem que desapareceu por completo em sua noite de núpcias. A cama estava feita com lençóis novos e a noiva deitou-se sobre ela; o noivo disse que ia sair para se aliviar, insistiu nisso, por decência, e ela puxou o cobertor até o queixo e lá ficou deitada. E ela esperou e esperou de novo – ele não estava fora há tempo demais? Até que saltou da cama e guinchou ao ouvir um uivo, embalado no vento da floresta.

Aquele uivo alongado e tremulante tem, por toda sua ressonância medonha, alguma tristeza inerente a ele, como se as feras desejassem ser menos bestiais se ao menos soubessem como, e nunca deixassem de lamentar sua própria condição. Há uma vasta melancolia nos cânticos dos lobos, melancolia infinita como a floresta, interminável como as longas noites de inverno, contudo, essa tristeza medonha, esse lamento pelo próprio apetite irremediável, jamais pode comover o coração, pois nenhuma frase nele prenuncia a possibilidade de redenção; o lobo não poderia ser agraciado por seu próprio desespero, apenas por um mediador externo, de modo que, às vezes, a fera parece receber de bom grado a faca que a despacha.

Os irmãos da jovem vasculharam as latrinas e os palheiros, mas nunca encontraram os restos mortais, e então, a garota sensata secou suas lágrimas e encontrou um novo marido, um não tão tímido a ponto de urinar em penicos e passar as noites dentro de casa. Ela lhe deu duas crianças ossudas e tudo ia bem, até que, em uma noite congelante, na noite do solstício, na dobradiça do ano em que as coisas não se encaixam bem como deveriam, na noite mais longa, seu primeiro marido tornou a casa.

Uma forte batida na porta anunciou-o enquanto ela mexia a sopa para o pai de seus filhos e ela soube que era ele no instante em que levantou o ferrolho, embora tivesse passado muito tempo desde que vestira o luto por ele e agora lá estava, vestido em trapos, o cabelo até as costas, sem nunca ter visto um pente, vivo de tantos piolhos.

– Aqui estou eu novamente, mulher – disse ele. Dê-me minha tigela de repolho e seja rápida com isso.

Então, seu segundo marido entrou com lenha para o fogo e quando o primeiro viu que ela dormira com outro homem e, pior, lançou os olhos ver-

melhos nos pirralhos que haviam se esgueirado até a cozinha para ver o que estava acontecendo, gritou:

– Eu queria ser um lobo mais uma vez para ensinar uma lição a essa vadia! E em um lobo ele instantaneamente se transformou e arrancou o pé esquerdo do menino mais velho antes de levar um talho da machadinha usada para cortar lenha. Mas quando o lobo jazia ensanguentado, arquejando seu último suspiro, a pele se desprendeu de novo e ele estava exatamente como havia sido, anos atrás, quando fugiu do leito matrimonial, e por isso ela chorou e o segundo marido a estapeou.

Dizem que há um unguento que o Diabo lhe dá, que transforma em lobo quem o usar. Ou, que ele nascera pelos pés e tinha por pai um lobo, e seu tronco era de homem, mas as pernas e a genitália eram de lobo. E que ele tem coração de lobo.

Sete anos é o tempo de vida de um lobisomem, mas se queimar suas roupas humanas você o condena à forma lupina pelo resto da vida, por isso, velhas matronas por essas bandas acreditam servir de proteção atirar um chapéu ou um avental em um lobisomem, como se as roupas fizessem o homem. Todavia, pelos olhos, aqueles olhos fosforescentes, você o conhece em todas as formas; só os olhos permanecem iguais na metamorfose.

Antes de se tornar um lobo, o licantropo se despe por completo. Se vir um homem nu entre os pinheiros, deve correr como se o Diabo estivesse atrás de você.

É meio do inverno, e o tordo, o amigo do homem, apoia-se no cabo da pá de jardinagem e canta. É o pior momento em todo o ano para os lobos, mas essa criança teimosa insiste em sair e passear pela floresta. Ela está bem certa de que as feras selvagens não lhe podem fazer mal, embora, bem prevenida, guarde uma faca na cesta cheia de queijos que sua mãe lhe preparou. Há uma garrafa de bebida acre destilada de arbustos de amora-preta; uma fornada de bolinhos de aveia assados na lareira; um ou dois potes de geleia. A garota de cabelos louro-pálidos leva estes deliciosos mimos para a avó reclusa, tão velha que o peso de seus anos esmaga-a em direção à morte. A vovó mora a uma caminhada de duas horas de distância pelo bosque invernal; a menina se embrulha em seu xale grosso, passando-o pela cabeça. Ela anda em robustos sapatos de madeira; está vestida e pronta e é véspera de Natal. A porta maligna do solstício ainda se agita em suas dobradiças, mas ela foi amada demais para sentir qualquer medo.

As crianças não permanecem jovens por muito tempo nesta região selvagem. Não há brinquedos para brincarem, então, elas trabalham duro e ganham sabedoria, mas esta, tão bonita e a mais jovem da família, uma pequena temporã, foi mimada pela mãe e pela avó, que tricotou para ela o xale vermelho que, hoje, é da cor agourenta, se não brilhante, de sangue na neve, seus seios já começam a despontar; seu cabelo é como o linho, tão claro que quase não faz sombra em sua testa pálida; suas bochechas são de um escarlate e branco emblemáticos e ela já começou a sangrar, o relógio interno que irá soar, a partir daí, uma vez por mês.

Ela se porta e se move no amuleto invisível de sua própria virgindade. Ela é um ovo não quebrado, um reservatório selado; ela tem dentro de si um espaço mágico cuja entrada é hermeticamente fechada por uma tampa membranosa; ela é um sistema fechado; ela não sabe como se arrepiar. Ela tem sua faca e não tem medo de nada.

Seu pai poderia proibi-la, se estivesse em casa, mas está longe, na floresta, coletando madeira, e sua mãe não lhe pode negar nada.

O bosque se fechou ao redor dela como um par de mandíbulas.

Há sempre algo para se olhar na floresta, mesmo no meio do inverno – os montes de pássaros aglomerados, sucumbidos à letargia da estação, empilhados nos galhos rangentes e desamparados demais para cantar; as rendas brilhantes dos cogumelos do inverno nos troncos manchados das árvores; as tocas cuneiformes de coelhos e veados, as pegadas dos pássaros em forma de espinha de peixe, uma lebre tão magra quanto uma fina fatia de bacon saltitando pelo caminho onde a luz do sol salpica o mato avermelhado da samambaia do ano anterior.

Quando ela escutou o uivo enregelante de um lobo ao longe, sua mão hábil correu para o cabo da faca, porém, ela não viu sinal algum de lobo, nem de um homem nu, mas então ouviu um barulho entre os arbustos e de lá brotou no caminho um homem completamente vestido, um muito bonito por sinal, no casaco verde e chapéu de aba larga de caçador, com carcaças de faisões penduradas. Ela estava com a faca nas mãos ao primeiro farfalhar de galhos, mas ele riu com um lampejo de dentes brancos quando a viu e lhe fez uma pequena reverência cômica, ainda que lisonjeira, ela nunca havia visto um homem tão refinado antes, não dentre os palhaços rústicos de seu vilarejo natal. E seguiram juntos os dois, à fraca luz da tarde.

Logo estavam rindo e brincando como velhos amigos. Quando ele se ofereceu para carregar sua cesta, ela aceitou, apesar de sua faca estar dentro dela, porque ele disse que seu rifle os protegeria. Conforme o dia escureceu,

começou a nevar novamente; ela sentiu os primeiros flocos se acomodarem em seus cílios, mas agora faltavam apenas algumas centenas de metros para percorrer e haveria um fogo e chá quente e boas vindas reconfortantes, certamente, para o impetuoso caçador, assim como para ela.

Este jovem carregava um objeto extraordinário no bolso. Era uma bússola. Ela olhou para a pequena face arredondada do vidro na palma da mão dele e observou a agulha oscilante com vago interesse. Ele lhe assegurou que aquela bússola havia lhe guiado em segurança pelo bosque em sua caçada porque a agulha sempre lhe dizia com precisão exata onde o norte estava. Ela não acreditou; ela sabia que não deveria nunca deixar a trilha ao caminhar pelo bosque ou então se perderia instantaneamente. Ele riu dela mais uma vez; traços reluzentes de saliva grudaram em seus dentes. Ele disse que, se saísse do caminho e se embrenhasse dentro da floresta que os cercava, ele garantia que poderia chegar à casa da avó um quarto de hora antes do que ela, traçando um novo caminho pela vegetação rasteira com sua bússola, enquanto ela penava pelo caminho mais longo e sinuoso.

Não acredito em você. E, além disso, você não tem medo dos lobos?

Ele apenas bateu na coronha reluzente do rifle e sorriu.

Isso é uma aposta? perguntou. Devemos fazer disso um jogo? O que você me dá se eu chegar à casa da sua avó antes de você?

Do que você gostaria? perguntou ela sem ingenuidade.

De um beijo.

Clichês de sedução rústica; ela baixou os olhos e corou.

Ele foi pela vegetação rasteira e levou a cesta dela consigo, mas ela se esqueceu de ter medo das feras, embora a lua já estivesse surgindo, pois queria se demorar no caminho e garantir que o belo cavalheiro ganhasse a aposta.

A casa da avó era isolada e um pouco distante do vilarejo. A neve fresca caía em redemoinhos no jardim da cozinha e o homem pisava delicadamente sobre o caminho nevado até a porta como se relutasse em molhar os pés, balançando suas carcaças e a cesta da garota e murmurando para si uma melodia.

Há um leve vestígio de sangue em seu queixo; ele andou beliscando sua caça.

Ele bateu nos painéis de madeira com os nós dos dedos.

Idosa e frágil, vovó está a um passo da mortalidade prometida pela dor em seus ossos e quase pronta para sucumbir de vez. Um rapaz do vilarejo veio acender sua lareira para a noite uma hora atrás, e a cozinha estala com um

fogo ativo. Ela tem por companhia sua Bíblia, é uma senhora velha e devota. Está recostada sobre uma pilha de travesseiros na cama encostada na parede à moda camponesa, embrulhada em uma manta de retalhos que ela costurou antes de se casar, muito mais anos atrás do que é capaz de se lembrar. Dois cães de porcelana com manchas escuras no pelo e de nariz preto estão sentados de cada lado da lareira.

Há um alegre tapete de retalhos trançados sobre o piso de lajotas. O relógio de corda anuncia o tempo que lhe esvai.

É vivendo bem que mantemos os lobos lá fora.

Ele bateu na madeira com os nós dos dedos peludos.

É a sua neta, ele imitou em um soprano agudo.

Levante o ferrolho e entre, minha querida.

Você consegue distingui-los pelos olhos, olhos de uma besta predadora, noturna, olhos devastadores vermelhos como uma ferida; você pode atirar sua Bíblia contra ele e depois seu avental, vovó, você pensou que esta era uma profilaxia sem erros contra esses vermes infernais… Agora clame por Cristo e a mãe dele e todos os anjos do céu para protegê-la, mas de nada adiantará.

Sua bocarra selvagem é afiada como uma faca; ele larga seu fardo dourado de faisões sobre a mesa e também a cesta de sua querida garotinha. Ai meu Deus, o que você fez com ela?

Despindo seu disfarce, o casaco tecido nas cores da floresta, o chapéu com a pena espetada no laço; seu cabelo opaco e emaranhado cascateia sobre a camisa branca e ela pode ver os piolhos andando nele. A lenha no fogo se contorce e estala; a noite e a floresta entraram na cozinha com a escuridão enrolada em seu cabelo.

Ele tira a camisa. Sua pele é da cor e da textura de velino. Uma nítida listra de cabelo atravessa sua barriga, seus mamilos são duros e escuros como fruta envenenada, mas ele é tão magro que você poderia contar as costelas sob sua pele se ao menos ele lhe desse tempo para isso. Ele tira as calças e ela vê como suas pernas são peludas. Seus genitais, imensos. Ah! Imensos.

A última coisa que a velha senhora viu deste mundo foi um jovem, olhos como brasas, nu como uma pedra, aproximando-se de sua cama.

O lobo é o carnívoro encarnado.

Quando ele havia terminado com ela, lambeu os beiços e rapidamente vestiu-se de novo, até ser exatamente o que era quando entrou pela porta. Ele queimou na lareira o cabelo não comestível e embrulhou os ossos em um lenço e os escondeu debaixo da cama no baú de madeira no qual encontrou

lençóis limpos. Estes ele estendeu sobre a cama no lugar dos manchados que o denunciavam, os quais ocultou no cesto de roupa suja. Afofou os travesseiros e sacudiu a manta de retalhos, pegou a Bíblia do chão, fechou-a e pousou-a sobre a mesa. Tudo estava como era antes, a não ser pela avó que desaparecera. A lenha contorcia-se na lareira, o relógio soava e o jovem esperava paciente e ludibriosamente ao lado da cama, usando o gorro da vovó.

Toc-toc-toc.

Quem é, ele trinou no falsete idoso da vovó.

Apenas sua neta.

E ela entrou, trazendo com ela um turbilhão de neve que derreteu em lágrimas no ladrilho, e talvez estivesse um pouco desapontada ao ver apenas a avó sentada perto do fogo. Mas então ele saiu das cobertas e correu para a entrada, de costas para a porta para que ela não pudesse mais sair.

A garota olhou em volta do quarto e viu que não havia nem mesmo a marca de uma cabeça no travesseiro macio e que, pela primeira vez, a Bíblia estava fechada sobre a mesa. O tic-tac do relógio soava como um chicote. Ela queria sua faca da cesta, mas não ousaria tentar alcançá-la, pois os olhos dele estavam fixos nela – grandes olhos que agora pareciam brilhar com uma luz interior excepcional, olhos do tamanho de pires, pires cheios de fogo grego, fosforescência diabólica.

Que olhos grandes você tem.

São para te ver melhor.

Nenhum vestígio sequer da velha senhora a não ser por um tufo de cabelo branco que ficara agarrado na casca de uma lenha não queimada. Quando viu aquilo, a garota soube que corria risco de morrer.

Onde está minha avó?

Não há mais ninguém além de nós dois, minha querida.

Agora um grande uivo ascendeu-se ao redor deles, perto, muito perto, tão perto quanto o jardim da cozinha, o uivo de uma multidão de lobos; ela sabia que os piores lobos são peludos por dentro e ela estremeceu, apesar do xale escarlate que ela abraçava mais forte em volta de si como se pudesse protegê-la, embora fosse tão vermelho quanto o sangue que ela derramaria.

Quem veio entoar cantigas para nós, disse ela.

Essas são as vozes dos meus irmãos, querida; eu amo a companhia dos lobos. Olhe pela janela e você vai vê-los.

A neve cobria parcialmente as gelosias da janela que a garota abriu para olhar o jardim. Era uma noite branca de lua e neve; a nevasca rodopiava ao redor das criaturas cinzentas e lúgubres sentadas sobre as ancas entre as fileiras de repolho, apontando seus focinhos finos para a lua e uivando como se seu coração fosse se partir. Dez lobos; vinte lobos – tantos lobos que ela não podia contar, uivando em concerto como se fossem dementes ou perturbados. Seus olhos refletiam a luz da cozinha e brilhavam como uma centena de velas.

Está muito frio, coitadinhos, disse ela; não me admira que uivem assim.

Ela fechou a janela no meio da trenodia dos lobos e tirou o xale vermelho, da cor de papoulas, da cor dos sacrifícios, da cor de suas regras, e, como o medo não lhe fazia nenhum bem, ela parou de senti-lo.

O que devo fazer com meu xale?

Atire-o no fogo, minha querida. Não precisará dele de novo.

Ela embolou o xale e atirou-o nas chamas, que o consumiram de imediato. Depois passou a camisa por cima da cabeça; seus pequenos seios reluziam como se a neve tivesse invadido a sala.

O que devo fazer com minha camisa?

Para o fogo com ela também, minha cara.

A musselina fina lançou as labaredas até a chaminé como um pássaro mágico e agora caía sua saia, suas meias de lã, seus sapatos, e para o fogo eles foram, também, desaparecendo de vez. A luz do fogo reluzia nas arestas de seu corpo; agora ela estava vestida apenas com seu tegumento intocado de pele. Assim ofuscante, nua, ela penteou seus cabelos com os dedos; seu cabelo parecia branco como a neve lá fora. E então se dirigiu ao homem de olhos vermelhos em cuja juba embaraçada os piolhos se moviam; ela ficou na ponta dos pés e desabotoou o colarinho da camisa dele.

Que braços grandes você tem.

São para te abraçar melhor.

Todos os lobos do mundo agora uivavam um epitalâmio do lado de fora da janela enquanto ela livremente oferecia a ele o beijo que lhe devia.

Que dentes grandes você tem!

Ela viu como sua mandíbula começou a salivar e a sala foi invadida pela Liebestod entoada pela floresta, mas a criança astuta não hesitou, mesmo quando ele respondeu:

São para te comer melhor.

A garota explodiu em risadas; sabia que não era jantar de ninguém. Ela gargalhou bem na cara dele, rasgou sua camisa e atirou-a no fogo, no velório flamejante das suas próprias roupas descartadas. As chamas dançavam como almas mortas na Walpurgisnacht e os ossos da velha debaixo da cama iniciaram um terrível retumbar, mas ela não lhes deu atenção.

Carnívoro encarnado, apenas carne imaculada lhe apetece.

Ela irá pousar a cabeça medonha dele em seu colo e catar os piolhos de seu pelo e talvez ela ponha lêndeas mortas em sua própria boca e coma-as, conforme ele pedir, como ela faria em uma cerimônia selvagem de matrimônio.

A nevasca irá cessar.

ensaios

(n.t.) | Avaz

A ascensão do Monte Ventoso

Francesco Petrarca

O texto: No dia 26 de abril de 1336, o poeta italiano Francesco Petrarca decidiu subir o Monte Ventoso, na França, "para ver o mundo do ponto mais alto desse lugar". O acontecimento foi registrado em uma carta escrita logo depois pelo autor, a qual se considera ser um dos textos fundadores do alpinismo. O que tem início com a subida de uma montanha, torna-se uma viagem pelos meandros de citações de autores antigos, e para o interior de si, em que Petrarca questionará a natureza da verdade, os limites do conhecimento humano e a posição do indivíduo na ordem universal, revelando uma sensibilidade que é também fundadora do Humanismo.

Texto traduzido: Petrarca, Francesco. Epistulae familiares IV, 1 apud Longpré. *Pétrarque: Lettres familières, tome II: Livres IV-VII*. Pierre Laurens (Ed.), Paris: Les Belles Lettres/Classiques de l'Humanisme, 2002.

O autor: Francesco Petrarca (1304-1374) é afamado como o pioneiro do Renascimento Italiano. Erudito e bibliófilo, grafou sua obra em italiano e em latim, de que sua poesia é a parte mais célebre. Foi também prolífero escritor de cartas e prosa filosófica, além de grande admirador dos clássicos da Antiguidade.

O tradutor: Felipe Guarnieri é professor e tradutor do latim. Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, trabalhou com Epistolografia e Retórica latina, tendo publicado artigos e traduções na área, como as *Confissões* de Santo Agostinho (Edipro, no prelo). Atualmente, é professor de Literatura do Ensino Médio no Colégio Pentágono.

Contato: fm.guarnieri@gmail.com

DE ASCENSV MONTIS VENTOSI

"Altissimum regionis huius montem,
quem non immerito Ventosum vocant, ascendi."

FRANCESCO PETRARCA

Ad Dionysium de Burgo Sansepolcri ordinis sancti Augustini et sacre pagine professorem, de curis propiis.

Altissimum regionis huius montem, quem non immerito Ventosum vocant, hodierno die, sola videndi insignem loci altitudinem cupiditate ductus, ascendi. Multis iter hoc annis in animo fuerat; ab infantia enim his in locis, ut nosti, fato res hominum versante, versatus sum; mons autem hic late undique conspectus, fere semper in oculis est.

Cepit impetus tandem aliquando facere quod quotidie faciebam, praecipue postquam relegenti pridie *res Romanas* apud Livium forte ille michi locus occurrerat, ubi Philippus Macedonum rex – is qui cum populo Romano bellum gessit – Haemum montem Thessalicum conscendit, e cuius vertice duo maria videri, Adriaticum et Euxinum, famae crediderat, vere ne an falso satis comperti nichil habeo, quod et mons a nostro orbe semotus et scriptorum dissensio dubiam rem facit. Ne enim cunctos evolvam, Pomponius Mela cosmographus sic esse nichil haesitans refert; Titus Livius falsam famam opinatur; michi si tam prompta montis illius experientia esset quam huius fuit, diu dubium esse non sinerem.

Ceterum, ut illo omisso, ad hunc montem veniam, excusabile visum est in iuvene privato quod in rege sene non carpitur. Sed de sotio cogitanti, mirum dictu, vix amicorum quisquam omni ex parte ydoneus videbatur: adeo etiam inter caros exactissima illa voluntatum omnium morumque concordia rara est. Hic segnior, ille vigilantior; hic tardior, ille celerior; hic maestior, ille laetior; denique hic stultior, prudentior ille quam vellem; huius silentium,

illius procacitas; huius pondus ac pinguedo, illius macies atque imbecillitas terrebat; huius frigida incuriositas, illius ardens occupatio dehortabatur; quae, quamquam gravia, tolerantur domi – omnia enim suffert caritas et nullum pondus recusat amicitia –; verum haec eadem fiunt in itinere graviora. Itaque delicatus animus honestaeque delectationis appetens circumspiciensque librabat singula sine ulla quidem amicitiae laesione, tacitusque quicquid proposito itineri praevidebat molestum fieri posse, damnabat. quid putas? Tandem ad domestica vertor auxilia, germanoque meo unico, minori natu, quem probe nosti, rem aperio. nil poterat laetius audire, gratulatus quod apud me amici simul ac fratris teneat locum.

Statuta die digressi domo, Malausanam venimus ad vesperam; locus est in radicibus montis, versus in boream. Illic unum diem morati, hodie tandem cum singulis famulis montem ascendimus non sine multa difficultate: est enim praerupta et paene inaccessibilis saxosae telluris moles; sed bene a poeta dictum est:

> labor omnia vincit
> improbus.

Dies longa, blandus aer, animorum vigor, corporum robur ac dexteritas et siqua sunt eiusmodi, euntibus aderant; sola nobis obstabat natura loci. Pastorem exactae aetatis inter convexa montis invenimus, qui nos ab ascensu retrahere multis verbis enisus est, dicens se ante annos quinquaginta eodem iuvenilis ardoris impetu supremum in verticem ascendisse, nichilque inde retulisse praeter poenitentiam et laborem, corpusque et amictum lacerum saxis ac vepribus, nec umquam aut ante illud tempus aut postea auditum apud eos quemquam ausum esse similia. Haec illo vociferante, nobis, ut sunt animi iuvenum monitoribus increduli, crescebat ex prohibitione cupiditas. Itaque senex, ubi animadvertit se nequicquam niti, aliquantulum progressus inter rupes, arduum callem digito nobis ostendit, multa monens multaque iam digressis a tergo ingeminans.

Dimisso penes illum siquid vestium aut rei cuiuspiam impedimento esset, soli dumtaxat ascensui accingimur alacresque conscendimus. Sed, ut fere fit, ingentem conatum velox fatigatio subsequitur; non procul inde igitur quadam in rupe subsistimus. Inde iterum digressi provehimur, sed lentius: et praesertim ego montanum iter gressu iam modestiore carpebam, et frater compendiaria quidem via per ipsius iuga montis ad altiora tendebat; ego mollior ad ima vergebam, revocantique et iter rectius designanti respondebam sperare me alterius lateris faciliorem aditum, nec horrere longiorem

viam per quam planius incederem. Hanc excusationem ignaviae praetendebam, aliisque iam excelsa tenentibus, per valles errabam, cum nichilo mitior aliunde pateret accessus, sed et via cresceret et inutilis labor ingravesceret. Interea, cum iam taedio confectum perplexi pigeret erroris, penitus alta petere disposui, cumque operientem fratrem et longo refectum accubitu fessus et anxius attigissem, aliquandiu aequis passibus incessimus. Vixdum collem illum reliqueramus, et ecce prioris anfractus oblitus, iterum ad inferiora deicior, atque iterum peragratis vallibus dum viarum facilem longitudinem sector, in longam difficultatem incido. Differebam nempe ascendendi molestiam, sed ingenio humanae rerum natura non tollitur, nec fieri potest ut corporeum aliquid ad alta descendendo perveniat.

Quid multa? Non sine fratris risu, hoc indignanti michi ter aut amplius intra paucas horas contigit. Sic saepe delusus quadam in valle consedi. illic a corporeis ad incorporea volucri cogitatione transiliens, his aut talibus me ipsum compellabam verbis: “Quod totiens hodie in ascensu montis huius expertus es, id scito et tibi accidere et multis, accedentibus ad beatam vitam; sed idcirco tam facile ab hominibus non perpendi, quod corporis motus in aperto sunt, animorum vero invisibiles et occulti. Equidem vita, quam beatam dicimus, celso loco sita est; arcta, ut aiunt, ad illam ducit via. multi quoque colles intereminent et de virtute in virtutem praeclaris gradibus ambulandum est; in summo finis est omnium et viae terminus ad quem peregrinatio nostra disponitur. Eo pervenire volunt omnes, sed, ut ait Naso,

> velle parum est; cupias, ut re potiaris, oportet.

Tu certe – nisi, ut in multis, in hoc quoque te fallis – non solum vis sed etiam cupis. quid ergo te retinet? Nimirum nichil aliud, nisi per terrenas et infimas voluptates planior et ut prima fronte videtur, expeditior via; verumtamen, ubi multum erraveris, aut sub pondere male dilati laboris ad ipsius te beatae vitae culmen oportet ascendere aut in convallibus peccatorum tuorum segnem procumbere; et si – quod ominari horreo – ibi te tenebrae et umbra mortis invenerint, aeternam noctem in perpetuis cruciatibus agere”.

Haec michi cogitatio incredibile dictu est quantum ad ea quae restabant et animum et corpus erexerit. Atque utinam vel sic animo peragam iter illud, cui diebus et noctibus suspiro, sicut, superatis tandem difficultatibus, hodiernum iter corporeis pedibus peregi! Ac nescio annon longe facilius esse debeat quod per ipsum animum agilem et immortalem sine ullo locali motu

in ictu trepidantis oculi fieri potest, quam quod successu temporis per moribundi et caduci corporis obsequium ac sub gravi membrorum fasce gerendum est.

Collis est omnium supremus, quem silvestres “Filiolum” vocant; cur, ignoro, nisi quod per antiphrasim, ut quaedam alia, dici suspicor: videtur enim vere pater omnium vicinorum montium. illius in vertice planities parva est; illic demum fessi conquievimus. Et quoniam audivisti quaenam ascendentis in pectus ascenderint curae, audi, pater, et reliqua; et unam, precor, horam tuam relegendis unius diei mei actibus tribue.

Primum omnium spiritu quodam aeris insolito et spectaculo liberiore permotus, stupenti similis steti. respicio: nubes erant sub pedibus; iamque michi minus incredibiles facti sunt Athos et Olympus, dum quod de illis audieram et legeram, in minoris famae monte conspicio. Dirigo dehinc oculorum radios ad partes Italicas, quo magis inclinat animus; Alpes ipse rigentes ac nivosae, per quas ferus ille quondam hostis Romani nominis transivit, aceto, si famae credimus, saxa perrumpens, iuxta michi visae sunt, cum tamen magno distent intervallo. Suspiravi, fateor, ad Italicum aerem animo potius quam oculis apparentem, atque inexistimabilis me ardor invasit et amicum et patriam revidendi. ita tamen ut interim in utroque nondum virilis affectus mollitiem increparem, quamvis excusatio utrobique non deforet magnorum testium fulta praesidio.

Occupavit inde animum nova cogitatio atque a locis traduxit ad tempora. dicebam enim ad me ipsum: “Hodie decimus annus completur, ex quo, puerilibus studiis dimissis, Bononia excessisti; et, o Deus immortalis, o immutabilis sapientia, quot et quantas morum tuorum mutationes hoc medium tempus vidit! Infinita praetereo; nondum enim in portu sum, ut securus praeteritarum meminerim procellarum. Tempus forsan veniet, quando eodem quo gesta sunt ordine universa percurram, praefatus illud Augustini tui: ‘Recordari volo transactas foeditates meas et carnales corruptiones animae meae, non quod eas amem, sed ut amem te, Deus meus.’

Michi quidem multum adhuc ambigui molestique negotii superest. Quod amare solebam, iam non amo; mentior: amo, sed parcius; iterum ecce mentitus sum: amo, sed verecundius, sed tristius; iamtandem verum dixi. Sic est enim; amo, sed quod non amare amem, quod odisse cupiam; amo tamen, sed invitus, sed coactus, sed maestus et lugens. Et in me ipso versiculi illius famosissimi sententiam miser experior:

> odero, si potero; si non, invitus amabo.

Nondum michi tertius annus effluxit, ex quo voluntas illa perversa et nequam, quae me totum habebat et in aula cordis mei sola sine contradictore regnabat, coepit aliam habere rebellem et reluctantem sibi, inter quas iamdudum in campis cogitationum mearum de utriusque hominis imperio laboriosissima et anceps etiam nunc pugna conseritur." Sic per exactum decennium cogitatione volvebar.

Hinc iam curas meas in anteriora mittebam, et quaerebam ex me ipse: "Si tibi forte contingeret per alia duo lustra volatilem hanc vitam producere, tantumque pro rata temporis ad virtutem accedere quantum hoc biennio, per congressum novae contra veterem voluntatis, ab obstinatione pristina recessisti, nonne tunc posses, etsi non certus at saltem sperans, quadragesimo aetatis anno mortem oppetere et illud residuum vitae in senium abeuntis aequa mente negligere?"

Haec atque his similes cogitationes in pectore meo recursabant, pater. De provectu meo gaudebam, imperfectum meum flebam et mutabilitatem communem humanorum actuum miserabar; et quem in locum, quam ob causam venissem, quodammodo videbar oblitus, donec, ut omissis curis, quibus alter locus esset opportunior, respicerem et viderem quae visurus adveneram – instare enim tempus abeundi, quod inclinaret iam sol et umbra montis excresceret, admonitus et velut expergefactus –, verto me in tergum, ad occidentem respiciens.

Limes ille Galliarum et Hispaniae, Pirenaeus vertex, inde non cernitur, nullius quem sciam obicis interventu, sed sola fragilitate mortalis visus; Lugdunensis autem provinciae montes ad dexteram, ad laevam vero Massiliae fretum et quod Aquas Mortuas verberat, aliquot dierum spatio distantia, praeclarissime videbantur; Rhodanus ipse sub oculis nostris erat. Quae dum mirarer singula et nunc terrenum aliquid saperem, nunc exemplo corporis animum ad altiora subveherem, visum est michi *Confessionum* Augustini librum, caritatis tuae munus, inspicere; quem et conditoris et donatoris in memoriam servo habeoque semper in manibus: pugillare opusculum, perexigui voluminis sed infinitae dulcedinis. aperio, lecturus quicquid occurreret; quid enim nisi pium et devotum posset occurrere? Forte autem decimus illius operis liber oblatus est. frater expectans per os meum ab Augustino aliquid audire, intentis auribus stabat. Deum testor ipsumque qui aderat, quod ubi primum defixi oculos, scriptum erat: "Et eunt homines admirari alta montium et ingentes fluctus maris et latissimos lapsus fluminum et oceani ambitum et giros siderum, et relinquunt se ipsos."

Obstupui, fateor; audiendique avidum fratrem rogans ne michi molestus esset, librum clausi, iratus michimet quod nunc etiam terrestria mirarer, qui iampridem ab ipsis gentium philosophis discere debuissem nichil praeter animum esse mirabile, cui magno nichil est magnum.

Tunc vero montem satis vidisse contentus, in me ipsum interiores oculos reflexi, et ex illa hora non fuit qui me loquentem audiret donec ad ima pervenimus; satis michi taciti negotii verbum illud attulerat. Nec opinari poteram id fortuito contigisse, sed quicquid ibi legeram, michi et non alteri dictum rebar; recolens quod idem de se ipso suspicatus olim esset Augustinus, quando in lectione codicis Apostolici, ut ipse refert, primum sibi illud occurrit: “Non in comissationibus et ebrietatibus, non in cubilibus et impudicitiis, non in contentione et aemulatione; sed induite dominum Iesum Christum, et carnis providentiam ne feceritis in concupiscentiis vestris”.

Quod iam ante Antonio acciderat, quando audito Evangelio ubi scriptum est: “Si vis perfectus esse, vade et vende omnia tua quaecumque habes et da pauperibus, et veni et sequere me et habebis thesaurum in caelis”, veluti propter se haec esse scriptura recitata, ut scriptor rerum eius Athanasius ait, ad se dominicum traxit imperium. Et sicut Antonius, his auditis, aliud non quaesivit, et sicut Augustinus, his lectis, ulterius non processit, sic et michi in paucis verbis quae praemisi, totius lectionis terminus fuit, in silentio cogitanti quanta mortalibus consilii esset inopia, qui, nobilissima sui parte neglecta, diffundantur in plurima et inanibus spectaculis evanescant, quod intus inveniri poterat, quaerentes extrinsecus; admirantique nobilitatem animi nostri, nisi sponte degenerans ab originis suae primordiis aberrasset, et quae sibi dederat in honorem Deus, ipse in opprobrium convertisset.

Quotiens, putas, illo die, rediens et in tergum versus, cacumen montis aspexi! Et vix unius cubiti altitudo visa est prae altitudine contemplationis humanae, siquis eam non in lutum terrenae foeditatis immergeret. Illud quoque per singulos passus occurrebat: si tantum sudoris ac laboris, ut corpus caelo paululum proximius fieret, subire non piguit, quae crux, quis carcer, quis equuleus deberet terrere animum appropinquantem Deo, turgidumque cacumen insolentiae et mortalia fata calcantem? Et hoc quotocuique accidet, ut ab hac semita, vel durarum metu rerum vel mollium cupidine, non divertat? O nimium felix! Siquis usquam est, de illo sensisse arbitrer poetam:

> felix qui potuit rerum cognoscere causas
> atque metus omnes et inexorabile fatum
> subiecit pedibus strepitumque Acherontis avari!

O quanto studio laborandum esset, non ut altiorem terram, sed ut elatos terrenis impulsibus appetitus sub pedibus haberemus!

Hos inter undosi pectoris motus, sine sensu scrupulosi tramitis, ad illud hospitiolum rusticum unde ante lucem moveram, profunda nocte remeavi, et luna pernox gratum obsequium praestabat euntibus. Interim ergo, dum famulos apparandae cenae studium exercet, solus ego in partem domus abditam perrexi, haec tibi, raptim et ex tempore, scripturus; ne, si distulissem, pro varietate locorum mutatis forsan affectibus, scribendi propositum deferveret.

Vide itaque, pater amantissime, quam nichil in me oculis tuis occultum velim, qui tibi nedum universam vitam meam sed cogitatus singulos tam diligenter aperio; pro quibus ora, quaeso, ut tandiu vagi et instabiles aliquando subsistant, et inutiliter per multa iactati, ad unum, bonum, verum, certum, stabile se convertant. Vale.

VI Kal. Maias Malausanae MCCCXXXVI.

A ASCENSÃO DO MONTE VENTOSO[1]

"Subi o monte mais alto de nossa região,
esse que chamam, não por menos, de Ventoso."

FRANCESCO PETRARCA

A Francesco Dionigi, da cidade de Sansepolcro, da Ordem de Santo Agostinho
e professor das Escrituras[2], sobre minhas angústias.

No dia de hoje, levado unicamente pelo desejo de ver o mundo do ponto mais alto desse lugar, subi o monte mais alto de nossa região, esse que chamam, não por menos, de Ventoso[3]. Eu tinha essa jornada em mente há muitos anos; tu sabes que eu moro aqui desde a minha infância, tendo sido jogado aqui pelo destino que cabe ao que é humano. Por isso, o monte colocava-se larga e amplamente à minha vista, quase que fixo e imenso ante os meus olhos.

Ao fim e ao cabo, decidi fazer algo que me impelia há muito; tanto mais porque, ao reler ontem a *História Romana* de Tito Lívio, encontrei por acaso a passagem em que Filipe, o rei da Macedônia, contra quem o povo romano

---

[1] A presente missiva faz parte das *Cartas aos amigos* de Petrarca, coletadas ainda enquanto este estava vivo (a saber, *Epistolae familiares* IV,1). Nossa tradução baseia-se na edição francesa completa da epistolografia do autor, preparada em 10 volumes por André Longpré e Pierre Laurens, particularmente *Pétrarque: Lettres familières, tome II: Livres IV-VII*, Paris: Les Belles Lettres/Classiques de l'Humanisme, 2002, p. 19-34; cotejamos também as traduções para o alemão de Kurt Steinmann em *Francesco Petrarca: Die Besteigung des Mont Ventoux*, Stuttgart: Reclam, 1995, e para o inglês de James Harvey em *Petrarch: The First Modern Scholar and Man of Letters,* Nova York: G. P. Putnam, 1898. (n.t.)

[2] Francesco Dionigi de Robertis (1280-1342), o destinatário desta carta, lecionou durante muitos anos teologia e filosofia na Sorbonne, em Paris, cidade em que Petrarca o conheceu, provavelmente em 1333, aos 29 anos, quando lá estudava. No ano de 1336, Dionigi, já aposentado, residia em um monastério em Sansepolcro, pequeno vilarejo na região da Toscana, na Itália. (n.t.)

[3] O Monte Ventoso ou Ventor (em francês, *Mount Ventoux*), é um pico com cerca de 2 km entre os Alpes Ocidentais, e que se situa no departamento francês de Vaucluse, próximo à cidade de Malaucena, na região de Provença-Alpes-Costa Azul. Também chamado de *le Géant* e *le mont Chauve*, sua fama hoje se dá por ser paragem decisiva no Tour de France. (n.t.)

havia guerreado, sobe o monte Hemo na Tessália, de cujo ápice, dizia a lenda, podemos ver dois mares, o Adriático e o Negro (se isso é verdadeiro ou falso, não tenho certeza absoluta, pois o monte fica longe daqui, e os autores também discordam entre si, tornando a coisa duvidosa; para que eu não cite todos eles, cabe dizer que foi o cosmógrafo Pompônio Mela quem não hesitou em contar a história[4]; Tito Lívio pensa que a lenda é falsa[5]; a mim, se a experiência daquele monte fosse tão contundente quanto a desse, não me restariam dúvidas sobre o caso).

De resto, deixando isso de lado, e aqui volto ao monte que discutíamos, considerei que não havia problemas em um jovem súdito fazer algo que não se dá a um velho rei. No entanto, quando me pus a pensar em um companheiro para a minha viagem, acabei concluindo, por mais estranho que pareça, que eu quase não tinha, em lugar nenhum, amigos adequados para a minha jornada; ora, como é rara uma harmonia total de mesmos objetivos e valores entre pessoas que se amam! Um era muito velho, o outro muito jovem; um era muito lento, o outro muito apressado; um era muito sério, o outro muito otimista; enfim, um era muito tolo e o outro mais esperto do que eu queria; de um havia o silêncio, de outro, a tagarelice; de um me deixava perplexo a força e o peso, do outro, a magreza e a debilidade; de um me desencorajava a frieza, o desinteresse, do outro, uma curiosidade ardente demais; diferenças que, embora graves, são aceitas em casa — ora, o amor tudo suporta e a amizade não afasta nenhuma desmedida —, mas que se tornam, no meio de uma viagem, muito mais sérias. Eu estava ansioso, sedento por um prazer desempedido; olhava a meu redor com bastante atenção, colocando na balança cada um dos meus amigos e, sem cometer qualquer falta de amizade, ia condenando silenciosamente qualquer característica que pudesse atrapalhar a viagem proposta. Acreditas? Acabei me rendendo ao socorro de casa: contei tudo a meu irmão mais novo, a quem tu conheces bem[6]. Nunca o vi mais entusiasmado, muito feliz por eu o considerar, ao mesmo tempo, um amigo e um irmão.

Combinado o dia, saímos de casa, chegando a Malaucena à tarde. Esse é um vilarejo que fica ao pé da montanha, de face ao norte. Lá ficamos apenas um dia, e hoje, acompanhados somente por dois servos, acabamos por subir o monte. Mas que dificuldade! A montanha é uma massa rochosa, acidentada, quase inacessível. Porém, como o poeta bem falou:

---

[4] Pompônio Mela, *De chorographia* 2, 17. (n.t.)

[5] Tito Lívio, *Ab urbe condita* 40, 21-22. (n.t.)

[6] Gherardo Petrarca (1307- ?), irmão mais novo de Francesco, vivia então no monastério de Notre-Dame em Méounes-les-Montrieux, perto de Marselha. (n.t.)

tudo o ímprobo esforço,
tudo vence.
(Virgílio, Geórgicas 1,145-146)

Sol a pino, clima agradável, ânimo disposto, corpo forte e vívido, e usando qualquer outra coisa que pudesse nos ajudar; nosso único obstáculo era a brutalidade do lugar. Foi então que encontramos, no pé do monte, um pastor muito velho, que não parava de reclamar para que desistíssemos da subida, alegando que ele havia, já fazia cinquenta anos, tomado essa mesma vontade juvenil, e possuído por esse ímpeto, subiu até o cume mais alto; disse ele que nenhum prêmio disso ganhara além de tormento e fadiga, de ver seu corpo arranhado, sua roupa rasgada pelas rochas e espinhos; que ele nunca havia ouvido falar, antes ou depois de sua vez, de qualquer homem que tentou algo parecido por lá[7]. Enquanto ele ralhava, em nós crescia — como sói aos espíritos jovens, descrentes de quem os adverte — nosso desejo, justamente por causa de suas reclamações. Assim, quando o velho percebeu que de nada valiam suas queixas, andejou em direção das pedras, apontando para nós o árduo caminho com o dedo, advertindo-nos aos gritos. E ele continuou a berrar por nossas costas, mesmo quando já havíamos partido.

Deixamos com ele qualquer equipamento ou coisa que pudesse nos atrapalhar, e assim, lançamo-nos à subida sozinhos, começando a passos largos. Entretanto — isso sempre acontece... —, o cansaço logo alcança quem começa de uma vez, e não demorou muito até pararmos em um rochedo. Daí seguimos o caminho com mais vagar, sobretudo eu, que já tomava a jornada montanhosa com mais cautela. Enquanto meu irmão havia escolhido um caminho reto, subindo a ladeira, sob o jugo desse monte, eu procurava um caminho mais fácil, que na verdade descia. Quando ele me chamava, apontando o caminho certo, eu respondia que esperava encontrar, do outro lado, um caminho melhor, e que não haveria problema se esse fosse mais longo, contanto que menos íngreme. Essa era só uma desculpa para minha preguiça: enquanto outros já chegavam em partes mais altas, eu continuava a errar pelos vales; eu não havia conseguido encontrar uma trilha que era mais fácil: esta só havia deixado a jornada mais longa e difícil. Enfim, já abatido pelo cansaço, vagando a esmo, eu resolvi então escalar de uma vez. Ainda que eu estivesse exausto e ansioso, consegui alcançar meu irmão, que já havia descansado e me aguardava há muito, e daí continuamos a subir com quase o

[7] Embora Petrarca afirme, por meio desta personagem, que ninguém escalava a montanha fazia cinquenta anos, sabe-se que o filósofo francês Jean Buridan (1292-1363) havia empreendido a subida do Ventoso no ano de 1334 (dois anos antes do italiano, portanto) em seu caminho para visitar o anti-papa em Avignon. (n.t.)

mesmo ritmo. Mas, mal havíamos deixado aquele morro, e eis que eu, tendo já esquecido da sinuosidade do caminho que havia tomado, comecei a descer de novo e, na busca de uma caminhada dócil por vales antes percorridos, me deparei com um grande problema. O que eu queria era, simplesmente, evitar a dificuldade da subida, mas é certo que nenhum intento humano pode mudar a natureza das coisas, tampouco pode acontecer de qualquer corpo material alcançar o alto por uma descida.

E aí? Para a diversão de meu irmão e para minha vergonha, repeti o mesmo erro três ou mais vezes, em poucas horas. E foi assim, quase desvirtuado, que eu finalmente me sentei em um vale próximo. Lá, enquanto refletia sobre o que é corpóreo e o que é incorpóreo — como o pensamento sem perturbações voa! —, pensava comigo mesmo (talvez não com essas palavras): "O que você vivenciou hoje, tantas vezes ao subir esta montanha, saiba que isso acontece tanto com você quanto com muitos que partem em busca da felicidade. Mas não é assim, de imediato, que os homens percebem sua dificuldade; sim, os motivos do corpo são evidentes, mas aqueles do espírito são invisíveis e ocultos. Sim, a vida que falamos ser 'feliz' deve ser buscada na altura dos céus, mas o caminho que nos leva até ela é, dizem, estreito. Muitos são os morros que se colocam durante a jornada; devemos subir, de virtude em virtude, como em uma escada gloriosa; no ápice está o fim de toda nossa luta, o ponto final da vida, o destino da nossa jornada. Todos querem chegar lá, mas, como diz Ovídio:

> Pouco é querer: se queres ter, sói cobiçar.
> *(Ovídio, Ex Ponto 3,1,35)*

Claro que você — a não ser que você esteja mais uma vez enganado, como já aconteceu antes — não apenas quer, mas também *deseja* que isso aconteça. O que pode lhe impedir, então? Nada, nada e nada, exceto a trilha errante dos prazeres mais mundanos e baixos, que parece, à primeira vista, mais fácil e imediata. Seja como for, e independente da trilha a ser tomada, no fim das contas você deverá ou subir até o ápice da sua própria felicidade, sob o fardo de uma missão, uma estupidez, deixada de lado, ou afundar nos vales fundos dos seus pecados, e se aqui — isso me dá terríveis arrepios — as trevas e a sombra da morte vierem a lhe descobrir, você acabará passando a noite eterna em perpétua tortura".

Incrível admitir que essa reflexão acabou por estimular tanto meu espírito quanto meu corpo para que eu enfrentasse os desafios que restavam. Ah, se eu pudesse com todo o meu espírito percorrer o caminho a que anseio dia e

noite, percorrê-lo da mesma maneira que eu percorri esse caminho de hoje com os pés do meu corpo, vencendo todas as dificuldades! Sim, eu não sei por que não deveria ser muito mais fácil algo que nós podemos realizar em uma piscada de olhos com a nossa imaginação, ágil e imortal, sem precisar nos movimentar fisicamente, ainda mais se o compararmos a uma jornada que precisou ser empreendida com recurso a um corpo frágil e caduco, refém do peso da carne e do osso.

Há um morro que se sobressai a todos os outros, que os nativos daqui chamam de "Filhinho"[8]; o porquê, eu não sei (a não ser que seja uma antífrase, como eu suspeitei em outras ocasiões; na verdade, ele parece ser o pai de todas as montanhas). Em seu topo há uma pequena planície; lá, finalmente pudemos, exaustos, descansar. Agora, já que tu ouviste os anseios que irrompiam no peito de mim que subia, escuta, meu mestre, o resto da história, e oferece-me um pouco do teu tempo, por favor, para que eu relembre as minhas experiências desse dia.

A princípio, diante de uma liberdade que havia no ar e da visão espetacular que se abria ante meus olhos, eu fiquei atônito, e parei. Olhava ao meu redor: havia nuvens sob meus pés, e a mim não parecia mais tão incrível acreditar no Atos e no Olimpo: eu mesmo testemunhava, em um monte menos célebre, tudo o que havia ouvido e lido sobre eles. Aí voltei as pupilas de meus olhos para a Itália, onde mora o meu verdadeiro coração. Os Alpes, escarpados e nevosos, por onde aquele terrível inimigo da glória de Roma outrora atravessara irrompendo o áspero rochedo com azeite (se cabe acreditar nessa história)[9]; os próprios Alpes pareciam estar logo a meu alcance, ainda que estivessem, na verdade, a uma longa distância de mim. Eu ansiava, confesso, pelos ares da Itália, que eu sentia antes no espírito que pelos sentidos; eu era invadido por uma saudade imensa dos meus amigos, de rever a minha terra, e ao mesmo tempo eu me censurava por essa vontade, sinal, a meu ver, de uma alma fraca, ainda intocada pela resistência varonil. Ainda assim, não me faltariam, para minhas saudades, justificativas, sustentadas por inúmeros autores de renome.

Foi aí que uma nova ideia ocupou minha alma, tirando a minha atenção do espaço, movendo-a para o tempo. Ora, eu falava com meus botões: "Hoje faz dez anos desde que eu deixei Bolonha, dez anos que eu completei meus estudos universitários. Ó Deus imortal! Ó imutável Sabedoria, quantas, quão

[8] O monte "Filhinho", em latim *Filiolus*, é como os nativos de Malaucena chamavam, segundo Petrarca, o pico do Monte Ventoso. Não há menção a esta alcunha noutra parte da literatura. (n.t.)

[9] Alusão a Aníbal (247-181/183 a. C.), general que liderou o exército cartaginense contra Roma durante a II Guerra Púnica (218-204 a. C.). (n.t.)

grandes mudanças presenciei ante teu rosto em tão pouco tempo! E deixo de falar de tantas coisas! Ainda não estou em um porto seguro onde eu possa recordar tranquilo as tempestades já passadas. Chegará o dia em que eu poderei percorrer toda a história do universo na exata ordem em que cada coisa aconteceu, deixando que o teu Agostinho fale por mim: 'Quero me lembrar das baixezas que eu cometi e as corrupções da carne da minha alma: não para que eu as ame, mas para que eu ame a ti, meu Deus' *(Santo Agostinho, Confissões 2,1,1)*.

Sim, em mim ainda restam muitas dúvidas, muita maldade. Ainda não amo o que deveria amar; minto: amo, mas pouco; minto novamente: amo, mas com vergonha, com tristeza; finalmente admito a verdade. Assim que é: amo o que amaria não amar, o que desejaria odiar; sim, eu ainda amo, mesmo contrariado, mesmo forçado, mesmo infeliz e desolado. Mas eu conseguia sentir, do fundo do meu coração, a angústia resignada daquele versinho, muito famoso:

> Odeio, se puder; senão, amo em revolta.
> *(Ovídio, Amores 3,11,35)*

Nem três anos haviam passado desde que essa paixão perversa e nefasta, esse prazer carnal que me tomava de súbito, o rei inconteste do templo de meu coração — que essa paixão acabou descobrindo que tinha um adversário rebelde, desobediente; entre o espírito e a carne até hoje se trava, nos campos de batalha de meus pensamentos, luta duríssima e incerta, em busca do domínio do meu eu". Essas ideais pesaram sobre mim durante dez anos exatos.

Daí eu já vivia com minha cabeça no futuro, aflito, perguntando a mim mesmo: "Se a você for dado prolongar essa vida, leve como ar, por mais dez anos, e assim puder avançar em direção à virtude, em um período de tempo igual a esses dois anos em que você deixou, até agora, uma obstinação caduca pelo embate de uma nova paixão contra uma antiga... Afinal, você não conseguiria, no auge dos quarenta anos, encarar, se não com firmeza, ao menos com esperança, a morte? E ser complacente, com o espírito tranquilo, ao pouco resto de vida que é como fumaça sobre a terra?"

Esses e outros pensamentos deixavam meu coração pesado, mestre. Eu estava alegre de ter progredido, mas lamentava meus defeitos, e me condoía da natureza instável das coisas humanas; eu parecia ter, de algum modo, esquecido qual era o meu lugar, por que eu havia chegado até aqui. Foi então

que eu consegui vencer os meus medos, que seriam mais oportunos em outra ocasião, e resolvi olhar a meu redor, e vi o que eu havia vindo para ver — já era hora de partir; o sol já se punha, e as sombras do monte se avolumavam —; acordei de repente, agitado, e me virei, pousando meus olhos no oeste.

Fronteira entre a França e a Espanha, o topo dos Pirineus ainda não se deixava ver (não por haver alguma coisa que impedisse, mas puramente pela insuficiência da visão humana); apareciam, com todo esplendor, as montanhas das províncias de Lyon à direita e, à esquerda, a baía de Marselha golpeava a cidade de Aigues-Mortes, lugares que distam dias uns dos outros. O próprio Reno corria sob nossos olhos. Enquanto eu contemplava cada montanha, ora admirando algo físico, do mundo material, ora elevando, a exemplo de meu corpo, minha alma às alturas, decidi pegar e ler as *Confissões* de Agostinho, um presente carinhoso de ti, obra que tenho sempre em mãos, em louvor tanto ao autor quanto ao donatário. Abri o livrinho, pequenino em tamanho, mas infinito em ternura. Abri com o intuito de ler qualquer coisa que aparecesse; ora, poderia aparecer nele algo que não fosse de suma fé e devoção? Foi o destino que me fez abrir o livro justamente no décimo capítulo. Meu irmão, esperando escutar alguma coisa de Agostinho dos meus lábios, ficou parado, prestando atenção. Atesto por Deus, e por ele que estava comigo, que nessa parte, onde tão logo deitei meus olhos, estava escrito: "E vão os homens admirar os cumes das montanhas, e as enormes ondas do mar, e as profundas correntezas dos rios, e a imensidão dos oceanos, e o giro dos astros, mas abandonam a si mesmos" *(Santo Agostinho, Confissões 10,8,15)*.

Confesso que estremeci. Pedindo a meu irmão, impaciente por escutar mais, para não insistir, fechei o livro, irritado comigo mesmo de ainda estar admirando as coisas materiais, eu mesmo, que já deveria ter aprendido, há muito tempo, e mesmo dos filósofos pagãos, que não há nada digno de admiração além da alma — que nada é maior que a grande alma.

Em verdade, eu já estava satisfeito — havia visto o suficiente daquela montanha —, e então voltei os olhos da minha alma para dentro de mim; a partir daquele momento não houve uma pessoa sequer que me escutou falar até que descêssemos até o chão. Aquelas palavras haviam me dado, mesmo silenciosas, muito o que pensar. Eu não podia aceitar que aquilo tenha sido uma coincidência; não, eu estava convicto de que as palavras que li haviam sido escritas para mim, para mais ninguém, lembrando também que Agostinho havia, na sua época, suspeitado a mesma coisa de si quando, ao ler o livro do Apóstolo, como ele próprio nos conta, a primeira passagem que ele encontrou foi: "Não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e

depravação, não em desavença e inveja; pelo contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne" *(Rom 13:13-14)*. E a mesma coisa aconteceu antes a Antão [do Deserto], quando este escutou o Evangelho, onde está escrito: "Se tu queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá o dinheiro aos pobres, e tu terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me" *(Mt 19:21)*, palavras que o fizeram decidir, como se a Escritura tivesse sido declamada unicamente para seu bem, a lançar-se na busca pelo Reino dos Céus (seu biógrafo, Atanásio[10], é quem o diz).

Assim como Antão deixou qualquer outro objetivo de lado após ter escutado essas palavras, e assim como Agostinho não foi além após ter lido o Apóstolo, eu também interrompi a minha leitura na breve passagem que citei acima, pensando em silêncio quão grande é a indecisão de nós, homens fadados à morte, que ignoramos a mais nobre de nossas partes, desperdiçando a vida em diversas empreitadas, entregando-nos a entretenimento frívolo, nós que teimamos em buscar lá fora algo que encontraremos somente em nosso coração interior. Eu admirava a nobreza que é própria da nossa alma, exceto quando ela acaba se tornando, pela própria e livre vontade, corrupta, apartando-se do seu estado de origem, isto é, quando o próprio homem desperdiça a alma preciosa que Deus lhe deu.

Pensa só quantas vezes eu olhei para trás, virando as costas para fitar o topo da montanha! E eis que ele parecia não ter mais do que poucos metros de altura quando comparado à grandeza da contemplação humana, isso se o homem não afundar sua potência na lama imunda do mundo material! Era essa minha resolução a cada passo dado: se tivermos forças para não esmorecer diante de tanto suor e sofrimento que suportamos para que nosso corpo se aproxime ainda que um pouquinho do céu, então que cruz, que prisão, que tortura poderia pôr medo à alma que anseia a Deus, ela que pisoteia, determinada, o topo do orgulho e o destino da morte? Mais que isso, a quantos não acontece de desviarem do rumo de suas vidas, pelo temor do que é mais difícil, ou pela preguiça do que é mais fácil? Como são imensamente felizes os homens que não têm medo, se é que eles existem! Eram eles que o Poeta tinha em mente, acho eu, quando disse:

[10] Atanásio de Alexandria (296/298-373), autor de uma biografia de Santo Antão. Importante salientar que Santo Agostinho também narra a história de Antão do Deserto nas *Confissões* 8,6,14-15, provavelmente esta a fonte de Petrarca. (n.t.)

Feliz quem pôde conhecer as causas,
vãos medos pisa e o fado inexorável,
dos estrondos zomba do Aqueronte avaro!
(Virgílio, Geórgicas 2,490-492)

Com quanta dedicação devemos nos esforçar, não, não para alcançar a mais alta das montanhas, mas sim para colocarmos todo desejo que surge de impulsos terrenos sob os nossos pés!

No meio do turbilhão que dominava meu eu, sem ter ideia das dificuldades que encontraria no caminho, acabei voltando, já muito depois de anoitecer, mas com a lua cheia nos acompanhando, viajantes na escuridão afora, até aquela mesma estalagem rústica em que tínhamos parado cedo de manhã. Sendo assim, enquanto os servos se ocupavam de preparar o jantar, eu me afastei, sozinho, para um quarto isolado do prédio, para que eu pudesse, com avidez e de imediato, te escrever essa carta; dessa forma, o propósito que eu tinha não poderia me abandonar, mesmo se eu acabasse por me distrair, ou por mudar de humor se ficasse trocando de lugar.

Assim tu verás, mestre muito querido, que eu não quero esconder dos teus olhos nada de mim; é com muito cuidado que eu te revelo não só a minha vida como um todo, mas cada um das minhas reflexões individuais. E eu te peço: reza para que esses meus pensamentos, ainda errantes e instáveis, venham a encontrar firmeza, e, oscilantes de interesse a interesse em vão, acabem por fim se direcionando ao que é singular, bom, verdadeiro, certo e estável. Adeus.

Malaucena, 26 de abril de 1336[11].

[11] Embora Petrarca grafe esta data na carta, alguns historiadores, como Giuseppe Billanovich e Hans Baron, defenderam que este texto foi escrito, ou ao menos parcialmente reescrito, muitos anos depois, em 1352 ou 1353. (n.t.)

memória

(n.t.) | Pasárgada

Diário da Prisão
Hồ Chí Minh

O texto: Os *diários de prisão* de Hồ Chí Minh traduzem não só a filosofia de seu comportamento, mas também do povo vietnamita, que ele simboliza. Datam do período em que esteve nas prisões do Kuomintang, quando, em 1942, foi detido por articular a resistência contra os invasores japoneses do Vietnã. Como preso político, passou por várias prisões e torturas, sendo ora dependurado pelas pernas ao teto de um junco ou amarrado como frango no espeto, o pau-de-arara chinês. Seus relatos retratam os momentos de cárcere de sua vida, dando forma a uma poesia de testemunho e protesto, carregada de humanismo. Escreveu os poemas em chinês clássico e não em Quốc Ngữ, o idioma vietnamita, para evitar que sua nacionalidade fosse descoberta, identificando-se como um jornalista chinês que vivia na Indochina. Seus *diários* constituem um depoimento autobiográfico que mostra o valor da independência e da dignidade, cujos versos conduziram o povo do Vietnã ao caminho da liberdade.

Fontes consultadas: Minh, Hồ Chí. *Poemas do Cárcere*. Trad. de Coema Simões e Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert S.A, 1968; *Nhật Ký Trong Tù*/獄中日記. Hanoi: Nhà Xuất Bản Văn Học, 2017.

O autor: Hồ Chí Minh (1890-1969) foi um revolucionário comunista e estadista vietnamita, nascido com o nome de Nguyễn Sinh Cung. Viveu em uma época quando o Vietnã ainda fazia parte da Indochina Francesa. Em 1930, ajudou a organizar o Partido Comunista do Vietnã para lutar pela independência de seu país. Por volta de 1940, começou a utilizar o pseudônimo de Ho Chi Minh, que significa "aquele que ilumina", para evitar perseguições. Lutou durante a 2ª Guerra, sendo mantido prisioneiro, época em que escreve seus poemas do cárcere. Declarou a independência do Vietnã em setembro de 1945, tornando-se presidente do Vietnã do Norte. Venceu a 1ª Guerra da Indochina em 1954, derrotando o exército francês que havia ocupado o Sul, e apoiou a rebelião comunista em 1959, que deu início à Guerra do Vietnã, durante a qual veio a falecer, em 1969.

Os tradutores: Coema Simões e Moniz Bandeira traduziram os *Poemas do Cárcere* (título da edição brasileira publicada em 1968 pela extinta editora carioca Laemmert) a partir da versão francesa *Carnet de prison*, traduzida por Phan Nhuam, em 1963. A tradução dos originais em chinês para o vietnamita foi feita por Nam Trân.

獄中日記

"身体在獄中
精神在獄外"

胡志明

獄中日記

身体在獄中
精神在獄外
欲成大事業
精神更要大

開卷

老夫原不愛吟詩
因為囚中無所為
聊借吟詩消永日
且吟且待自由時

各報:歡迎威基大會
(tiếng Trung)

同是中國友
同是要赴渝
君為坐上客
我為階下囚
同是代表也
待遇胡懸殊
人情分冷熱
自古水東流

警兵担猪同行

警士担猪同路走
猪由人担我人牽
人而反賤於猪仔
因為人無自主權

世 上千辛和萬苦
莫 如失却自由權
一言一 動不自主
如牛如馬任人牽

禁烟 紙烟的

烟禁 此間很厲害
你烟 繳入他 烟 包
當然他可吹 烟 斗
你 若 吹 烟 罰手鐐
他 ： 獄 丁 也

難友的紙被

舊卷新書相補綴
紙毡猶煖過無毡
玉床錦帳人知否
獄裡許多人不眠

分水

每人分得水半盆
洗面烹茶各随便
誰要洗面勿烹茶
誰要烹茶勿洗面

晚

晚餐吃了日西沉
處處山歌與樂音
幽暗靖西禁閉室
忽成美術小翰林

暮

倦鳥歸林尋宿樹
孤雲慢慢度天空
山村少女磨包粟
包粟磨完炉 已烘

囚粮

每餐一碗紅米飯
無盐無菜又無湯
有人送飯吃得飽
没人送飯喊爺娘

綁

脛臂長龍環繞著
宛如外國武勳官
勳官的是金緦線
我的麻繩一大端

賭

民間賭博被官拉
獄 裡賭博可公開
被拉賭犯常嗟悔
何不先到這裡來

夜冷

秋深無褥亦無毡
縮脛弓腰不可眠
月照庭蕉增冷氣
窺窗北斗已横天

夜宿龍泉

白天雙馬不停蹄
夜晚嘗嘗五味雞
虱冷乘機來夾擊
隔鄰欣聽曉鶯啼

往南寧

銕繩硬替麻繩軟
步步叮噹環珮聲
雖是嫌疑間諜犯
儀容却像舊公卿

世路難

走遍高山與峻岩
那知平路更難堪
高山遇虎終無恙
平路逢人却被監

余原代表越南民
擬到中华見要人
無奈風波平地起
送余入獄作嘉賓

忠誠我本無心疚
却被嫌疑做漢奸
處世原來非易易
而今處世更難難

癩瘡

滿身紅綠如穿錦
成日撈搔似鼓琴
川錦囚中都貴客
鼓琴难友盡知音

黃昏

風如利劍磨山石
寒似尖鋒刺樹枝
遠寺鐘聲催客步
牧童吹笛引牛歸

學奕棋

閑坐無聊學奕棋
千兵萬馬卩驅馳
進攻退守應神速
高才疾足先得之

眼光應大心應細
堅决時時要進攻
錯路雙車也没用
逢時一卒可成功

雙方勢力本平均
勝利终須屬一人
攻守運籌無漏著
才稱英勇大將軍

睡不着

一更二更又三更
輾轉徘徊睡不成
四五更時才合眼
梦魂環繞五尖星

獄丁窃我之士的

一生正直又坚强
携手同行幾雪霜
恨彼奸人離我俩
長胶我你各凄凉

初到天保獄

日 行五十 三 公里
濕盡衣冠破盡鞋
徹夜又無安睡處
廁坑上坐待朝來

望月

獄中 無酒亦無花
對此良宵奈若何
人向窗前看明月
月從窗隙看詩家

聞舂米聲

米 被 舂 時很痛苦
既 舂 之後白如綿
人 生在世也這樣
困 難是你玉成天

難友吹笛

獄中 忽聽思鄉曲
聲轉淒涼調轉愁
千里關河無限感
閨人更上一層樓

落了一隻牙

你的心情硬且剛
不如老舋軟而長
從來與你同甘苦
現在東西各一方

獄中生活

每人各有一火炉
大大小小幾個鍋
煮飯煮茶又煮采
成天煙火没時無

中 秋

中 秋秋月圓如鏡
照耀人間白似銀
家裡团圓吃秋節
不忘 獄 裡吃愁人

獄中 人也賞 中 秋
秋月秋風帶点愁
不得自由賞秋月
心随秋月 节悠悠

自勉

没有冬寒憔悴景
將無春暖的輝煌
災殃把我來鍛鍊
使我精神更健強

入靖西縣獄

獄中舊犯迎新犯
天上晴雲逐雨雲
晴雨浮雲飛去了
獄中留住自由人

難友之妻探監

君在铁窗裡
妾在铁窗前
相近在咫尺
相隔似天渊

口不能說的
只賴眼傳言
未言淚已滿
情景真可憐

NHẬT KÝ TRONG TÙ

"Thân thể ở trong lao,
Tinh thần ở ngoài lao."

HỒ CHÍ MINH

Nhật ký trong tù

Thân thể ở trong lao,
Tinh thần ở ngoài lao;
Muốn nên sự nghiệp lớn,
Tinh thần phải càng cao.

Mở đầu tập nhật ký

Ngâm thơ ta vốn không ham,
Nhưng vì trong ngục biết làm chi đây;
Ngày dài ngâm đợi cho khuây,
Vừa ngâm vừa đợi đến ngày tự do.

Các báo đăng tin: Đại hội hoan nghênh Willkie

Cũng là đi Trùng Khánh,
Cũng là bạn Trung Hoa;
Anh, làm khách trên sảnh,
Tôi, thân tù dưới nhà;
Cùng là đại biểu cả,
Khinh trọng sao khác xa?
Thói thường chia ấm lạnh,
Về đông nước chảy mà!

Cảnh binh khiêng lợn cùng đi

Khiêng lợn, lính cùng đi một lối,
Ta thì người dắt, lợn người khiêng;
Con người coi rẻ hơn con lợn,
Chỉ tại người không có chủ quyền.

Trên đời nghìn vạn điều cay đắng,
Cay đắng chi bằng mất tự do?
Mỗi việc mỗi lời không tự chủ,
Để cho người dắt tựa trâu bò!

Cấm hút thuốc (Thuốc lá)

Hút thuốc nơi này cấm gắt gao,
Thuốc anh nó tịch, bỏ vào bao;
Nó thì kéo tẩu tha hồ hút,
Anh hút, còng đây, tay ghé vào.
(Nó: lính ngục)

Chăn giấy của người bạn tù

Quyển xưa, sách mới bồi thêm ấm,
Chăn giấy còn hơn chẳng có chăn;
Trướng gấm, giường ngà, ai có biết,
Trong tù bao kẻ ngủ không an?

Chia nước

Mỗi người nửa chậu nước nhà pha,
Rửa mặt pha trà tự ý ta;
Ai muốn pha trà, đừng rửa mặt,
Ai cần rửa mặt, chớ pha trà.

Chiều hôm

Cơm xong, bóng đã xuống trầm trầm,
Vang tiếng đàn ca, rộn tiếng ngâm;
Nhà ngục Tĩnh Tây mờ mịt tối,
Bỗng thành nhạc quán viện hàn lâm.

Chiều tối

Chim mỏi về rừng tìm chốn ngủ,
Chòm mây trôi nhẹ giữa từng không;
Cô em xóm núi xay ngô tối,
Xay hết, lò than đã rực hồng.

Cơm tù

Không rau, không muối, canh không có,
Mỗi bữa lưng cơm đỏ gọi là;
Có kẻ đem cơm còn chắc dạ,
Không người lo bữa đói kêu cha.

Dây trói

Rồng quấn vòng quanh chân với tay,
Trông như quan võ đủ tua, đai;
Tua đai quan võ bằng kim tuyến
Tua của ta là một cuộn gai.

Đánh bạc

Đánh bạc ở ngoài, quan bắt tội,
Trong tù đánh bạc được công khai;
Bị tù, con bạc ăn năn mãi:
Sao trước không vô quách chốn này!?

Đêm lạnh

Đêm thu không đệm cũng không chăn,
Gối quắp, lưng còng, ngủ chẳng an;
Khóm chuối trăng soi càng thấy lạnh,
Nhòm song, Bắc Đẩu đã nằm ngang.

Đêm ngủ ở Long Tuyền

“Đôi ngựa” ngày đi chẳng nghỉ chân,
Món “gà năm vị”, tối thường ăn;
Thừa cơ rét, rệp xông vào đánh,
Mừng sớm nghe oanh hót xóm gần.

Đi Nam Ninh

Hôm nay xiềng xích thay dây trói,
Mỗi bước leng keng tiếng ngọc rung;
Tuy bị tình nghi là gián điệp,
Mà sao khanh tướng vẻ ung dung.

Đường đời hiểm trở

Đi khắp đèo cao, khắp núi cao,
Ngờ đâu đường phẳng lại lao đao!
Núi cao gặp hổ mà vô sự,
Đường phẳng gặp người bị tống lao?!

Ta là đại biểu dân Việt Nam,
Tìm đến Trung Hoa để hội đàm;
Ai ngỡ đất bằng gây sóng gió,
Phải làm "khách quý" ở nhà giam!

Ta người ngay thẳng, lòng trong trắng,
Lại bị tình nghi là Hán gian;
Xử thế từ xưa không phải dễ,
Mà nay, xử thế khó khăn hơn.

Ghẻ lở

Đầy mình đỏ tím như hoa gấm,
Sột soạt luôn tay tựa gảy đàn;
Mặc gấm, bạn tù đều khách quý,
Gảy đàn, trong ngục thảy tri âm.

Hoàng hôn

Gió sắc tựa gươm mài đá núi,
Rét như dùi nhọn chích cành cây;
Chùa xa chuông giục người nhanh bước,
Trẻ dẫn trâu về tiếng sáo bay.

Học đánh cờ

Nhàn rỗi đem cờ học đánh chơi,
Thiên binh vạn mã đuổi nhau hoài;
Tấn công, thoái thủ nên thần tốc,
Chân lẹ, tài cao ắt thắng người.

Phải nhìn cho rộng suy cho kỹ,
Kiên quyết, không ngừng thế tấn công;
Lạc nước, hai xe đành bỏ phí,
Gặp thời, một tốt cũng thành công.

Vốn trước hai bên ngang thế lực,
Mà sau thắng lợi một bên giành;
Tấn công, phòng thủ không sơ hở,
Đại tướng anh hùng mới xứng danh.

Không ngủ được

Một canh... hai canh... lại ba canh,
Trằn trọc băn khoăn, giấc chẳng thành;
Canh bốn, canh năm vừa chợp mắt,
Sao vàng năm cánh mộng hồn quanh.

Lính ngục đánh cắp mất chiếc gậy của ta

Suốt đời ngay thẳng lại kiên cường,
Dìu dắt nhau đi mấy tuyết sương;
Giận kẻ gian kia gây cách biệt,
Hai ta dằng dặc nỗi buồn thương.

Mới đến nhà lao Thiên Bảo

Năm mươi ba dặm, một ngày trời,
Áo mũ ướt đầm, dép tả tơi;
Lại khổ thâu đêm không chốn ngủ,
Ngồi trên hố xí đợi ban mai.

Ngắm trăng

Trong tù không rượu cũng không hoa,
Cảnh đẹp đêm nay khó hững hờ;
Người ngắm trăng soi ngoài cửa sổ,
Trăng nhòm khe cửa ngắm nhà thơ.

Nghe tiếng giã gạo

Gạo đem vào giã bao đau đớn,
Gạo giã xong rồi, trắng tựa bông
Sống ở trên đời người cũng vậy,
Gian nan rèn luyện mới thành công..

Người bạn tù thổi sáo

Bỗng nghe trong ngục sáo vi vu,
Khúc nhạc tình quê chuyển điệu sầu;
Muôn dặm quan hà , khôn xiết nỗi,
Lên lầu ai đó ngóng trông nhau.

Rụng mất một chiếc răng

Cứng rắn như anh chẳng kém ai,
Chẳng như lão lưỡi dẻo và dài;
Ngọt bùi cay đắng từng chia sẻ,
Nay kẻ chân mây, kẻ cuối trời.

Sinh hoạt trong tù

Hỏa lò ai cũng có riêng rồi,
Nhỏ nhỏ, to to mấy chiếc nồi;
Cơm, nước, rau, canh, đun với nấu,
Suốt ngày khói lửa mãi không thôi.

Bài thơ: Trung thu

Trung thu vành vạnh mảnh gương thu,
Sáng khắp nhân gian bạc một màu;
Sum họp nhà ai ăn tết đó,
Chẳng quên trong ngục kẻ ăn sầu.

Trung thu ta cũng tết trong tù,
Trăng gió đêm thu gợn vẻ sầu;
Chẳng được tự do mà thưởng nguyệt,
Lòng theo vời vợi mảnh trăng thu.

Tự khuyên mình

Ví không có cảnh đông tàn,
Thì đâu có cảnh huy hoàng ngày xuân;
Nghĩ mình trong bước gian truân,
Tai ương rèn luyện tinh thần thêm hăng.

Vào nhà ngục huyện Tĩnh Tây

Trong lao tù cũ đón tù mới,
Trên trời mây tạnh đuổi mây mưa;
Tạnh, mưa, mây nổi bay đi hết,
Còn lại trong tù khách tự do.

Vợ người bạn tù đến nhà lao thăm chồng

Anh ở trong song sắt,
Em ở ngoài song sắt;
Gần nhau chỉ tấc gang,
Mà cách nhau trời vực;

Miệng nói chẳng nên lời,
Chỉ còn nhờ khóe mắt;
Chưa nói, lệ tuôn tràn,
Cảnh tình đáng thương thật!

DIÁRIO DA PRISÃO

"Aqui teu corpo está preso na cela.
Teu espírito, não, ele está livre."

Hồ CHÍ MINH

Diario da Prisão

Aqui teu corpo está preso na cela.
Teu espírito, não, ele está livre.
Se queres continuar tua missão,
deves manter elevado o teu moral.

Em primeira mão

Versos jamais me apaixonaram tanto.
Mas, sem nada a fazer prisioneiro,
distraio os dias, que são longos, rimo
enquanto espero ver a liberdade.

Organiza-se a recepção solene de Wilkie [1]

(A imprensa anuncia)

Como tu, amigo da China.
Como tu, indo a Tch'oûng King.
Estás sentado no salão.
Eu, prisioneiro.
Como tu, sou também delegado.
Por que a diferença?
Parcialidades dos homens.
As águas sempre correm para o Oriente[2].

---

[1] Chefe de uma delegação norte-americana que estava na China em 1942. (Nota da edição vietnamita)

[2] Poucas pessoas observam, no mapa geográfico, que todos os rios da China (o rio Amarelo, o Yang Tseù ou o Si Kiang) correm para o leste. Daí o célebre verso que passou a provérbio: "Desde os tempos antigos que as águas correm para o Oriente". (Nota da edição vietnamita)

Na estrada... Os guardas carregavam um porco

Carregando um leitão, os guardas me puxavam.
Vai nos braços um porco, um homem na coleira.
Um porco vale mais. É baixo o preço de um homem
quando não pode usar a sua liberdade.

Entre mil aflições, centenas de infortúnios,
Perder a liberdade é o que pior existe.
Quando cada atitude e cada gesto espreitam,
sois um cavalo, um boi que qualquer um maneja.

Proibido fumar

É proibido fumar nesse recinto.
O fumo confiscado o guarda usa.
Ele pode fumar quando quiser,
Mas, se fumas, irmão, botam-te algemas.

Coberto de papel do companheiro de prisão

Livros novos, papéis velhos são amontoados.
Cobertor de papel é melhor que nenhum.
Abrigados do frio os ricos adormecem
Enquanto na prisão tantos tremem sem sono.

A ração d'água

Meia bacia é a ração d'água.
Faz-se o que quer: asseio ou chá.
Você quer se lavar?
Esqueça o chá
Você quer o chá?
Deixe o asseio.

Sarau

Ao pôr do sol quando o jantar termina,
ouve-se música por toda parte.
Sombria e melancólica, Tsíng Si
Parece transformar-se em uma academia.

Ao cair da noite

O pássaro cansado volta ao ninho
Entre as sombras do bosque.
Vagueia a nuvem pelo céu deserto.
Uma jovem na aldeia moe o milho
e o fogo inflama sua luz vermelha.

Refeição de prisioneiro

Uma tigela de arroz vermelho: qualquer refeição.
Nem legumes, nem sal, nem mesmo caldo.
Aquele que possui quem lhe abasteça pode comer na cadeia.
Quem não possui ninguém grita pai e mãe.

Pernas e braços amarrados

Enrolam-se os dragões nas pernas e nos braços[3].
Terão os generais dragonas mais bonitas?
Em fios de ouro são as dragonas que ostentam.
As minhas ¾ podem ver ¾ são belas cordas grossas.

---

[3] Os dragões eram atributos dos imperadores chineses e vietnamitas, os emblemas de majestade, por causa de seus ancestrais totêmicos. (Nota da edição vietnamita)

Jogo de azar

Perseguem-se lá fora os jogadores.
Mas na prisão campeia livre o jogo.
O que vai preso várias vezes chora
só ter reconhecido o lugar certo.

Noite de outono

À noite, o corpo e as pernas enroscadas.
Nem colchão nem coberta, insone ao frio.
Sob o gelo da lua, as bananeiras.
A Ursa maior oscila na vigia.

Noite em Long Ts'iuen

Correm durante o dia os meus cavalos rápidos[4].
Como um frango no espeto[5]. Eu a noite me sinto.
O frio a aproxima-se, os piolhos traiçoeiros.
Mas com o verdelhão por sorte canta o dia[6].

[4] O poeta alude às suas pernas que, a pé, perfaziam 53 quilômetros durante ao dia, para velá-las à noite, metidas em ferros, como frango no espeto ou, mais exatamente: como frango em cinco temperos, versão chinesa do frango no espeto, que consiste em amarrar as pernas e as asas da ave, aromatizá-la e arrumar as coxas artisticamente retorcidas. (Nota da edição vietnamita)
[5] Espécie de tortura, como pau-de-arara. (Nota dos tradutores)
[6] Pássaro cujo macho tem o peito amarelo e as asas negras. As fêmeas são azuis e possuem as asas negras. (Nota dos tradutores)

Acorrentado a caminho de Nâng Nîng

A corda é bem vulgar. Trocam-na por grilhões
que provocam os sons de jade e camafeu.
Suspeito como espião aos olhares dos guardas,
que caminhar de rei, que porte de fidalgo![7]

[7] Quando dignatários e importantes homens de letras achavam-se, outrora, em audiência solene na corte, usavam cinturões enfeitados de pedras preciosas, que produziam singular ruído. (Nota da edição vietnamita)

Caminho da vida

Montes atravessei, venci as alturas.
As planícies são mais difíceis de passar.
Não me fizeram mal os tigres das montanhas,
mas encontrei um homem e ele me prendeu.

O novo Vietnã eu represento
em vista de amizade aos chefes de um país irmão.
É o oceano que contra a terra se arrebenta?
Vejo que me reservaram as honras da cadeia.

Sou um homem honesto e tranquilo:
imaginam-me um chinês tenebroso.
É sempre difícil o caminho da vida,
Mas viver sua vida, não é nada fácil.

A sarna

Cobertos de azul[8] e manchados de chagas.
Que damasco em flor!
Violas sensíveis que todo dia dedilhamos.
Vestidos em damasco, belos Senhores do Cárcere...
Que concerto de corações!
Que concerto de música!

[8] O poeta refere-se à cianose, enfermidade produzida por embaraço circulatório e que provoca uma coloração azulada na pele. (Nota da edição vietnamita)

Crepúsculo

No rebolo dos montes a espada dos ventos se afia.
Um frio de lâmina atravessa a carne dos maciços.
Soa ao longe um sino... Apressa-te peregrino!
A criança recolhe o búfalo
soprando flauta.

O jogo de xadrez

O jogo de xadrez ocupa o tempo.
Lutam sem trégua infantes e cavalos[9].
Como um raio afastar-se
e atacar como um raio.

A tenção e destreza o avanço guiam.
Como minúcia e largueza de visão,
resoluto e tenaz, acossar sem descanso.
De que serve teus carros se caíste no impasse?
Um peão bem colocado o jogo vence.

O equilíbrio de um lance encurrala o inimigo.
A vitória final se delineia.
Prepara bem teus golpes,
mantém secreto o plano,
que assim te tornarás um grande capitão.

---

[9] Na China, a terminologia do jogo de xadrez baseia-se na do antigo exército. O peão chama-se infante ou soldado de infantaria; o rei, capitão ou general: a torre e a dama, carro. (Nota da edição vietnamita)

Insônia

Uma noite sem dormir. Duas noites. Três noites.
Impossível dormir! Agito-me, angustiado.
Quarta noite. Quinta noite... Será sonho? Vigília?
Cinco pontas de uma estrela enrolam meus pensamentos[10].

---

[10] A bandeira da resistência vietnamita tem uma estrela de cinco pontas sobre um fundo vermelho. (Nota da edição vietnamita)

O meu bastão roubado por um guarda

Sempre foste direito, infatigável, firme.
Fundido à minha mão, andamos pelos anos.
Maldito seja quem nos separou! Patife!
Solitário deixou-te. E a mim, inconsolável.

Ao chegar à prisão de Tien Pao

Cinquenta e três quilômetros ao dia,
meias rotas, chapéu, roupas molhadas.
Sem saber o lugar onde dormir
aguarda na latrina o sol nascer.

A lua

Que fazer ante o encanto da noite e a beleza do tempo?
Através das grades o homem contempla a lua.
A lua contempla a lua através das grades.

Canto do arroz descascando

Sofre o arroz o choque do pilão.
Repare que brancura após a prova.
Também um homem para ser um homem
Tem que sentir o golpe do infortúnio.

A flauta do companheiro de prisão

Uma canção de nostalgia
subitamente inunda as celas da cadeia.
O tom, gemido. O ritmo, soluço.
Que sofrimento ver-se do outro lado,
por vales e montanhas,
sombra de uma bandeira
que tristemente espera.

Adeus a um dente

Inabalável foste,
a vida de sete fôlegos.
Eras tão diferente de tua irmã mais velha[11],
flexível, incomensurável.
Partilhamos juntos o gosto da vida.
E agora nos separam
meu dente inseparável.

[11] Trata-se da língua, irmã mais velha do dente, porque o precede na vida. (Nota da edição vietnamita)

A vida na prisão

Um fogareiro cada qual possui.
A marmita ajustada ao seu tamanho.
Para fazer chá, arroz, legumes,
Arde o fogo sagrado todo o dia.

Impressões do outono

A Ursa Maior nos montes. São dez horas.
Sua alegria o grilo canta. Outono.
Que importa ao preso tanta natureza
Se só um canto escuta: a liberdade.

O outono viu-me livre no outro ano
e eis que me encontra agora prisioneiro.
Sou menos útil ao meu povo amado?
Este outono bem vale o que passou.

Extorção dirigida a si próprio

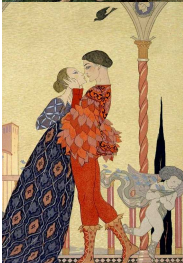
Se não houvesse o luto, a morte, o frio do inverno,
quem reconheceria o frio do inverno?
O acaso conduziu-me aos fornos das desgraças
para fazer-me forte e de consciência rija.

Chegada à prisão de Tsîng Si [12]

O novo preso, acolhem-no os veteranos.
Nuvens de azul perseguem tempestade.
Livremente no céu as nuvens passam.
Um homem livre, só, resta no cárcere.

[12] Cidade principal um *hsién* (espécie de município) do mesmo nome, subordinada à província de Kouàng Si. (Nota da edição vietnamita)

A mulher visita o marido preso

Ele
detrás das grades
Ela
diante.
Tão próximos: uma polegada.
E tão distantes: o céu da terra.
O que a boca deve calar
os olhos contam.
Antes da palavra
as lágrimas nas pálpebras.

CAPA:

Inscrição de Jiroft, Irã
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Miçangas, 2014
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Fotos de:
Gleiton Lentz (pp. 8, 104, 187 e 205)
Irã (antiga Pérsia)
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Nikolaos Gyzis (p. 9)
A aranha, 1884
Óleo sobre madeira
THE NATIONAL GALLERY, ATENAS

Kamal Boullat (p. 34)
Sem título, 1966
Aquarela e tinta sobre papel
COLEÇÃO PARTICULAR

Iwona Chmielewska (p. 47)
Capa para *Wiersze*, de Cyprian Nordid, 2009
Ilustração
WYDAWNICTWO ALGO, TORUŃ

Sandro Botticelli e assistentes (p. 70)
Detalhe de *As provações de Moisés*, 1481-82
Afresco
CAPPELLA SISTINA, ROMA

Georges Barbier (p. 91)
Detalhe de *Amantes na varanda*, c. 1916
Ilustração
THE STAPLETON COLLECTION, LONDRES

Archibald S. Hartrick (p. 105)
"The Beetle-Hunter" # 6, para *The Strand Magazine*, 1898
Ilustração
WWW.ARTHUR-CONAN-DOYLE.COM

Pere Ginard (p. 137)
Detalhe de "Um velho senhor na ponte", 2016
Ilustração
LIBROSDELZORROROJO.COM

Caspar David Friedrich (p. 144)
Detalhe de *Dois homens à beira-mar*, 1817
Óleo sobre tela
ALTE NATIONALGALERIE, BERLIM

Neil Jordan (diretor) (p. 166)
Cena do filme "The Company of Wolves", 1984
Cartaz
MOVIEPOSTERSGALLERY.COM

Jules Laurens (p. 188)
Detalhe de *Monte Ventoux visto da estrada de Carpentras para Bédoin.*, s.d.
Óleo sobre tela
MUSÉE COMTADIN-DUPLESSIS, CARPENTRAS

Hồ Chí Minh (autor) (p. 206)
Capa original do *Diário de Prisão*, de Hồ Chí Minh, 1942-43
Brochura
NATIONAL MUSEUM OF VIETNAMESE HISTORY, HANÓI

CONTRACAPA:
Gleiton Lentz (p. 302)
Escritório de Tradução em Teerã, Irã (2019)
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

*

A (n.t.) | 16º acabou-se de editar em 1º de março de 2020.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego antigo, polonês e vietnamita: **Palatino Linotype**
Árabe: **Sakkal Majalla** Chinês: MS Mincho

UMA REVISTA DE TRADUTORES